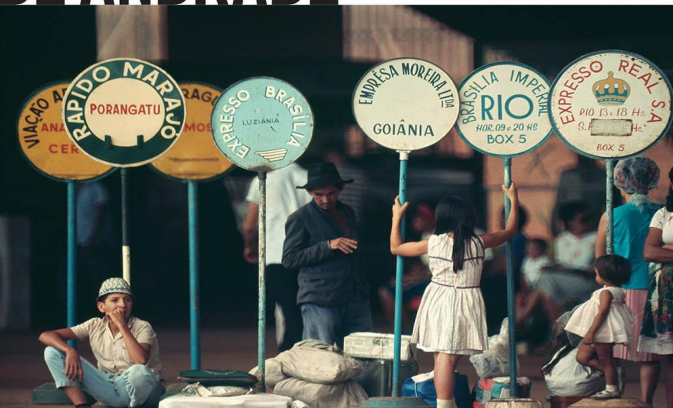


DE NOTÍCIAS & NÃO NOTÍCIAS FAZ-SE A CRÔNICA

**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

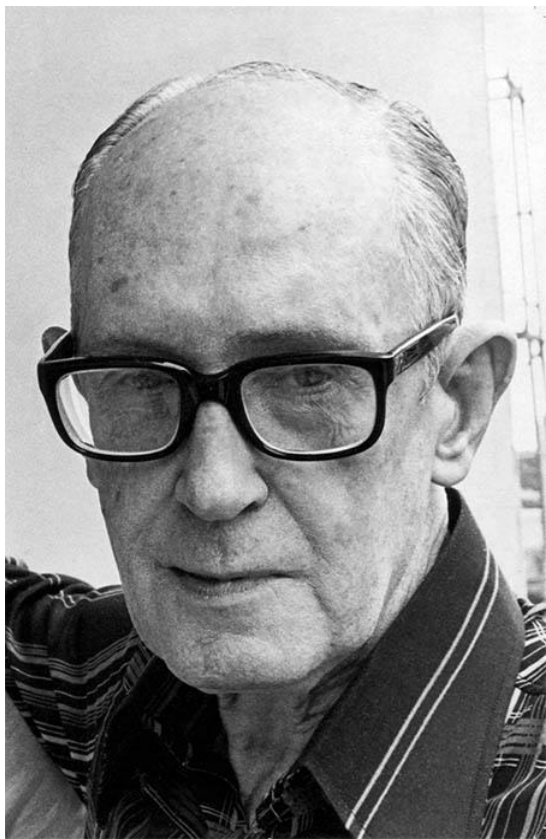
"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



FAZ-SE A CRÔNICA

HISTÓRIAS – DIÁLOGOS – DIVAGAÇÕES

COMPANHIA DAS LETRAS



Sumário

NACIONAL

Brasileiro cem-milhões

Compre livro no táxi

INTERNACIONAL

Comprometido em Watergate

POLÍTICA

Inexplicável interesse em torno de um cidadão qualquer

EDITORIAL

O pai, hoje e amanhã

CIDADE

Viadutos

Vosso prospecto

O busto proibido

O delicado

Aconteceu alguma coisa

Solilóquio

COMPORTAMENTO

Recalcitrante

Dia de mentiroso

Continuando a mentir

Horóscopo

Quadro na parede

Moça na chuva

Entre palavras

Excelências

Modos de xingar

Receita

O outro

O verbo matar

GENTE

Serás ministro

Conversa de morango

Margarida

Diálogo imaginário

SOCIEDADE

O convidado agradece

MODA

A moda é muda

Umbigo

Nome de boutique

ARTES & LETRAS

Peça nova

Questão de idade

Viagem a Paris

Banco barroco

Boneca triste

Calça literária

Supersede

Conversa muito louca

CULTURA & ENSINO

Amor entre livros

Gravação

Da utilidade dos animais

Enciclopédia carioca

SAÚDE

Coração segundo

Oito em um

ECOLOGIA

Civilização

Peixe-boi

Barata

Outra barata

Poluição geral

MONTANHISMO

Duas mulheres

CONSUMO

Elefantex s.a.

[Fama](#)
[Coisas de graça](#)
[A de sempre](#)
[Glória](#)
[Pesquisa](#)

[POLÍCIA](#)

[Espadrapo](#)
[Ladrões no terraço](#)
[Comprar revista](#)

[ECONOMIA & MERCADO](#)

[Conversa alheia](#)
[Mulher na bolsa](#)

[CADERNO INFANTIL](#)

[Vamos brincar](#)

[CLASSIFICADOS](#)

[Cartas de estimação](#)
[Colecionadora](#)
[Viúva loura](#)

[FESTAS](#)

[Reforma das persianas](#)
[Auto brasileiro de Natal](#)

[Nota da edição](#)

[Posfácio](#)

[*As cabriolas de Carlos Drummond de Andrade.*](#)

[Eduardo Coelho](#)

[Leituras recomendadas](#)
[Cronologia](#)

**DE NOTÍCIAS &
NÃO NOTÍCIAS
FAZ-SE A CRÔNICA**

Este livro contém histórias leves e desajuizadas opiniões sobre o desconcerto do mundo em que uns vivem e outros olham viver. Foram publicadas inicialmente no Caderno B do *Jornal do Brasil*.

nacional

Telefonei para a maternidade indagando se havia nascido o bebê nº 100 000 000, e não souberam informar-me:

— De zero hora até este momento nasceram oito, mas nenhum foi etiquetado com esse número.

É uma falha do nosso registro civil: as crianças não recebem número ao nascer. Dão-lhes apenas um nome, às vezes surrealista, que as acompanhará por toda a vida como pesadelo, quando a numeração pura e simples viria garantir identidade insofismável, poupando ainda o vexame de carregar certos antropônimos. Centenas de milhares nascem João ou José, mas o homem ou a mulher 25 786 439 seria uma única pessoa viva, muito mais fácil de cadastrar no fichário do Imposto de Renda e nos dez mil outros fichários com que é policiada a nossa existência.

Passei por baixo do viaduto, onde costumam nascer filhos do vento, e reinava uma paz de latas enferrujadas e grama sem problemas. Ninguém nascera ali depois da meia-noite. O dia 21 de agosto, marcado para o advento do brasileiro cem-milhões, transcorria sem que sinal algum, na terra ou no ar, registrasse o acontecimento.

Costumo acreditar nos bancos, principalmente nos oficiais, e se o Banco Nacional da Habitação, através do Serfhau, garantiu que nessa segunda-feira o Brasil atingiria a cifra redonda de cem milhões de habitantes, é porque uma parturiente adrede orientada estaria de plantão para perfazer esse número.

Verdade seja que o IBGE, pelo Centro Brasileiro de Estudos Demográficos, julgou prematura a declaração, e só para o trimestre de outubro/dezembro nos promete o brasileiro em questão. Não ponho em dúvida sua autoridade técnica, mas um banco é um banco, ainda mais se agência governamental, e a esta hora deve ter recolhido nosso centésimo milionésimo compatriota em berço especial da casa própria, botando-lhe à cabeceira um cofre de caderneta de poupança.

É que me custa admitir o nascimento desse garoto, ou garota, sem o amparo de nossas leis sociais, condenado a ser menos que número — uma dessas crianças mendicantes, que não conhecerão as almofadas da felicidade. Não queria que a televisão lhe desse um carnê e uma viagem à Grécia, nem era preciso que a *Manchete* lhe dedicasse dez páginas coloridas, sob o patrocínio do melhor leite em pó. Mas gostaria que viesse ao mundo com um mínimo de garantia contra as compulsões da miséria e da injustiça, e de algum modo representasse situação idêntica de milhões de outras crianças que recebessem —

estou pedindo muito? — não somente o dom da vida, mas oportunidades de vivê-la.

Seria vaidade irrisória proclamar-se ele o 100 000 000^o brasileiro, membro eufórico da geração dos cem milhões, e saber-se apenas mais um marginalizado, que só por artifício de média ganha sua fatia no bolo do Produto Nacional Bruto.

Não o desejo herói de monumento nem mártir anônimo. Prefiro vê-lo como um ser capaz de fazer alguma coisa de normal numa sociedade razoavelmente suportável, em que a vida não seja obrigação estúpida, sem pausa para fruir a graça das coisas naturais e o que lhes acrescentou a imaginação humana.

Olho para esse brasileiro cem-milhões, nascido ontem ou por nascer daqui a algumas semanas, como se ele fosse meu neto... bisneto, talvez. Pois quando me dei conta de mim, isso aí era um país de vinte milhões de pessoas, diluídas num território quase só mistério, que aos poucos se foi desbravando, mantendo ainda bolsões de sombra. Vi crescer a terra e lutarem os homens, entre desajustes e sofrimentos. Os maiores que dirigiam o processo lá se foram todos. Vieram outros e outros, e encontro nesta geração o novo rosto da vida, que se interroga. Há muita ingenuidade, também muita coragem, e os problemas se multiplicaram com o crescimento desordenado. Somos mais ricos... e também mais pobres.

Meu querido e desconhecido irmão n^o 100 000 000, onde quer que estejas nascendo, fica de olho no futuro, presta atenção nas coisas para que não façam de ti subproduto de consumo, e boa viagem pelo século XXI adentro.

Enquanto no Rio os motoristas de praça ainda cuidam de adaptar os taxímetros à nova tabela periódica de preços, os seus colegas de São Paulo já vão de primeira na corrida cultural, uma corrida diferente de qualquer outra. Junto à direção, os carros ostentam pequena e variada coleção de livros. Novidade de uma empresa de transportes coletivos.

— O senhor gosta de ler tanto assim nas horas de folga? — pergunta o passageiro, que nunca vira livro algum em táxi, salvo aquele que alguém esquecera, de propósito, para livrar-se de um poeta-processo.

— Gostar eu gosto, doutor, mas é que nunca tenho folga.

— Então por que carrega esses livros todos no carro?

— Para vender. O doutor já leu *Bar Don Juan*, do Antonio Callado? É o quente.

— Li logo que saiu, há tempos. Por sinal que...

— Agora está em segunda edição, e quem lê gosta, confere e comenta. E *Milho pra galinha*, *Mariquinha*, daquela moça Marisa Raja Gabaglia, sabe que o livrinho é uma graça? Pois é. Agora, se o doutor quer saber, *Aonde vamos?*

— Eu sei, vamos para o Alto de Pinheiros, como eu lhe disse.

— Não é isso. *Aonde vamos?*, que eu disse, é uma novidade, olhe aqui. Do cientista Hannes Alfvén e sua mulher, uns suecos que estudam a sério os problemas, e saem com umas perguntas e umas respostas que obrigam a gente a parar pra pensar. Espie só os assuntos: a idade do computador, a explosão demográfica, os incompetentes no poder, o direito do homem se multiplicar, e tal e coisa. Agora, se o doutor quer saber o que se passa no Peru, tem aqui esse volume do Arnaldo Pedroso d'Horta, que é tão bom no desenho como nos estudos políticos, conhece?

— Conheço e admiro. Mas me diga uma coisa: os passageiros costumam comprar?

— Primeiro se espantam, como o doutor, depois compram. Até me encomendam livros. São fregueses conhecidos, que não têm tempo (eles dizem que não têm) de passar nas livrarias. Uns compram pela primeira vez na vida, não é mentira não. O livro fica tão perto do nariz deles, no carrinho, que resolvem experimentar.

— Moça compra?

— Não posso me queixar das moças. Garotões, nem por isso.

— E que é que elas preferem?

— Dá muito psicologia, ciências sociais, comunicação, essas coisas. Os velhos

é que...

— Que é que têm os velhos?

— Estão cada vez mais impossíveis. Aham que eu devia botar aqui aqueles livrecos marotos, sabe como é? Aquelas revistas de sobrecapa de plástico, que eles não têm coragem de pedir ao jornaleiro. Há um que não cansa de perguntar, quando entra no carro: “Como é, já me arranjou aquela edição do *Elixir do pajé*, de Bernardo Guimarães?”. Deve ser alguma receita de remédio para a faixa dos setenta, sei lá, nunca li.

— Ou senão, trata-se de um bibliófilo.

— Biblio o quê? Pode ser. Mas caso sério foi com o assaltante.

— Carregou com os livros?

— Pior. Queria rasgar tudo, só porque eu não tinha o *Manual do perfeito assaltante*, que ele garantia que saiu este ano nos Estados Unidos e já foi traduzido.

— E daí?

— Daí, que ele exigia o livro com a pistola na minha nuca, e eu explicava a ele que não sabia da existência do manual americano nem da tradução. Não saiu nada no jornal, como é que eu podia vender uma coisa dessas, além do mais um livro pouco... pouco tranquilizante, né?

— E ele?

— Pela cara que eu via no retrovisor, e pelo frio da arma, não gostou da explicação. Me disse que era o tradutor da obra, e que ela só podia mesmo ser vendida em táxi, ora o doutor já viu? Sai um cristão promovendo a cultura do país, e metem-lhe um cano no pescoço, pra ele fazer a divulgação de uma barbaridade dessas.

— E como foi que o senhor saiu da situação?

— Quem saiu foi ele. Me virei pra trás e disse assim: “Olha aqui, meu distinto, se quer atirar, atira logo de uma vez, que eu não estou aqui pra aturar tradutores de livros desse tipo. Ou bem que você é tradutor ou bem que é assaltante. Anda lá, não empata!”. Ele não esperava essa, nisso o carro bateu num poste, batidinha leve, mas ele sentiu que a barra estava ficando pesada e deu no pé. No que eu nasci de novo e nunca mais vi o tipo. O doutor acredita mesmo que saiu esse livro, ou é lelequice dele?

Como chegassem ao fim da corrida, o motorista arrematou:

— Se permite, este livrinho aqui o doutor vai levar. Só oito cruzeiros, uns versinhos sem pretensão mas com muita alma, que andei rabiscando nas horas de folga. Como é o nome do doutor? Para o autógrafo.

internacional

comprometido em watergate

Acordo assustado. Telefone tocando a essa hora.

— Mr. Drummond? *I beg your pardon*. Da parte de Mr. Sirica. Mr. Sirica deseja conversar com senhor *about* caso Watergate. Pode tomar avião para Washington *immediately*?

— Como? Watergate? Que tenho eu com isso?

— Venha, Mr. Drummond. Aqui explicaremos tudo. Necessária sua presença.

— Não vou coisa nenhuma. Que é que o senhor está pensando?

— *Sorry*, Mr. Drummond. Eu não penso. Cumpro ordens. Seu nome envolvido no processo. Depoimento de Mr. Dean III muito comprometedor.

— Escute aqui, ó seu. Brincadeira tem hora.

— Não estou brincando. Os papéis. O cofre.

— Que cofre? Que papéis? Não conheço nenhum Mr. Dean III nem II nem I.

— Mr. Dean entregou papéis para senhor guardar no cofre em Brasil.

— Ele estava bêbado quando disse isto.

— Mr. Hugh Sloan Jr. admite ter entregue cinquenta mil dólares a Mr. Dean para enviar papéis a South America.

— Eu não sou South America, até prova em contrário.

— Mais precisamente: a Mr. Drummond, em país de South America.

— Não sou o único desse sobrenome na América do Sul.

— Acontece que dinheiro foi entregue a Mr. John Brandon, amigo íntimo de Mr. Drummond, juntamente com papéis *top secret*.

— Realmente, sou amigo muito chegado de João Brandão, mas ele não me deu nem papéis nem dólares de espécie alguma.

— Mr. Brandon procurado pela CIA, ainda não encontrado.

— Pudera. Ele nunca é encontrado em casa, na rua ou no trabalho.

— Mr. Brandon vive em estação espacial, *perhaps*?

— Não senhor. Vive por aí, como elfo.

— Elfo? Que bicho é esse?

— Ente fantástico, identificado com os poderes do ar, do fogo, da terra.

— Interessante. Um superespião, *I suppose*?

— Nada disso. Um ser inofensivo.

— Sinto dizer que esse ser inofensivo e aéreo recebeu cinquenta mil dólares do Tesouro americano, e meio quilo de papéis sigilosos, para entregar a Mr. Drummond.

— E há prova de que recebi uma coisa e outra?

— Sim, há prova. Mr. Herbert Porter, que trabalhava no Departamento de Comunicações de White House, confessou ter em seu poder telex de Mr. Drummond a Mr. Dean III acusando recebimento da manteiga. Em código.

— Nunca em minha longa vida passei telex para indivíduo que se chamasse Herbert Porter.

— Claro. Mr. Porter, em código, chamava-se Sugarmelon.

— Melão Doce? Vê lá se eu ia me corresponder com um indivíduo chamado Melão Doce. Dou-me ao respeito.

— Não é só, Mr. Drummond. Também Mr. Kissinger...

— Não vá botar o dr. Kissinger nesta embrulhada.

— A questão é que ele já está. Mr. Kissinger fez esforços desesperados para recolher ao seu gabinete o arquivo de Mr. Porter.

— E daí?

— Mr. Porter fugiu com arquivo, mas este foi apreendido por mandado de Mr. Sirica. Wandering Jew, codinome de Mr. Kissinger, aparece várias vezes na ementa de papéis remetidos por Mr. Dean III a Mr. Drummond.

— Falta só dizer que o dr. Kissinger me transmitiu apelo do presidente Nixon para eu guardar a sete chaves os papéis e queimá-los em emergência grave, pois não?

— *Exactly*. Este apelo existe. Senhor acaba de confessar que está implicado até raiz de cabelos em caso Watergate.

— E o presidente Nixon também, né?

— Lamento informar que *Mr. President* foi convidado a depor na próxima semana. Só o senhor não quer vir? Venha, Mr. Drummond. *Please*, me dê telefones de Mr. Fernando Sabino e Mr. Davi Neves, também sob suspeitas. Estiveram em New York passado abril e almoçaram com Mr. Gordon Stracham, conversa gravada. Aliás, nossa conversa agora também gravada. Mr. Sirica dará imunidades todos três para depor a salvo qualquer ameaça. *Good night*, Mr. Drummond.

Pelo sim pelo não, estou tirando meu passaporte. Mr. Sabino e Mr. Neves, talvez inventores de todo este rocambole, que se cuidem. Se as malhas do processo chegaram até a nós, não dou um dólar furado pelo segundo mandato de Mr. Nixon.

política

inexplicável interesse em torno
de um cidadão qualquer

I / *De como tudo mudou*

Desde que fui visto no interior do Jardim Botânico, uma dessas manhãs do presente mês de agosto de 1973, venho recebendo demonstrações especiais de simpatia, da parte de conhecidos e principalmente de estranhos. Não sei a que atribuir esta onda de interesse em torno de minha pessoa. Até aquele dia, eu passava mais ou menos despercebido em todos os pontos da cidade que costume frequentar. Era cumprimentado por uma ou duas pessoas, no máximo; ou nem isso. Passeava minha anonimidade sem despertar a menor reação.

Eis que inexplicavelmente tudo mudou. Foi acudir-me a ideia de visitar as plantas do mês no Jardim Botânico (as plantas que florescem em agosto) e logo me vi cercado de atenções que me deixam estupefato. Por que de repente me consideram indivíduo tão fora de série, merecedor do carinho geral?

Depois de ter contemplado os vegetais que ostentam neste mês as galas da florescência, ia retirar-me em direção ao ponto de ônibus. Nisto, minha atenção foi solicitada por um gato que dormia pacificamente junto à soleira de uma casa ali existente. Os gatos, como as flores, me cativam, e meu olhar ecológico se compraz em admirá-los como documentos de uma era ameaçada de extinção. A flor abria-se em esplendor, o bichano fechava-se em serenidade, e as duas coisas eram gratas a este espírito antiquado. Afinal, movimentei-me.

— Não espere condução; aqui estou para servi-lo — disse-me um cavalheiro de quarenta anos, que vi logo ser um executivo, pela mala 007 que portava, juntamente com outros sinais específicos enumerados pelo *Jornal do Brasil*. Terno de executivo, jeito de executivo, sorriso talvez mais que de executivo: sorriso de amigo. Mas que amigo, se jamais o vira em minha vida?

Explicou-me que, passando por ali, percebera minha intenção de aguardar o coletivo, e como, por felicidade, tinha uma hora disponível, dispunha-se a levar-me para onde eu quisesse, aproveitando a chance de gozar dos encantos de minha palestra.

Quando dei fé de mim, estava dentro do Opala 73 e recebia o cumprimento do chofer, enquanto o meu executivo me atribuía o direito de indicar o itinerário.

Não sou de abusar; pedi que me deixassem três quadras além, sob pretexto de que tinha de visitar um primo ali domiciliado.

— Não senhor, faço questão de levar o prezado doutor o mais longe possível, para desfrutar sua companhia também o maior tempo possível. Não me roube este prazer.

Era tão gentil que não pude senão concordar com a cabeça, resignado.

Estabeleceu-se o que ele chamou de troca de ideias e pontos de vista sobre a conjuntura, em seus contornos lineares e suas projeções transformacionais a curto e médio prazos. Matéria em que sou incuravelmente leigo, mas que tive de versar por meio de pigarro, monossílabos concordantes ou despidantes, e outros sinais de ignorância envergonhada.

O executivo olhava-me fixamente, bebendo minhas reticências e procurando extrair de mim a última palavra sobre tudo. Afinal, sorriu e aprovou:

— Eu sei, eu percebo. Faz bem em fechar-se em copas. No seu lugar eu faria o mesmo. Temos de assumir a consciência de nossas responsabilidades, numa fase em que o silêncio representa a maior e melhor das colaborações. Entendido?

Deixou-me cento e vinte minutos depois, maravilhado com os meus dotes de visão global, prudência vigilante e amadurecimento da problemática geral e das setoriais. Arrancou de mim o compromisso de almoçar com ele na próxima semana, para revermos com calma nossas conceituações básicas, que tinham muito de comum, embora eu não soubesse de qualquer conceituação por mim formulada no trajeto, a propósito dos temas de seu interesse.

Ao descer, não sem espanto notei que um Volks vinha seguindo o Opala. Dele desceu um cavaleiro que correu a cumprimentar-me e solicitou alguns minutos de minha preciosa atenção. Mesmo atrasado com as minhas obrigações, não tive remédio senão ir com ele a uma uisqueria da travessa do Ouvidor. Contarei na próxima, mas continuo indagando: Deus meu, por que tudo isto?

II / Desenvolvimento e fim do equívoco de pouca duração

Conversa na uisqueria:

— Não vá na conversa daquele senhor que o trouxe no carro. Eu também queria trazê-lo, mas ele se precipitou com estrondo e sequestrou-o. É o termo: sequestro. Cuidado com homens de empresa, eles não veem a coisa em termos de nação, só enxergam o fator econômico. Falo como cidadão e como patriota. Em primeiro lugar, felicitações ao Brasil. Por quê? Ora, o senhor sabe. É com homens deste gabarito que podemos contar. Como? Não se faça de desentendido. O senhor disponha de minha colaboração em tudo que for de proveito geral. Nossa classe, quer dizer, a minha, está marginalizada. Cabe a espíritos como o do senhor tirá-la do acostamento, projetá-la, valorizá-la. Outro uísque?

— A esta hora do dia...

— Garçom, mais dois. Sabe? Sua convocação é indicio de novos rumos. Abertura! Tanto se falava nela (ou antes: se cochichava) que afinal ela veio. Aqui está o meu cartão. Me telefone a qualquer hora do dia ou da noite. Faço questão de inscrever-me entre os seus mais modestos e dedicados assessores. O quê? Ah, não tenho pressa. Eu sei que tudo está ainda no terreno dos entendimentos prévios... por favor: não me esqueça. O Brasil merece todos os sacrifícios.

No escritório, já sabiam de tudo, e fui recebido com uma salva de palmas. Confesso que me emocionei, não posso ouvir salva de palmas sem me emocionar. Quando percebi que era dirigida a mim, quis anular a emoção, mas era tarde. Por que botaram flores na minha mesa? Meu chefe veio abraçar-me; abraço apertado. O telefone tocava sempre.

— São os repórteres.

— Que tenho eu a ver com os repórteres?

— Querem saber se você já chegou, para entrevistá-lo.

Fugi. Quem disse que fugir resolve, numa situação dessas? Na livraria, falavam em mim para Intelectual Progressista do Ano.

— Por enquanto, né? Porque em 74...

— Em 74 o quê?

— Escondendo o leite, hem? Sabidão!

Sentia-me perturbado. Nunca me acharam melhor de saúde, nem meu terno mais elegante. Um corretor ofereceu-me um apartamento supersensacional na praça Saens Peña e outro, piramidal, na estrada do Tambá, tudo a preço de banana-prata; eu receberia as chaves, depois a gente conversava. Recebi ofertas de cruzeiros no Mediterrâneo e em outros pontos da Terra. Queriam saber minha opinião sobre ecumenismo, sexologia, congelamento de vidas humanas, corridas de Fórmula 1, jaquetas de verão e tudo mais que se possa, ou não, conceber.

— Tem estado com o Golberi?

— Nunca nos vimos.

— E com o Bulhões?

— Idem.

— Mas aquele senhor alto, ereto, civil de porte militar, que estava com você ontem à tarde, não era o Juarez?

— Era o João Brandão.

— Ah, é?

Esse “ah, é?” veio com tonalidade de desencanto. Decididamente, tinha havido engano. Mas o inquiridor insistiu:

— Você não foi chamado?

— Chamado pra quê?

— Pelo homem.

— Que homem, homem de Deus?

— O do Jardim Botânico, ué.

— Padre Raulino, o diretor? Também não tenho o prazer de conhecê-lo. Fui lá ver as plantas.

— Deixa de cortina de fumaça. Você sabe que eu me refiro ao general Geisel.

— E por que o general havia de me chamar?

— Sei lá. Você foi visto saindo da casa dele.

— Eu?

— Você, sim. E depois de sair, ainda ficou olhando longo tempo para a casa, embevecido.

— Eu olhava um gato dormindo. Adoro gatos.

— Não acredito.

Acabou acreditando. Eu não era um dos pedestais do futuro governo do Brasil. Estivera no Jardim Botânico para fins não políticos. Não seria ministro nem presidente do Banco Central nem eminência parda. Minhas relações com os amigos do general limitavam-se a um gato. E gato visto à distância, sem maior comunicação.

O inquiridor despediu-se com um muxoxo. Minha estrela apagou-se, voltei a ser o Cidadão Qualquer. Sem salva de palmas.

o pai, hoje e amanhã

A civilização industrial, entidade abstrata, nem por isso menos poderosa, encomendou à ciência aplicada a execução de um projeto extremamente concreto: a fabricação do ser humano sem pais.

A ciência aplicada faz o possível para aviar a encomenda a médio prazo. Já venceu a primeira etapa, com a inseminação artificial, que, de um lado, acelera a produtividade dos rebanhos (resultado econômico) e, de outro, anestesia o sentimento filial (resultado moral).

O ser humano concebido por esse processo tanto pode considerar-se filho de dois pais como de nenhum. Em fase mais evoluída, o chamado bebê de proveta dispensará a incubação em ventre materno, desenvolvendo-se sob condições artificiais plenamente satisfatórias. Nenhum vínculo de memória, gratidão, amor, interesse, costume — direi mesmo: de ressentimento ou ódio — o ligará a qualquer pessoa responsável por seu aparecimento. O sêmen, anônimo, obtido por masturbação profissional e recolhido ao banco especializado, por sua vez cederá lugar ao gerador sintético, extraído de recursos da natureza vegetal e mineral. Estará abolida, assim, qualquer participação consciente do homem e da mulher no preparo e formação de uma unidade humana. Esta será produzida sob critérios políticos e econômicos tecnicamente estabelecidos, que excluem a inútil e mesmo perturbadora intromissão do casal. Pai? Mito do passado.

Aparentemente, tal projeto parece coincidir com a tendência, acentuada nos últimos anos, de se contestar a figura tradicional do pai. Eliminando-se a presença incômoda, ter-se-ia realizado o ideal de inúmeros jovens que se revoltam contra ela — o pai de família e o pai social, o governo, a lei — e aspiram à vida isenta de compromissos com valores do passado.

Julgo ilusória esta interpretação. O projeto tecnológico de eliminação do pai vai longe demais no caminho da quebra de padrões. A meu ver, a insubmissão dos filhos aos pais é fenômeno que envolve novo conceito de relações, e não ruptura de relações.

O que eles pretendem, se bem analiso o sentimento difuso e confuso dos moços, é conviver com o pai, sem obedecer-lhe por obrigação compulsória, fundada em dependência econômica. É fazer do pai o companheiro, a quem desculpam ser mais velho que eles (alegada barreira para o entendimento), e que, por ser mais velho, deve atenuar essa inconveniência procurando assimilar novo estilo de vida e nova tábua de valores, embora ainda pouco nítidos, mas em processo iniludível de afirmação.

O peso demográfico dos jovens dá-lhes a força que torna ponderável essa atitude insólita. Não adianta ao pai desconhecer um comportamento individual que espelha o movimento de massas juvenis compactas e crescentes no mundo inteiro, sob as mais diversas estruturas sociais. Melhor é admitir e pôr em prática um exercício de revisão intelectual, doloroso talvez para o seu orgulho de criador, mas fecundo em consequências de amor e fraternidade.

Uso conscientemente a palavra. A extensão do sentimento fraternal ao sentimento paternal, fundindo-se com este e dando-lhe outro colorido, será possivelmente chave de um entendimento mais positivo que a simples abdicação das exigências cruéis da mocidade, e incomparavelmente superior à atitude belicosa.

Parece, afinal de contas, que os moços têm alguma coisa a ensinar aos mais velhos. Essa coisa, como defini-la? Eles próprios não têm noção exata do que seja, embora saibam com clareza o que deve ser excluído do elenco de ensinamentos herdados dos mais velhos. Em termos imperfeitos diante da sutileza do fenômeno, eu diria que os moços convidam os pais e, por extensão, os homens e mulheres de gerações anteriores a olhar com outros olhos a vida.

O pai é solicitado a olhar outra vez, com olhos desprevenidos, a paisagem sabida, para identificar nela pontos de luz e de sombra, diferenças, nuances, pormenores insuspeitados ou menosprezados, senão a totalidade do panorama antes encerrado em moldura barroca ou vitoriana, e agora excedente de qualquer moldura que não seja a própria capacidade de mirar, sentir, compreender. Isto lhe poupará, sem dúvida, o risco de ser eliminado da sociedade futura, com a oficialização do filho de laboratório, planejado por tecnocratas insensíveis à graça e à emoção de gerar pelas próprias entranhas o acontecimento da vida.

cidade

— Endereço do colega?

— Viaduto São Sebastião, pilastra nº 4, lado esquerdo, na Presidente Vargas. Apareça por lá.

— Ótimo. Vou aparecer, mas agora não. Estou de mudança.

— Se não for indiscrição, pode-se saber para onde?

— Não sei ainda. Moro no viaduto de Japeri, aliás muito confortável, mas compreende, né? Um pouco longe. Procuro um na cidade.

— Já experimentou Botafogo?

— Fui eu que inaugurei. Era uma habitação deliciosa, aliás duas, com vista panorâmica, banho de mar em frente etc. Mas sabe o que aconteceu: estragaram aquilo, botaram jardins, espelhos d'água...

— É. Estão sempre atrapalhando.

— Espelho d'água, vá lá, serve para a toaleta. Mas o jardim...

— Jardim não é bom para secar roupa?

— Em tese. Mas há sempre um guarda querendo defender as plantas, implicando com os moradores.

— Tem razão. Na vida, o essencial é paz.

— Também acho. Folgo em saber que estamos de acordo neste ponto fundamental. Mas, sabe? Os viadutos estão difíceis.

— É, ouço dizer. Mesmo havendo tantos por aí?

— Todos lotados. Dizem que onde cabem três cabe mais um. Eu discordo. Por essa teoria, onde cabem vinte, cinquenta, mil, cabe sempre mais um. E os viadutos tornam-se inabitáveis, ficam iguazinhos aos edifícios, o que, francamente, caro colega, não é vantagem.

— Vejo que o amigo aprecia a solidão.

— Solidão a dois, a três, eu aprecio, quando os colegas sabem viver em comunidade. A gente não está nem sozinha nem com a multidão. Equilibrado. Cada um cuida de si, e reina ordem no viaduto. O que eu não suporto é viaduto desorganizado. Sou muito exigente neste particular.

— Estou vendo que lá em Japeri o senhor deve ser uma espécie de síndico.

— Que síndico? Quem falou em síndico? Nós três nos autogovernamos. Eu, que atendo por Quilo-e-Meio, seu criado (não cheguei a crescer muito, em todo caso não me chamam de Meio-Quilo), o Vai-por-Mim e a Marlene Garbo.

— Por que Marlene Garbo? Não é acumulação?

— Porque ela tem as pernas da Marlene Dietrich e o jeito da Greta Garbo. A

combinação é genial, sabe? Tem vezes que a gente chama ela de Margá. Santa mulher. Já teve os tubos, viajou pelaí, não guardou nem pinta de grã-finagem.

— E o Vai-por-Mim?

— Não tenho queixa dele. Só que anda com mania de jogar na Bolsa, nosso viaduto está cheio de balancetes, prospectos, gráficos. Tenho medo que ele fique rico, daí a pouco começa a botar banca.

— Dê uns conselhos ao Vai-por-Mim.

— Dei. Ele sonha em descobrir jazida de tório em Japeri, para fundar o Banco Nacional de Habitação em Viadutos, Pontes e Congêneres. Não deu sorte na Loteca, hoje diz que o plá é investir. Eu preveni a ele: Ficando rico, a primeira coisa que você vai fazer é cobrar aluguel nos viadutos.

— Os viadutos são do Estado.

— E daí? Até o Estado perceber, ele já dobrou a fortuna. O colega desculpe, mas isso é safanagem.

— Diga ao Vai-por-Mim que apareça aqui no São Sebastião, para batermos um papo.

— Vai tirar essas minhocas da cabeça dele?

— Não sei... A ideia me parece aproveitável. A socialização dos viadutos, uma cadeia nacional de Hilton dos homens e mulheres independentes... viadutos bem funcionais, o abrigo ao alcance de todos... Um problema social que se resolve...

— Sem essa! Eu a querer salvar o Vai-por-Mim, e o colega pensando em tirar partido da loucura dele! Acabando com a paz, a relativa paz que ainda se goza nos viadutos! Não conte comigo e passe muito mal, traidor!

Senhor: Ao encontrar sobre minha mesa de trabalho o maior envelope que meus olhos já viram, não pude controlar a emoção. Imaginei que conteria uma gravura preciosa, dádiva imerecida, chegada sem qualquer aviso, para maior pasmo e delícia do obsequiado. Presente régio, talvez, de Fayga Ostrower ou de Marcelo Grassmann, mestres nacionais do gênero? Ou quem sabe não seria presente, mas a derradeira das gravuras eróticas de Picasso, mandadas exterminar no Brasil, e cujo proprietário houvera por bem confiar à guarda deste amador das artes acima de qualquer suspeita?

Abri, não era nada disto. Era, como direi? Redução do majestoso edifício que empreendestes construir num dos últimos vãos disponíveis da orla marítima do Rio, e do qual me ofereciéis lauta fração. O desenho a cores, abrangendo calçadão, árvores, passeios, passantes; a planta igualmente colorida, com requintes mil; a descrição anexa, abrangendo virtudes tais como cristal solar-bronze, integração visual e decorativa, cortina fria ambiental e outras mumunhas dignas de celebração, deixaram-me naquele estado d'alma que pode ser rotulado de propriedade feliz. Não só vi diante de mim a nobre máquina de morar como ainda me vi dentro dela, os dois formando um todo, metade cristal solar-bronze, metade carne contente, e para o mar olhávamos orgulhosos, e o mar nos saudava com vagalhões de espuma admirativa, e dele saltavam anfitriões douradas que descreviam no ar um gesto de alegre confraternização, e o próprio Netuno, que de há muito sumira de minha memória literária, se ergueu tridentinamente magnífico e pronunciou no idioma lá dele estas palavras: “Salve, cronista atlântico, em teu alcácer que entesta o meu salso domínio; três vezes salve, de poder a poder!”.

Eu ia responder-lhe: “Que é isso, caro Netuno, não mereço tanto”, e realmente não merecia, pois o palacete marinho que me ofertastes era de papel; de primeira qualidade, sim, mas papel; e posto fosse grande sua projeção na folha, esta era ainda menor que o tamanho normal de um apartamento, de sorte que realmente eu não cabia na morada que me destinastes, mesmo que fosse viável morar em casa de chão de papel, paredes de papel, teto de papel. Além do mais, oh que me desaba o sonho antes de fruído, não me doastes coisa nenhuma, senão que me propusestes vender-me uma unidade de vosso superedifício pelo preço insignificante de Cr\$ 900 mil, conforme verifiquei no verso do espetacular desenho. Ora, novecentos mil, valorizados em três por cento diante dessa mísera moedinha que é hoje o dólar furado, não os tenho atualmente (ou nunca) na

algibeira nem debaixo do colchão nem no banco de que é contador meu amigo Antônio Carlos de Oliveira, nem em parte alguma da Terra. É verdade que me acenais com o pagamento em quarenta meses, mas posso profetizar, para meu vexame e tristeza, que se topasse a oferta, ao fim do prazo estaria, não no interior do palacete oceânico, mas debaixo do viaduto de São Cristóvão, por falta de cumprimento da obrigação assumida.

Então, e portanto, vos pergunto: Por que me mandastes, senhor, vosso cativante prospecto? Acaso me tínheis na conta de gordo possuidor de reservas, disposto a aplicá-las para tapar a última fenda na muralha de concreto de Copacabana? Informou-vos um gaiato que eu fizera os treze pontos? E acreditastes? Seria avaliar demasiado alto minha capacidade palpiteira, que não chega a zero ponto. Admitir que brincastes comigo, em instante de ócio mental, nem por sombra. Devo concluir que tivestes realmente a intenção de doar-me a casa suspensa, e um de vossos assessores, invejoso e ressentido, mandou gravar, nas costas do imenso cartão, aquele preço desalentador?

Se for assim, rogo-vos entreis imediatamente em comunicação direta comigo, para formalizardes a munificência, a que me renderei de coração aberto e alma reconhecida, pois não sou pobre soberbo nem tenho procuração da paisagem, aliás extinta, do Rio de Janeiro, para implicar com a indústria imobiliária, nem seria mais tempo de fazê-lo, se Inês é morta.

... A menos que o envelopão me tenha sido endereçado por engano, e neste caso a quem devo encaminhá-lo, senhor?

Emoção na praia. Alguém braceja entre as ondas, desesperadamente. O salva-vidas, de costas para o mar, nem ligou.

— O senhor não vai salvar a vida daquele desgraçado, que está morrendo?

— Calma, tudo a seu tempo. Ordens são ordens. Primeiro tenho que salvar o pudor público, detendo aquela senhorita ali, que está com as maminhas de fora.

Mas a senhorita, se estava com as ditas ao sol, recolheu-as imediatamente, ou seria miragem do deserto? O salva-vidas esfregou os olhos, encarou o busto primaveril, que absolutamente não oferecia pasto completo à gulodice visual, e não pôde fazer nada.

— Os cavalheiros que se acham nas proximidades não viram por acaso esta senhorita atentar contra a moral?

— Não senhor.

— Eu não vi.

— Nem eu.

— Corta essa, aqui somos todos partidários da moral e do Mobral, e ninguém viu nada.

— É a tal história. Mandam a gente exercer fiscalização severina sobre o vestuário das moças, quer dizer, sobre a falta de vestuário, e não sei o que é que vou fazer para mostrar serviço. Tá tudo legal. A senhorita me desculpe.

— De nada.

A essa altura, que foi feito do afogado? Se não esperou, azar dele. A ronda continua pela praia. Essa outra enterrou-se totalmente na areia, só a cabeça aparece, e desperta suspeita. Ou não? Pelas dúvidas, convém sindicar:

— A senhorita quer ter a bondade de sair para fora da areia?

— Ah, seu salva, estou tão bem aqui.

— Acredito, mas o delegado...

— O delegado proibiu a gente de se esconder na areia?

— Que eu saiba, ainda não. Mas estou vendo o seu sutiã do lado de fora, com o bronzeador e outras coisas, e saquei as minhas conclusões.

— E daí? Dentro da cova de areia posso até ficar pelada cem por cento, ninguém tem nada com isso.

— É, mas e na hora de sair da areia?

— Aí o senhor me prende, antes não. Eu estou decentemente vestida de areia, não estou?

— E se um gaiato passar por aqui e levar o seu sutiã, como é que a senhorita se

arranja para sair da praia?

— O senhor me prende, uai. Problema seu. Agora, já imaginou o grilo que vai dar o senhor me levando para o distrito nessas condições?

— Mineira, hem? O pessoal em Minas está ficando muito pra frente.

— Faz-se o possível. Mas vocês, no Rio, não colaboram, inventam cada uma.

— Por mim, não. Também sou mineiro e com muita honra, viu? Mas é a tal de ordem superior, sabe como é? Mineiro é vidrado em mar, isso influenciou na escolha de minha profissão. Até, se eu pudesse, não estava aqui de salva-vidas e salva-não-sei-o-quê. Estava dando uma de banhista, simplesmente.

— Legal. Eu sabia que você não ia me prender por uma bobagem dessas.

— Bem, eu...

— Mineiro tem que ser solidário também na pouca roupa, entende?

— Falou. Então, na hora de sair, me avise.

— Pra quê? Vai bancar o *voyeur*?

— Sei lá o que é isso. Pra fazer a cobertura, dar proteção, impedir que a turma entusiasmada arranque até a parte de baixo...

— Não precisa, meu chapa. Eu estou de duas peças, sabe? Botei do lado de fora esse sutiã de reserva, não foi pra perturbar, é porque uma onda mais velhaca pode deixar a gente como Eva é servida, e eu sou mineira, mineiro acorda prevenido pra tudo!

Arrependi-me de ter aconselhado aquele rapaz a inscrever-se no concurso para cobrador de pedágio da ponte Rio-Niterói. Ele ontem me apareceu murcho, de pescoço vencido:

— Não deu pé.

— Já sei. Exigiram de você análise estrutural de Camões ou de Guimarães Rosa.

— Não. Mas a concorrência foi de endoidar. Quase quatro mil candidatos pra setenta e cinco vagas, por aí o senhor avalia.

— E daí?

— Daí que tinha até professora querendo trabalhar na ponte, e o coitado de mim, sem diploma, como havia de me defender?

— Mas, Ermelino, o concurso não foi para dar aula de como atravessar a ponte. Foi para cobrar pedágio dos que atravessarem.

— Eu sei, e por isso meti os peitos. Mas se até as professoras preferem largar de dar aula nas escolas pra cobrar pedágio na ponte, debaixo daquele solão, por aí se conclui que a situação não está pra quem nem ao menos é professor, porque não estudou e mal pôde solancar o bê-á-bá da vida.

— Às vezes, né? com jeito, você podia cobrar pedágio muito melhor do que qualquer um atochado de títulos universitários.

— Também acho, tanto mais que já trabalhei de guardador, no estacionamento do meu tio, que foi operado de tracoma, e dei sorte. Nem tinha cogitado do problema.

— Que problema?

— Em festa de jacaré...

— Não entendi.

— Inhambu não entra, o senhor não sabia? Os caras que têm ensino tiram de letra nas provas. Ou não tiram? Na prática, sim, é outro samba, mas a tal de teoria é de doer. Mesmo assim eu não estava ligando muito, e me preparei com o meu mobralzinho. A questão é que aqui dentro bate uma coisa chamada coração.

— Continuo não entendendo. Que tem coração com pedágio?

— Eu ia lá tirar o pão da boca de uma professora, se foi outra professora que me ensinou a ler? Diga, eu ia? O azar foi que sentei junto da moça, lá na Escola Técnica, ela simpatizou comido, a gente levou um papo, fiquei sabendo de sua vida...

— E?

— Não sou de soluçar ouvindo LP de Orlando Silva, mas que droga, também não sou de pedra. Ela tinha estudado tantos anos, aprendeu um mundo de troços complicados e queria, pra melhorar de vida, cobrar pedágio na ponte. De dia. Me falou que se fosse aprovada ia pedir pra trabalhar na escala de dia.

— Descansar à noite, é lógico.

— Não. De noite era pra estudar, tirar mais diploma. Eu perguntei a ela se não bastava o diploma de professora, ela riu e disse que o dela não tinha bastado, quem sabe se outros, né? Eu então perguntei se queria ser só cobradora, se não achava preferível cavar um lugar de chefe ou subchefe dos cobradores. Ela disse que achava muito difícil nomear mulher chefe ou subchefe, são só cinco lugares de chefe e dez de subchefe, ao passo que os cobradores são sessenta, ela ficava satisfeita se pegasse um de cobrador, cobrador já é bem bom, o que que eu achava? Eu não tive coragem de responder, fiquei com uma bruta vontade de oferecer meu lugar pra ela, mas que lugar eu tinha, se eu nem fiz direito a prova, devo ter feito tanta besteira... Acho que até advogado estava inscrito no concurso, não sei se médico também, quem sabe? E a moça era joia.

— Bonita?

— Sabe que nem reparei? Era doce, tinha um jeito de fruta macia, meio machucada porque colheram ela de mau jeito, e a casca sofria um pouco. Mas ria pra mim com uns dentes tão certinhos, nem estava chateada porque disputava um lugar daqueles, no meio de gente humilde.

— Resultado?

— O senhor ainda pergunta? Sai de lá com o rabo entre as pernas e nunca mais entro em concurso nenhum neste Rio de Janeiro. Volto logo pra Estrela Dalva, que é minha terra, onde ninguém tira lugar de ninguém!

Dois guardas à porta, barrando a passagem. O bolo de gente na calçada, espichando pescoço para assuntar.

— Vai ver que mataram alguém no edifício.

— Com certeza assaltaram o banco, e...

— Que banco? Não está vendo que não tem banco nenhum aí?

— Já sei. Pegaram lá em cima um grupo de subversivos, e eles estão encurralados, não querem se render. Não saio daqui enquanto os caras não aparecerem.

Cresce a confusão. Tão rápido, que até parece organizada. Todo mundo colabora para que seja total. E fala, fala.

— Olha aquela velha desmaiando!

— Velha coisa nenhuma, é uma lourinha muito da bacana. E não está desmaiando, está é brigando de unha e dente, alguém apalhou ela ou afanou a bolsa.

— Te garanto que houve morte. Um padre abriu caminho e entrou lá dentro, apesar dos guardas. Padre mesmo, desses de batina, sacumê?

— Se o cara já morreu, não adianta ele entrar, ora essa. Salvo se ainda está agonizando. E quem garante a você que por estar de batina esse que entrou lá não é padre de araque? Tem muita falsificação pelaí.

— Não estou vendo fumaça. Incêndio não é.

— Pode ser nos fundos. Espera até a fumaça aparecer. O último incêndio que eu assisti, na Tijuca, levou horas pra convencer.

— Quem sabe foi uma manicure que se atirou no pátio? Já vi um caso assim.

— Por essas e outras é que só moro em casa, e casa térrea, sem escada, pra não dar grilo. Eu, hem?

— É, mas tem muito inconveniente. Nas casas baixas a poluição é servida a domicílio.

— Repara aqueles dois entrando na raça.

— E na raça foram rechaçados, tá vendo?

— Pronto, interditaram o edifício.

— Pior. Estão esvaziando o edifício.

— Corta essa. Todo mundo tem direito de entrar e direito de sair. E os que trabalham lá em cima, por que irão deixar de trabalhar? Os que precisam subir para ir ao dentista, ao médico, sei lá, com que direito são impedidos? Tá errado. Qual, isso é um país sem...

— Calma, Secundino. Acho bom você moderar suas expansões.

— É, mas o senador Farah Diba entrou com passe livre, espia só.

— Não tem senador com esse nome, siô.

— Tem um parecido, mas é deputado.

— Deputado ou não, com esse ou com outro nome, mas entrou. Eu vi.

— Então não há tragédia, ele não é de ir aonde pega fogo.

— Cerraram as portas de aço!

— Isso tá me cheirando a elevador despencado. Não tem dia que não caia um em Copacabana. E essa ambulância que não vem? Devia ter sempre uma ambulância de plantão na porta de cada edifício.

— O diabo são os palestinos. Imagina se o carteiro deixou na portaria uma daquelas cartas com bomba...

— Já não se tem onde morar sossegado. Até entrar pelo cano é perigoso. Lá dentro tem assaltante à espera.

— E na rua, então? Que é que nós estamos fazendo aqui, ameaçados de todos os lados, prestando atenção num negócio que não é da nossa conta, me diga o senhor?

— Sei lá. Mas agora está saindo um caixotão, não atino o que seja. Quem sabe se não é um novo crime da mala!

— Nem me fale nisso. Só de pensar, fico toda arrepiada; passe a mão no meu braço, veja como estou. Cortar um pobre de Cristo em fatias, feito mortadela, depositar na mala e despachar de avião!

— Era de trem que as malas com cadáveres se despachavam, sua ignorante.

— Isso foi no seu tempo, vovozinho. Hoje, quem é que passa pra trás o avião pra dar preferência a trem de ferro?

— Pois então vamos chegar perto e espiar o caixão do defunto.

— Não é caixão, gente, é geladeira!

— O quê? O defunto estava dentro da geladeira?!

— Ah, meu chapa, tu não morou que isso é uma liquidação de eletrodomésticos?

Vão tirar o terminal do meu ônibus do centro da cidade, vão tirar do centro da cidade o meu ônibus, vão me tirar do centro da cidade?

Vão tirar da cidade o centro da cidade, vão tirar da cidade toda a cidade, vão fazer o que da cidade?

Vão plantar uma cidade nova no lugar da cidade carcomida, vão desistir de manter as ruínas da cidade, vão decretar que cidade não é mais de a gente viver?

Vão fazer ruas de cima para baixo, em forma de cisterna, para o que já se abrem os competentes buracos e se desaconselha andar na superfície para não prejudicar as obras?

Vão me dar passagem entre o tapume e a pista de corridas, entre o poço e a poça de lama, ou não vão deixar mais que use as pernas e os pés por estarem definitivamente fora de moda?

Vão permitir que eu siga o meu itinerário de trabalho sobre a capota dos automóveis, saltando de uma para outra depois de treinado em academia de técnica pedestre, ou vão estatuir que eu e mais nove concidadãos de bom físico carreguemos nas costas o automóvel, a fim de que automóveis e nós possamos chegar a destino, passando no que outrora se chamava de rua?

Vão dizer quantas pessoas podem sair de casa, a quantas horas, por quanto tempo, e por onde será permitido caminhar, durante quantos minutos, para que as turmas seguintes não sejam prejudicadas na regalia de ir e vir na cidade entupida?

Vão acabar com a cidade, todas as cidades, vão acabar com homem e a mulher também, vão fazer o quê, depois que eles mesmos acabarem?

comportamento

O trocador olhou, viu, não aprovou. Daquele passageiro, escanchado placidamente no banco lateral, escorria um fio de água que ia compondo, no piso do ônibus, a microfigura de uma piscina.

— Ei, moço, quer fazer o favor de levantar?

O moço (pois ostentava barba e cabeleira amazônica, sinais indiscutíveis de mocidade), nem-te-ligo.

O trocador esfregou as mãos no rosto, em gesto de enfado e desânimo, diante de situação tantas vezes enfrentada, e murmurou:

— Esses caras são de morte.

Devia estar pensando: Todo ano a mesma coisa. Chegando o verão, chegam problemas. Bem disse o Dario, quando fazia gol no Atlético Mineiro: Problemática demais. Estava cansado de advertir passageiros que não aprendem como viajar em coletivo. Não aprendem e não querem aprender. Tendo comprado passagem por sessenta e cinco centavos, acham que compraram o ônibus e podem fazer dele casa da peste. Mas insistiu:

— Moço! Ô moço!

Nada. Dormia? Olhos abertos, pernas cabeludas ocupando cada vez mais espaço, ouvia e não respondia. Era preciso tomar providência:

— O senhor aí, cavalheiro, quer cutucar o braço do distinto, pra ele me prestar atenção?

O cavalheiro, vê lá se ia se meter numa dessas. Ignorou, olímpico, a marcha do caso terrestre.

Embora sem surpresa, o cobrador coçou a cabeça. Sabia de experiência própria que passageiro nenhum quer entrar numa fria. Ficam de camarote, espiondo o circo pegar fogo. Teve pois que sair do seu trono, pobre trono de trocador, fazendo a difícil ginástica de sempre. Bateu no ombro do rapaz:

— Vamos levantar?

O outro mal olhou para ele, do longe de sua distância espiritual. Insistiu:

— Como é, não levanta?

— Estou bem aqui.

— Eu sei, mas é preciso levantar.

— Levantar pra quê?

— Pra quê, não. Por quê. Seu calção está molhado de água do mar.

— Tem certeza que é água do mar?

— Tá na cara.

— Como tá na cara? Analisou?

Forrou-se de paciência para responder:

— Olha, o senhor está de calção de banho, o senhor veio da praia, que água pode ser essa que está pingando se não for água do mar? Só se...

— Se o quê?

— Nada.

— Vamos, diz o que pensou.

— Não pensei nada. Digo que o senhor tem de levantar porque seu calção está ensoado e vai fazendo uma lagoa aí embaixo.

— E daí?

— Daí, que é proibido.

— Proibido suar?

— Claro que não.

— Pois eu estou suando, sabe? Não posso suar sentado, com esse calorão de janeiro? Tenho que suar de pé?

— Nunca vi suar tanto na minha vida. Desculpe, mas a portaria não permite.

— Que portaria?

Aquela pregada ali, não está vendo? “O passageiro, ainda que com roupa sobre as vestes de banho molhadas, somente poderá viajar de pé.”

— Portaria nenhuma diz que o passageiro suado tem que viajar de pé. Papo findo, tá bom?

— O senhor está desrespeitando a portaria e eu tenho que convidar o senhor a descer do ônibus.

— Eu, descer porque estou suado? Sem essa.

— O ônibus vai parar e eu chamo a polícia.

— A polícia vai me prender porque estou suando?

— Vai botar o senhor pra fora porque é um... recalcitrante.

O passageiro pulou, transfigurado:

— O quê? Repita, se for capaz.

— Re... calcitrante.

— Te quebro a cara, ouviu? Não admito que ninguém me insulte!

— Eu? Não insultei.

— Insultou sim. Me chamou de réu. Réu não sei o quê, calcitrante, sei lá o que é isso. Retira a expressão, ou lá vai bolacha.

— Mas é a portaria! A portaria é que diz que o recalcitrante...

— Não tenho nada com a portaria. Tenho é com você, seu cretino. Retira já a expressão, ou...

Retira não retira, o ônibus chegou ao meu destino, e eu paro infalivelmente no meu destino. Fiquei sem saber que consequências físicas e outras teve o emprego da palavra “recalcitrante”.

Hoje acordei com vontade de mentir, coisa que raramente me acontece. Peguei do relógio e atrasei-o duas horas. Desta maneira faltaria pontualmente a todos os compromissos, e seriam outras tantas mentiras a pregar para justificar-me.

Em seguida, li o jornal pelo avesso das notícias. Os marginais evadidos voltavam espontaneamente à penitenciária, declarando que tinham fugido em estado de sonambulismo, pelo que pediam desculpas e exigiam ser mais vigiados. A paz fora assinada em Saigon e abrangia o Oriente Médio, a Irlanda do Norte, as possessões portuguesas e outras áreas não televisionadas. Notei que não figurava minha pessoa na telefoto da assinatura do tratado de paz universal, mas logo me lembrei de que assistira incógnito à cerimônia para não despertar ressentimento em Kissinger.

Como as ações do Banco do Brasil tinham chegado na véspera a Cr\$ 300 000 cada, telefonei ao meu corretor, recomendando-lhe vender as quatrocentas e cinquenta mil que possuo daquele estabelecimento, pois não desejo ser exageradamente rico; e decidi aplicar o produto na concessão de bolsas de estudo a índios calapalos, até hoje ignorantes dos benefícios da cibernética e do barbeador elétrico.

Mentir não é ser otimista profissional. Por isto não pinteí de azul e brisa suave a manhã, que era nublada e sem viração. Mas, sentindo borbulhar em mim o dom da invenção, inventei na hora o tempo quadriculado, a saber, a chuva, o sol, o frio, o calor, o vento, até mesmo o ciclone e o raio, acondicionados em quadradinhos a serem vendidos nos carrinhos de sorvete. Levando para casa os invólucros de sua preferência, o consumidor os fruiria a seu bel-prazer, podendo também ofertá-los a amigos. A invenção, de utilidade pública, não renderia dividendos. De vez em quando, a fábrica de tempo distribuiria surpresas, trocando os quadradinhos, para pregar susto nos clientes, pois a vida precisa de uns solavancos; do contrário...

Uma das delícias do meu dia de mentiroso foi dizer que eu não era eu, era outro, ou outros, conforme o interlocutor. A empregada estranhou que eu recusasse a correspondência trazida pelo porteiro do edifício, pois meu nome não coincide com o dos endereços. “O senhor mudou de nome?” Espantou-se. “Não. Mexendo agora uns papéis velhos, descobri o meu nome verdadeiro, que é Adão Gomes Batista.” Ela não disse, mas pensou: “O patrão não é de mentir, nem tem cara de doido; então é verdade”. Como sabem, para mentir bem é necessário ter reputação ilibada e gozar de perfeita saúde mental.

De Adão Gomes Batista passei a Leonardo Veras, a Oscar, a Martiniano, a Gonçalves simplesmente Gonçalves. “Desculpe, foi engano”, dizia o outro pelo telefone. “Não foi não, é Gonçalves mesmo, não está me reconhecendo, Januário?” E Januário, identificando minha voz e não meu nome de Gonçalves, ficava sem compreender, acabava admitindo não estar (ele, não eu) bom da cuca. Outro zangou-se: “Não admito gozação!”. Amanhã explicarei a ele. Hoje é impossível; quero mentir.

Talvez esteja mentindo demais ao declarar que li e adorei cinco livros maravilhosos, saídos há pouco, dos quais não consegui passar de meia página. Mas estou certo de que seus autores acreditarão piamente, convictos de que não fiz mais do que justiça. É imprescindível acreditar em alguma coisa; então, acreditemos no elogio. Farei o mesmo quando me disserem genial. A superestrutura de fábulas não trava o funcionamento da máquina do mundo. Até parece que o torna mais ritmado.

Mentirei até a noite. Jantarei com distintas damas e cavalheiros, que decerto mentirão também, e não sei se levarei vantagem, fraco bissexto, em confronto com profissionais experimentados. Darei o máximo, em mentiras civilizadas ou não, pois estas últimas estão em alta, e ameaçam desbancar as outras, de incômoda finura. E aqui me surpreendo falando verdade ao dizer que minto. Desculpem. A verdade é aquele não convidado, que aparece e dá vexame nos lugares mais sofisticados do mundo.

Outro dia, fulano ia pela calçada...

Minto. Evidentemente, não ia pela calçada, lugar por onde não se vai nem vem, a menos que se possua carro, e esta utilidade não figura em sua declaração de bens ao Imposto de Renda.

Fulano ia pois pela rua, lugar hoje mais propício ao pedestre...

Outra mentira. Como se a rua houvesse tomado o papel da calçada, depois que a calçada tomou o papel da rua. Ora, todos sabemos que calçada e rua são a mesma coisa, na cidade moderna, e essa coisa é defesa ao cidadão imotorizado.

Portanto, Fulano não ia por lugar algum, mas este é outro beliscão à verdade, pois dessa ou daquela maneira, sem ser em terra ou no ar, não se sabe como, nem adianta saber, as pessoas continuam indo, andando, providenciando, vivendo.

Milagre dos tempos. Eu vou, tu vais, ele vai. Não há lugar para ninguém, fora de casa; contudo, inventamos lugar — inventar é a solução — e seguimos para nossos negócios, nossos amores, nossas vadiações, nosso tudo e mais alguma coisa.

Ia portanto Fulano — e peço que não me interrompam mais, isto é, peço a mim mesmo para não me interromper, pois estou cansado de começar e recomeçar retificando os arranhões à verdade, lei suprema da vida. Suprema? Ora, eis-me de novo mentindo e, o que é mais grave, mentindo em homenagem à verdade, para atribuir-lhe supremacia que nunca teve entre os homens.

Já me perturbo e, francamente, não sei como continuar, se apenas comecei e nem sequer este começo está assentado em terreno sólido, o terreno das afirmações indiscutíveis. Bem sei que Fulano é algo insofismável em sua realidade física; sei perfeitamente que ele ia de qualquer maneira, outro dia, a algum fim dele sabido e que não interessa investigar. Ou interessa? Será um conspirador contra as instituições, ele que toda a vida conheci morigerado, temente a Deus e ao governo, cumpridor de deveres e partidário da conciliação universal? Será que ultimamente...?

Sim, que ia ele fazer aquele dia, pois alguma coisa na certa ia fazer, e quem me garante que não mentira a vida inteira para mim, para o Imposto de Renda em particular e para as nações em geral? Não seria ele um dos agentes de Watergate, espião universal, disfarçado na modesta epiderme fulânica, para insinuar-se em meu bairro, onde não há segredos de Estado, e precisamente aí detectá-los, pois os segredos estão onde não podiam estar, e onde são encontrados

é onde nunca estiveram ocultos?

Quem diria, hem? Conhecia-o há tantos anos, tanto chope bebemos juntos, e no fundo do chope estava a verdade. F-07, agente multinacional, infiltrado no coração da minha confiança. Sabia mentir, o safado. Ou fui eu que, suspeitando de sua dobrez, de resto sem o mínimo indicio, ou por isso mesmo, pus-me a fantasiá-lo assim. Menti, supondo que talvez me mentisse. Resta-lhe o direito de mentir por sua vez, acusando-me de ladrão do cofre das almas na igreja do Carmo, que para assaltante de supermercado não dou, seria mentira demais. Sinto-me inerte, às mãos de Fulano, que tem o direito de atribuir-me as piores coisas, os atos mais estranhos, numerados ou não, as ações cometidas e as simplesmente pensadas, que são as mais graves de todas. Até o ponto de eu dizer-lhe: “Chega. Pois isto que acabas de dizer a meu respeito infelizmente é verdade, e sei lá o que descobrirás depois”.

Paro aqui. Não direi que ele se dirigia ao Colégio Eleitoral, ou ao cursinho prévio para habilitar-se ao vestibular do dito Colégio, nem se existem vagas nesse estabelecimento e se o currículo estimula as competências. O que foi fazer Fulano outro dia, não há mais espaço, nem na calçada nem na rua nem no papel, para narrá-lo ou adivinhá-lo. Esta é que é a verdade.

— Telefonaram do escritório, bem. Seu chefe mandou perguntar por que você não foi trabalhar.

— E você deu o motivo?

— Não.

— Podia ter dado.

— Ora, Alfredinho, isso é motivo que se dê?

— Por que não? Se há motivo, está justificado. Sem motivo é que não cola.

— Então eu ia dizer ao seu chefe que você não trabalha hoje porque o seu horóscopo aconselha: “Fique em casa descansando”?

— E daí, amor? Se meu signo é Touro, e se Touro acha conveniente que eu não faça nada, como é que eu vou desobedecer a ele?

— É, mas com certeza seu chefe não é Touro, e não vai achar graça nisso.

— Ele é Áries, está ouvindo? E o dia não está para relações entre Áries e Touro. Pega aí o jornal. Faz favor de ler com esses belos olhos cor de pervinca: “Áries — Evite rigorosamente discussões com subordinados”.

— Mas se ele evitar, não tem perigo para você.

— Ele pode evitar, sim, deve evitar. E para colaborar com ele, eu fico em casa.

— Mas se você não comparece, ele pode vir ao telefone e pegar numa discussão danada com você, dessas de sair fogo.

— Não atendo telefone durante o dia. Não posso atender. Não vê que estou descansando, que o horóscopo me mandou descansar? É favor não fazer rebulição nesta casa. Amor e paz, para o descanso do guerreiro.

— Pra mim você está é com preguiça, e das brabas.

— Posso estar com preguiça, e daí? Preguiça é relaxante, restaura as energias, predispõe para o trabalho no dia seguinte. Mas uma coisa não tem nada a ver com a outra. Se eu não faço nada hoje, não é porque estou com preguiça. É em atenção a um mandamento superior, à mensagem que vem dos astros, você não percebe?

— Percebo, sim, mas não concordo.

— Pode-se saber por que a excelentíssima não concorda com aquilo que percebe e que está devidamente explicado?

— Pode.

— Então explica, vamos.

— Gozado. Alfredinho, até parece que para você só existem dois signos no

zodiaco: Touro e Áries, você e o patrão.

— Espera lá, você queria que eu não prestasse atenção em Touro? Áries eu li hoje por acaso, porque está ao lado de Touro, em coluna paralela.

— Coincidência: você saber que seu chefe é Áries, e...

— É sim.

— E por que você guardou na cabeça que ele é Áries?

— Ora por quê! Ele fez anos no mês passado, amorzinho. Até contei a você que oferecemos a ele uma bateadeira. Soubemos que a mulher dele precisava de bateadeira, fizemos uma vaquinha, pronto. Mas por que você diz que para mim só existem dois signos?

— Pelo menos Sagitário você ignora.

— Como que eu ia ignorar Sagitário, se é o signo de você, minha orquídea de novembro 25?

— É, mas esqueceu de ler que o dia é propício para reuniões sociais de Sagitário, e saiba que esta sua orquídea de novembro 25 vai reunir hoje as amigas aqui em casa. Trate de se mandar, querido.

— Sem essa! Touro me manda descansar em casa e você me enche a casa com mulheres?

— É Sagitário que recomenda, *mon ange*.

— Sagitário não ia fazer isso comigo! Eu já tinha harmonizado Touro com Áries!

— Pode continuar harmonizando, se for descansar em casa do Tostes, que é Virgem, eu sei, ele é nosso padrinho de casamento. O horóscopo do Tostes recomenda prestar serviço a um amigo. Assim, Touro, Virgem, Áries e Sagitário ficam inteiramente harmonizados, cada um na sua, um por todos, todos por um. Ande, vá se vestir rapidinho, rapidinho, e rua, seu vagabundo!

quadro na parede

— Esse quadro está torto desde o começo do mundo e ninguém se lembra de consertar sua posição — observou o sr. Borges, levantando a cabeça, entre o primeiro e o segundo goles do café da manhã.

— Há pessoas realmente exageradas — ponderou a sra. Borges, enquanto passava geleia no brioche. — Esse quadro está assim apenas há uma semana.

— Uma semana parece tempo suficiente para alguém corrigir a posição de um quadro na parede — retrucou o sr. Borges, sorvendo mais um gole e desdobrando o jornal.

— Admitindo-se que assim seja, embora a colocação de um objeto de arte exija muitas experiências e tempo indeterminado de observação e crítica, até que seja atingido o resultado ideal, presume-se que a pessoa não satisfeita com a posição de um quadro...

A sra. Borges fez uma pausa para levar aos lábios a fatia de brioche, mastigá-la e engoli-la, concluindo placidamente:

— ... Tome a iniciativa de modificá-la para melhor.

Ao que o sr. Borges emitiu este juízo:

— A presunção envolve problema de competência — e olhou para um ponto indefinido no espaço. — Seria conveniente indagar, de início, a quem, no âmbito de uma residência, compete cuidar da boa arrumação das coisas.

A sra. Borges considerou com minuciosa atenção a colherzinha de prata colocada entre os seus dedos polegar e médio, como se ambicionasse descobrir nela uma propriedade oculta, e, ao cabo de minuto e meio, manifestou-se:

— Não existe código especificando os diferentes casos e situações em que determinada pessoa deva fazer isto ou aquilo. Além do mais, os conceitos estabelecidos lucrariam em ser revistos à luz da razão.

A página política passou a interessar tão acentuadamente o sr. Borges que ele levou tempo para dizer:

— De qualquer maneira, um quadro torto na parede é um quadro torto na parede.

Dos abismos da sua prospecção, a sra. Borges emergiu trazendo à tona uma restritiva:

— Um quadro torto na parede nem sempre é um quadro realmente torto na parede.

Como o sr. Borges, engolfado na leitura, não obtemperasse, a sra. Borges houve por bem desenvolver o seu ponto de vista:

— O quadro torto na parede pode estar mais certo do que o quadro convencionalmente certo na parede.

O sr. Borges não deu sinal de aceitar a tese da sra. Borges nem de repeli-la, e a explanação de sua esposa prosseguiu:

— Há muitas maneiras de ver um quadro, como também há muitas maneiras de colocá-lo, inclusive, e tem acontecido em museus, de cabeça para baixo, com rendimento óptico.

O sr. Borges virou a página, pigarreou e sentenciou:

— Nem todas as pessoas gostam de plantar bananeira para contemplar normalmente uma obra de arte.

O café da manhã parecia ter duração imprevisível, tão vagarosos eram os gestos e repetidas as pausas do sr. Borges e da sra. Borges. Ouviu-se, afinal, a sra. Borges:

— A colocação de um quadro não está subordinada às linhas geométricas previstas pelo pintor, podendo variar com a sensibilidade visual de quem o desfruta.

O argumento não pareceu impressionar o sr. Borges, a julgar pelo que saiu do seu interior:

— Nesse caso, os bens desfrutados em comum se sujeitariam a variações simultâneas e inconciliáveis, pela diversidade de gostos.

— Há gostos mais apurados e outros menos apurados — foi o comentário da sra. Borges.

— Indiscutivelmente, o quadro está torto, o que não é questão de gosto, mas questão de fato — e o sr. Borges alçou ligeiramente a voz. — E não há computadores para avaliação do gosto.

— Desde que ele ficou assim, ganhou um novo sentido — disse a sra. Borges, fixando o olhar, embevecidamente, no quadro em questão. — Foi a arrumadeira que o colocou nessa posição, e o efeito benéfico logo se fez sentir. Os volumes se equilibraram melhor, a composição ganhou mais força, o quadro comunica mais.

— As arrumadeiras tornaram-se peritas em belas-artes e deve ser-lhes confiada a direção dos museus, ao que parece — foi a glosa do sr. Borges. — Bom proveito a quem lhes seguir a orientação estética.

— Euclides, você está me ofendendo — irritou-se a sra. Borges.

— Você já me ofendera antes — contra-atacou o sr. Borges.

— Esta situação é intolerável, e eu exijo que você me peça desculpas — soluçou a sra. Borges.

— Não será melhor, Zuleica, entrarmos amanhã com a petição de desquite? — detonou o sr. Borges.

moça na chuva

Chovia, não direi a potes, mas a bules de chá, e a moça disse que ia dar uma circulada por aí.

— Menina, com esse tempo e com esses tamancos? — a mãe estranhou.

— Ora, *mammy* (este vocábulo é vernáculo de longa data), chuva é genial de transar na rua, morou?

Mãe, se não concorda, pior para ela. Mesmo assim, insistiu:

— Bota ao menos um sapato fechado, pra não voltar com o calcanhar sujo de lama.

— Calcanhar sujo é um barato!

Riu, tchauzinho, saiu. Moça na chuva: ficam mais bonitas na chuva, ar de andorinha assustada, pula aqui, desguia ali, molha menos do que homem, até nem molha. Há quem as confunda com um raio de sol. Moça é o sol da chuva, sentenciou o poeta Brandãozinho, dezoito anos, extasiado. O pai, amadurecido, corrige:

— Moça é o sol, a lua, as estrelas e tudo mais que brilha.

— Pai, você, hem?

— Cale a boca, juvenil, e admire a luz brincando n'água.

As ruas cariocas desmentem a falta de rios no Rio de Janeiro. Quem disse que eles foram canalizados e correm sob nossos pés, nas entranhas da terra? É à altura dos sapatos, ou mais acima, que deslizam para o mar. E tem cachoeiras quase majestosas, despencando das construções, com a colaboração dos aparelhos de ar-condicionado, que não param nunca de chover. Lagos, lagoas, lagoinhas diversificam a paisagem fluvio-pluvial.

— Veneza!

Quem exclamou, não sei. E não foi preso. A negra floresta dos guarda-chuvas esgueira-se entre fachadas e navios de obras, produzindo outro entupimento, paralelo ao do trânsito. Automóvel no asfalto, guarda-chuva no ar: quem pode? Pode a garota de tamancos altíssimos, tamanqueando, tloque tloque tloque, nem precisa cantar ó abre alas que eu quero passar, as alas abrem-se para Moisés, tloque tloque, a chuva cai com especial requinte sobre a figurinha leve, tloque, molha suave, ou nem, tloque.

Nós, os encharcados, abençoamos a moça: que prodigiosa invenção. E antiga. As mais remotas pinturas a retratam. Pode usar tamanco, botina em forma de pata de elefante, de boca de jacaré, de torneira, de pneu, do diabo-que-te-carregue, é sempre a charmantíssima, parisiense, hindu, sergipana, esquimó.

Para quem sabe ver. Há quem não saiba, os infelizes.

Foi fazer compras? Compra de quê? Do colar de primeiríssima necessidade, para combinar com a blusa que ela viu na revista e não encontrou na boutique? Do biquíni para quando fizer sol, pois quando fizer sol não haverá tempo de comprar biquíni? De outro tamanco? Ou não ia comprar nada, foi o assanhamento de sair na chuva, curtir a chuva, prazer que moleque descalço tem ao máximo, e os civilizados vão esquecendo?

Chuva mansa, chuva criadeira, chuva criança, essa gostosura. Vento que não levanta saia, não há mais saias, calça comprida que modela e revela, mas defende. Aljôfar lucilando no jeans ou na seda esticada, pingos que não querem escorrer, tão bacana ficar pendentes do corpo jovem móvel ágil. Estátuas nervosas na chuva, as moças tamanqueiam, e tloque e ritmo e tloque e ploque. Foi a lugar nenhum, rodou, andorinhou, volta para casa contente de não fazer nada, apenas se inseriu no contexto fluente da chuva, tomou parte na chuva, chuvisricou.

— Esse tamanco imundo em cima do tapete! Esse calcanhar não-sei-que-diga! — a mãe indignada.

Mas que graça teria a vida sem tamanco bem grosso, de dois andares, sem chuva de vez em quando? Torço para chover esta manhã, do contrário ninguém vai gostar da crônica.

entre palavras

Entre coisas e palavras — principalmente entre palavras — circulamos. A maioria delas não figura nos dicionários de há trinta anos, ou figura com outras acepções. A todo momento impõe-se tomar conhecimento de novas palavras e combinações de.

Você que me lê, preste atenção. Não deixe passar nenhuma palavra ou locução atual pelo seu ouvido sem registrá-la. Amanhã, pode precisar dela. E cuidado ao conversar com seu avô; talvez ele não entenda o que você diz.

O malote, o cassete, o spray, o fuscão, o copião, a Vemaguette, a chacrete, o linóleo, o nylon, o *nycron*, o ditafone, a informática, a dublagem, o sinteco, o telex... existiam em 1940?

Ponha aí o computador, os anticoncepcionais, os misseis, a motoneta, a Velosolex, o biquíni, o módulo lunar, o antibiótico, o enfarte, a acupuntura, a biônica, o acrílico, o tá legal, o apartheid, o som pop, a arte op, as estruturas e a infraestrutura.

Não esqueça também (seria imperdoável) o Terceiro Mundo, a descapitalização, o desenvolvimento, o unissex, o bandeirinha, o mass media, o Ibope, a renda per capita, a mixagem.

De passagem, anote a reunião de cúpula, a minicopa, a conjuntura, o Porcão, a reflexologia, a ioga, o iogurte, os alucinógenos, o morfema, o semantema, o estocástico, o ergódico e o markoviano.

Só? Não. Têm seu lugar ao sol a metalinguagem, o servomecanismo, as algias, a coca-cola, o superego, a futurologia, a homeostasia, a Adecif, a Transamazônica, a Sudene, o Incra, a Unesco, o Isop, a OEA e a ONU.

Estão reclamando porque não citei a conotação, o conglomerado, a diagramação, o ideologema, o idioleto; o ICM, a IBM, o falou, as operações triangulares, o zoom e a guitarra elétrica.

Mas por sua vez se esqueceram de lembrar chuchu-beleza, ecumenismo, tremendo barato, monema, parâmetro, gerontologia, genocídio, cronograma, PIB, política habitacional, gol de letra, mercado fracionário de balcão.

Olhe aí na fila — quem? Embreagem, defasagem, barra tensora, vela de ignição, engarrafamento, Detran, poliéster, parafernália, filhotes de bonificação, letra imobiliária, conservacionismo, carnê da girafa, poluição.

Mas há de haver espaço para setorial, tônica, mafagafe (José Cândido de Carvalho descobriu um ninho deles, e diverte-nos com a descoberta, em delicioso livro), complexo de castração, inseminação artificial, napalm, ovos de codorna,

teste de Cooper, sesquicentenário, didascália, passarela, gelo-baiano.

E o vestibular para milhões? O cursinho e o cursilho? O mestrado? Ah, faltava a análise sinótica do mapa meteorológico. A custódia de títulos nominativos. O transplante, variadíssimo e nem sempre letal. A implantação e os implementos industriais. O audiovisual e seus flanelógrafos, para uso de aloglotas. A macrobiótica, pois não. E o offset.

Fundos de investimento, e daí? Também os de incentivos fiscais. Know-how. Barbeador elétrico de noventa microrranhuras. Fenolite. Baquelite. LP e compacto. Alimentos supergelados. Viagens pelo crediário. Circuito fechado de TV na rodoviária. *Argh! Pow! Click!*

Não havia nada disso no jornal do tempo de Venceslau Brás, ou mesmo de Washington Luís. Algumas dessas coisas começam a aparecer sob Getúlio Vargas. Hoje estão ali na esquina, para consumo geral. A enumeração caótica não é invenção crítica de Leo Spitzer. Está aí, na vida de todos os dias. Entre palavras e combinações de palavras circulamos, vivemos, morremos, e palavra somos, finalmente, mas com que significado, que não sabemos ao certo?

excelências

Que tal a Liza Minnelli, em *Cabaret*? Legal. Mas legal paca é a Twiggy no trailer do *Namoradinho*!

Assim se exprimem hoje as admirações, em linguagem criativa. Recuo mais de meio século, e ouço dizerem de Mabel Normand:

— É o suco!

Qualificativo que, para definir o bom do bom, correu longamente o Brasil e chegou a merecer citação em discurso de Rui Barbosa. O próprio Rui era o suco, em matéria de eloquência e galhardia cívica, assim como Bromil era o suco em se tratando de combater a tosse.

Em tempos mais remotos, batizava-se deste modo o objeto da melhor qualidade:

— É x.p.t.o. London.

London, com sílaba final abasileirada. A princípio, segundo Castro Lopes, era marca de cobertor inglês, de muita cotação; depois, ficou sendo tudo que se recomendasse pelo acabamento esmerado. Pessoas mais respeitosas do vernáculo recorriam ao trivial da língua:

— Superior.

Este superior, dito com entonação valorativa. Como o desvalorizado “ótimo”, em que o “ó” concentrava a ênfase do elogio, antes de ser batido irremediavelmente por estes dois poderosíssimos adjetivos:

— Bacana!

— Bacanérrimo!

Podemos extrair a certidão de idade de um desconhecido, se o virmos levar o polegar e o indicador da mão direita (salvo se for canhoto) ao lóbulo da orelha e exclamar:

— É da pontinha.

Trata-se de um sujeito de cinquenta caju, seguramente. Aos vinte aprendeu a relacionar a excelência de uma coisa ao pormenor auricular. Versão sintética:

— Daqui, ó.

Bom à beça teve seus dias de consumo farto. Ainda circula por aí, meio fantasmal. Espécie mais rara, que só de longe adquire vida sonora:

— Cutuba!

E seu primo exagerado, o cutubaço. E seu colateral, o batuta.

Podemos comparar a notas recolhidas de cinco mil-réis os louvores concretizados em “admirável”, “magnífico”, “excelente”, “estupendo”. Não

valem mais nada. Que significa “soberbo” ou “sublime”? “Extraordinário” é menos que ordinário. “Esplêndido”, coitado.

Devia mexer com as fibras da elogiada o hino contido nesta expressão, que também *a fait son temps*:

— É do balacobaco!

Gerações passadas, ao se extasiarem, valiam-se de “formidável”, “fenomenal”, “notável”, “notabilíssimo”, “o que há de bom”, “delícia”, “delicioso”, “de primeira ordem”. Para meu avô, o vinho de respeito era “supimpa”, e um erudito, seu comensal, acrescentava:

— Nec plus ultra.

“Divino” parece que enfraqueceu, pois foi necessário tonificá-lo com “divino maravilhoso”. E tem “infernai” como competidor.

“É um sonho?” “É um sarro?” Antes era “um estouro”. Já foi “piramidal”. Se agora é “fora de série”, naqueles tempos era “incomparável” ou “inigualável”, “sem rival”. “O máximo”, “o maior” deram seus recados. “Espetacular” ainda resiste. “Genial”, de uso imoderado, prova que a genialidade é atributo de todos os brasileiros.

Conceda-se menção a “fantástico”, a “sensacional” e a “sensas”. Não sei se posso lembrar “lindo”, tão impróprio depois da entronização do feio como estilo de vida. “Bárbaro” já diz melhor o que a gente acha e não diz. Certas coisas eram “o fino”, outras “uma gostosura”, “uma graça”, finalmente “uma coisa”.

Apesar de tudo que há de negativo no mundo atual, as excelências nos rodeiam e até nos perseguem. Se a vida é cara, não falta o “barato”, o “tremendo barato”, o “joia”, para compensar, pela contínua criação ou recriação verbal, o que não é nada disto. Viva a palavra! Ela não define apenas o objeto ou a sensação. Ela transforma, ela cria, ela inventa e colore a vida:

— Chuchu beleza!

modos de xingar

— Biltre!

— O quê?

— Biltre! Sacripanta!

— Traduz isso para português.

— Traduzo coisa nenhuma. Além do mais, charro! Onagro!

Parei para escutar. As palavras estranhas jorravam do interior de um Ford de bigode. Quem as proferia era um senhor idoso, terno escuro, fisionomia respeitável, alterada pela indignação. Quem as recebia era um garotão de camisa esporte; dentes clarinhos emergindo da floresta capilar, no interior de um fusca. Desses casos de toda hora: o fusca bateu no Ford. Discussão. Bate-boca. O velho usava o repertório de xingamentos de seu tempo e de sua condição: professor, quem sabe? leitor de Camilo Castelo Branco.

Os velhos xingamentos. Pessoas havia que se recusavam a usar o trivial das ruas e botequins, e iam pedir a Rui Barbosa, aos mestres da língua, expressões que castigassem fortemente o adversário. Esse material seletivo vinha esmaltar artigos de polêmica (polemizava-se muito nos jornais do começo do século), discursos políticos (nos intervalos do estado de sítio, é lógico) e um pouco os incidentes de calçada.

A maioria, sem dúvida, não se empenhava em requintes. Mesmo na imprensa, que se dizia amarela e depois virou marrom, ou na de cores mais amenas, a palavra safardana tinha curso fluente. “Safardana”, mais veemente que “safado”, levava em sua companhia a variante “grandessíssimo safado”, de emprego recomendável como preliminar ao desforço físico, a bengaladas. “Grandessíssimo” dilatava enormemente a ofensa, e como revide só mesmo o palavrão universal, que não é necessário reproduzir aqui.

“Ladrão”, simplesmente, não convencia. Adotavam-se formas sofisticadas, como “ladravaz”, “ladroação”. Muitos preferiam “larápio”, fazendo-o acompanhar de movimento giratório dos dedos da mão direita em torno do eixo do polegar. “Ratoneiro” também tinha clientes. E “gatuno” (“esta noite entrou gatuno lá em casa”) aplicava-se aos que, com mão de gato, surrupiavam tanto um relógio como uma ideia.

Jamais aprovei o uso indevido de nomes de animais para qualificar ou verberar deficiências intelectuais ou morais do próximo. A injustiça feita ao cachorro, alçado a “cachorrão”, como sinônimo de mau-caráter, dói e revolta. A zebra não é responsável pelo baixo QI de seres humanos, nem o camelo

tampouco. Burro, burroide, besta, bestalhão, jumento: outros exemplos de impropriedade vocabular, que não recomendam a linguagem crítica. Irracionais prestantes, muitas vezes providos de razão prática luminosa, não costumam, que eu saiba, xingar os de sua espécie com invectivas desta ordem:

— Homem!

— Homúnculo!

— Reverendíssimo homem!

Onde aprecio os antigos é na graça de certos epítetos, que não chegam a desaforo; ficam no plano do humor. Assim o “mariola”, que curtia vida de malandro; o “mandrião”, que fugia do trabalho como fugimos hoje dos automóveis; o “salta-pocinhas”, o “valdevinos”...

— Aquilo é um sevandija.

Aí, a classificação começa a engrossar. Não é agradável ouvir que nos chamam de parasita. Mas “peralvilho”, quem se zangava? “Badameco” e “bonifrate” ardiam um pouco na pele. “Peralta”...

Tertuliano, frívolo peralta, do soneto de Artur Azevedo, não deixava de ser um cara simpático. Não há mais peraltices. Hoje, são violentas as jogadas. E as expressões cáusticas ou irônicas, mais limitadas. Com dois ou três palavões, qualificamos tudo. Aquele senhor do Ford de bigode, com seu palavreado escorreito, como o admiro. Salve, paladino do pulcro dizer, no instante da ira! Com exceção do “onagro”: o animal não merecia trato pejorativo. Respeitemos a natureza, até na cólera.

receita

— “Tonerre de Dieu!”

Blasfêmia? Não era blasfêmia. Pronunciada com ênfase, que carregava no “eerre” mas excluía a ideia de desafio à divindade, a exclamação tinha caráter informativo. Do meu canto, no bar, prestando ouvidos à roda movimentada, aprendi a receita de um drinque.

— *Tonerre de Dieu* é assim — explicou o que sabia das coisas. — Dois pontos: um quarto de uísque, um quarto de gim, um quarto de conhaque, um oitavo de vodca, um oitavo de absinto.

— E caninha?

— Caninha pra quê?

— Não bota um quarto de caninha pra reforçar a pauta?

O técnico olhou-o com desprezo. Então a pauta não estava completa e perfeita? Precisava de caninha, se aquilo já dava de sobra para derrubar um herói de Homero ou de *Grande sertão: veredas*? Mania essa de encaixar coisas onde não tem lugar para elas!

Mas o opinante não se conformava. Caninha sim. Um quarto de caninha era absolutamente imprescindível para conferir largo espectro à composição, cujo mérito ele não discutia, a coisa deve ser legal, não digo que não, mas tenha paciência, por que não incluir o quantum satis de caninha num elenco assim prestigioso?

— Você quer que eu modifique a fórmula internacional, devidamente estudada pelos peritos e testada por gente de gabarito? É isso que você quer?

— Fórmula internacional. Ótimo. Você me deu o argumento em favor da caninha. Justamente por ser internacional, por que não incluir o Brasil nessa jogada?

— É uma reivindicação nacionalista?

— É e não é. Se o Brasil entra, só podemos nos regozijar. Ou você é dos que não acreditam na grandeza da pátria, expressa de múltiplas maneiras? Mas eu não estou propondo como patriota, eu falo de um ponto de vista estético. Em nome da divina proporção. São cinco elementos, não são? Que figuram na receita. Bota mais um, fica equilibrado. O mesmo peso, a correlação de forças...

— Composição primária, essa que você sugere. Três de cada lado? Já era, amizade. Diagramação, hoje, é uma arte que joga com blocos irregulares. E é assim que deve ser diagramado o *tonerre de Dieu*.

— Se o negócio é esse, então tira o absinto e bota caninha. Continuam cinco, e

o conjunto ganha em representatividade.

— Tirar o absinto?! Não diga besteira. Por que *tonerre* eu vou tirar o absinto?!

— Absinto é veneno. Faz um mal danado à gente.

— Pelo contrário, sua zebra. Absinto é o que há de mais estomacal. Veja os tratados.

— Pois sim. Produz exacerbação dolorosa das sensações táteis.

— Absinto é tônico. Não sou eu quem diz. É a medicina.

— Acaba produzindo insensibilidade total. Também é a medicina que diz.

— Absinto é antiácido!

— Vê lá se eu acredito.

— É febrífugo!

— Que mais?

— Vermífugo!

— Só?

— Absinto é um santo remédio! Até — mas isto só interessa às damas — é emenagogo.

— Absinto pode ser tudo isso que você falou, e mais alguma coisa, no papel, não na garrafa. O que eu sei, e sempre me preveni contra ele por causa disto, é que absinto, ouviu? destrói a potência sexual.

O da receita estacou:

— Você tem certeza disto?

— Absoluta.

— Pois eu não acredito. E mantenho a fórmula. Intocável. Sem corrupção. Sem caninha.

— Bota a caninha, bota...

— Nunca!

Um terceiro, meio bêbado, deu uma de mediador:

— Atende a ele, Fernando. Só que em lugar de caninha, bota caipirinha nessa tal de trovoada de Deus.

— Como diz o outro...

Que outro? E desde quando ele se chama Outro? Estranho nome, este, que não identifica, não responsabiliza, não consta de nenhum registro civil: Outro, nascido em tal data, em tal lugar, de sexo masculino. Por que nunca se diz: Como diz a outra? A outra não diz nada, limita-se a ouvir o Outro, se é que o ouve?

Depois, não é só um Outro. São muitos, são vagos, são indefinidos: os Outros. Que é que os outros vão dizer? Mas os outros nunca dizem nada, apenas se recebeia que eles digam alguma coisa desabonadora ou cruel. Quem costuma dizer, e é antes abonador, é o Outro. Mas abona escondido, sopra ou insinua a sentença oportuna, para que ela corra mundo sem que o Outro, pessoalmente, se comprometa. O Outro tem medo?

Tudo indica que o Outro é cúmplice de quem diz: Como diz o outro. Fornece-lhe juízos, anexins, glosas para circunstâncias que requeiram este ou aquele enunciado. Mas pode ser também que o Outro seja senhor daquele que diz que ele disse. Senhor poderoso e incógnito, que manda seus súditos semear pelo mundo aquilo que convém ser semeado, visando a determinadas colheitas — de quê? Só o Outro sabe.

Mas o Outro existe realmente? Não será inventado na hora e no calor do interesse, da imaginação, do acaso? Quem é o Outro? Um sábio? Sabido? Pseudônimo, heterônimo? Quem sabe se o Outro não serei eu mesmo, como pretendia um outro, este conhecido, que disse: *Je est un autre*?

A ideia de eu ser o Outro de mim mesmo, ou de outro Outro, ou mesmo de outríssimos Outros, não chega a constituir matéria de meditação transcendental, na fórmula do Maharishi Mahesh Yogi. A todo instante sinto que há vários, senão muitos outros em mim, se bem que nenhum deles seja o tal Outro que costuma dizer coisas repetidas por outros. Também não ignoro que os outros me acham o outro, que em qualquer lugar, situação ou momento sou sempre o outro dos outros, e o serei sempre, inapelavelmente. Mas em nenhum momento, situação ou lugar terei sido nem serei jamais o misterioso e sábio Outro, de quem se repetem as palavras sábias ou simplesmente sabidas do “como diz o outro”.

Minha alteridade é incontroversa, com relação aos demais habitantes da Terra, assim como a alteridade dos demais habitantes com relação ao meu eu. Mas isso, multiplicando ao infinito os outros, e fazendo com que todos os sejamos cada vez mais, não chega a anular o sentimento do eu, que luta ferozmente, não digo por se afirmar: simplesmente por se saber existir, dentro do outrismo geral.

E por que o Outro diz certas coisas e omite outras, por que varia tanto no que diz conforme a boca a repeti-lo? O Outro é incoerente, na China emite conceitos totalmente diversos dos que são divulgados em Mato Grosso. Nesta mesma cidade do Rio, o Outro varia com os bairros, as profissões, o nível de cultura. O Outro são outros, quantos, quais?

Estou exagerando. A verdade é que o Outro não é muito citado ultimamente. Citam-se mais Barthes, Mendilov, Jakobson, Lévi-Strauss, Baccherozzo, Kästchen. Menos, Sartre, Toynbee, Lukács. O Outro, menos ainda, e há até alguns encabulados, que, arriscando-se a citá-lo, recorrem ao pretérito:

— Como dizia o outro...

Dizia. Já não diz. Ou diz pouco, prudentemente parco, na maioria das vezes não diz nada. Está secando essa outrora fértil reserva de opiniões que fazia autoridade, sob a capa do anonimato.

Que diz agora o Outro? Quem é capaz de sabê-lo e transmiti-lo, se o Outro se fechou em copas e desmentirá tudo quanto se disser que ele disse? O Outro diz que vai chover? O Outro é capaz de desmentir e ameaçar-nos com processo, pois claro que a afirmação pluvial envolve delicadas responsabilidades, podendo espalhar a insegurança nacional. Por que vai chover? Chover é bom ou perigoso? O Outro garante que a chuva não tem segunda ou quinta intenção? O Outro pensou bem antes de dizer algo sobre a chuva?

Não. A frase correta seria:

— Como não diz o outro.

o verbo matar

Quem se espanta com o espetáculo de horror diversificado que o mundo de hoje oferece faria bem se tivesse o dicionário como livro de leitura diurna e noturna. Pois ali está, na letra M, a chave do temperamento homicida, que convive no homem com suas tendências angélicas, e convive em perfeita harmonia de namorados.

O consulente verá que matar é verbo copiosamente conjugado por ele próprio. Não importa que cultive a mansuetude, a filantropia, o sentimentalismo; que redija projetos de paz universal, à maneira de Kant, e considere abominações o assassinio e o genocídio. Vive matando.

A ideia de matar é de tal modo inerente ao homem, que, à falta de atentados sanguinolentos a cometer, ele mata calmamente o tempo. Sua linguagem o trai. Por que não diz, nas horas de ócio e recreação ingênua, que está vivendo o tempo? Prefere matá-lo.

Todos os dias, mais de uma vez, matamos a fome, em vez de satisfazê-la. Não é preciso lembrar como um número infinito de pessoas perpetra essa morte: através da morte efetiva de rebanhos inteiros, praticada tecnicamente em lugar de horror industrial, denominado matadouro. Aí, matar já não é expressão metafórica: é matar mesmo.

O estudante que falta à classe confessa que matou a aula, o que implica matança do professor, da matéria e, conseqüentemente, de parte do seu acervo individual de conhecimento, morta antes de chegar a destino. No jogo mais intelectual que se conhece, pretende-se não apenas vencer o competidor, mas liquidá-lo pela aplicação de xequê-mate. Não admira que, nas discussões, o argumento mais poderoso se torne arma de fogo de grande eficácia letal: mata na cabeça.

Beber um gole no botequim, ato de aparência gratuita, confortador e pacificante, envolve sinistra conotação. É o mata-bicho, indiscriminado. E quantos bichos se matam, em pensamento, a cada instante! Até para definir as coisas naturais adotamos ponto de vista de morte violenta. Essa planta convolvulácea é apresentada por sua propriedade maléfica: mata-cabras. Nasceu para isso, para dizimar determinada espécie de mamíferos? Não. Assim a batizamos. Outra é mata-cachorro. Uma terceira, mata-cavalo, e o dicionarista acrescenta o requinte: “goza da fama de produzir frutos venenosos”. Certo peixe fluvial atende (ou devia atender) por mata-gato, como se pulasse d’água para caçar felinos por aí, ou se estes mergulhassem com intenção de ajustar contas

com ele. Em Santa Catarina, o vento de inverno que sopra lá dos Andes é recebido com a exclamação: “Chegou o mata-baiano”.

Já não se usa, mas usou-se muito um processo de secar a tinta em cartas e documentos quaisquer: botar por cima um papel grosso, chupão, que se chamava mata-borrão e matava mesmo, sugando o sangue azul da vítima, qual vampiro de escritório.

A carreta necessita de correia de couro que una seu eixo ao leito. O nome que se arranjou para identificá-la, com sadismo, é mata-boi. Mata-cachorro não é só planta flacurtiácea, que acumula o título de mata-calado. É também alcunha de soldado de polícia estadual, e do pobre-diabo que, no circo, estende o tapete e prepara o picadeiro para a função.

Matar charadas constitui motivo de orgulho intelectual para o matador. Há um matador profissional, remunerado pelos cofres públicos: o mata-mosquito, que pouca gente conhece como guarda sanitário. Mata-junta? É a fasquia usada para vedar juntas entre tábuas. O sujeito vulgarmente conhecido como chato, ao repetir a mesma cantilena, “mata o bicho do ouvido”. Certa espécie de algodoeiro é mata-mineiro, certa árvore é matamatá, ninguém no interior ignora o que seja mata-burro, mata-cobra tanto é marimbondo como porrete e formiga. Ferida em lombo de animal chama-se matadura. Nosso admirável dedo polegar, só lhe reconhecem uma prestança: a de mata-piolhos.

Mandioca mata-negro. Peixe matante. Vegetal mata-olho. Mata-pulga, planta de que se fazem vassouras. Mata-rato, cigarro ordinário. Enfeites e atavios, meios especiais para atingir certos fins, são matadores. “Ela veio com todos os matadores” provoca admiração e êxtase. “Eunice com seus olhos matadores”, decassílabo de vítima jubilosa.

Se a linguagem espelha o homem, e se o homem adorna a linguagem com tais subpensamentos de matar, não admira que os atos de banditismo, a explosão intencional de aviões, o fuzilamento de reféns, o bombardeio aéreo de alvos residenciais, os pogroms, o napalm, as bombas A e H, a variada tragédia dos dias modernos se revele como afirmação cotidiana do lado perverso do ser humano. Admira é que existam a pesquisa de antibióticos, Cruz Vermelha Internacional, Mozart, o amor.

gente

— Esse vai ser ministro — sentenciou o pai, logo que o garoto nasceu.

— E você, com esse ordenado mixo de servente, tem lá poder pra fazer nosso filho ministro? — duvidou a mãe.

— Então, só porque meu ordenado é mixo ele não pode ser ministro? A Rádio Nacional deu que Abraão Lincoln trabalhava de cortar lenha no mato e chegou a presidente dos Estados Unidos.

— Isso foi nos Estados Unidos.

— E daí? Nem eu estou querendo tanto pra ele. Só quero uma de ministro.

— Tonzinho, deixa isso pra lá.

— Pra começar, a gente convida o ministro pra padrinho dele.

— O ministro não vai aceitar.

— Não vai por quê? Trabalho no gabinete há dois anos.

— Ele é muito importante, filho.

— Por isso mesmo. Com padrinho importante, o garotinho começa logo a ser importante.

— O ministro é tão ocupado, você mesmo diz. Vê lá se tem tempo pra batizar filho de pobre.

— Pois sim. Ele me trata com toda a consideração, de igual pra igual. Hoje mesmo eu faço o convite.

Fez. O ministro não pôde comparecer, mas enviou representante. Era quase a mesma coisa. Na hora de dizer o nome do menino, o pai não vacilou; disse bem sonoro:

— Ministro.

— Como? — estranhou o padre.

— Ministro, sim senhor.

A mulher ia atalhar: “Tonzinho, não foi Antônio de Fátima que a gente combinou?” mas era tarde.

No cartório, também estranharam:

— Ministro por quê?

— Porque eu escolhi. Acho lindo.

— Não é nome próprio.

— Pois eu cá acho muito próprio. Não tem aí uma família chamada Ministério, aliás com pessoas distintas, médicos, dentistas etc.?

— Tem.

— Pois então. Meu filho é Ministro, só isso. Ministro Alves da Silva, futuro

cidadão útil à pátria. Tem alguma coisa demais?

O garoto registrou-se. Cresceu. Na escola, a princípio achavam-lhe graça no nome. Parecia apelido. Depois, o costume. Há nomes mais estranhos. Ministro não era o primeiro da classe, também não foi dos últimos.

Já moço, o leque das opções não se abriu para ele. Entre o ofício sem brilho e o andar térreo da burocracia, acabou sendo, como o pai, servente de repartição. Promovido a contínuo.

— Eu não disse? — festejou o pai. — Começou a subir.

O máximo que subiu foi trabalhar no gabinete do ministro.

— Ministro, o senhor ministro está chamando.

— Ministro, já providenciou o cafezinho do senhor ministro?

— Sabe quem telefonou pra você, Ministro? A senhora do senhor ministro. Diz que você prometeu ir lá consertar umas goteiras e esqueceu.

— Ministro! Roncando na hora do expediente?!

Começaram os equívocos:

— Telefonema para o Ministro.

— Qual? O Ministro ou o senhor ministro?

— Esse Ministro é um cretino! Me fez esperar uma hora nesta poltrona!

— Perdão, deputado, o senhor está ofendendo o senhor ministro.

— Eu? Eu? Estou me referindo a esse animal, esse...

Até que se apurasse que o animal era Ministro, o contínuo — que confusão!

O ministro de Estado, ciente da confusão, recomendou ao assessor:

— Faça esse homem trocar de nome.

— Impossível, senhor ministro. É o seu título de honra.

— Então suma com ele da minha vista.

Mandaram-no para uma vaga repartição de vago departamento. Queixou-se ao pai, aposentado, que isso de se chamar Ministro não conduz a grandes coisas e pode até atrasar a vida.

— Ora, meu filho, hoje no bueiro, amanhã no Pão de Açúcar. E você não tem de que se queixar. Num momento em que tanta gente importante sua a camisa pra ser ministro, e fica olhando pro céu pra ver se baixa um signo do astral, você já é, você sempre foi Ministro, de nascença! de direito! E não depende de governo nenhum pra continuar a ser, até a morte!

Abraçaram-se, chorando.

— Olha aí, os primeiros morangos! Bonita cor, bonita palavra, mas em junho? Em julho é que eles deviam aparecer oficialmente, anda tudo mudado, enfim desta vez mudou para melhor, não houve adiamento para outubro ou novembro por motivos de ordem técnica, esses motivos que a gente não fica sabendo quais sejam, mas os morangos nunca mais foram colhidos diretamente no bosque, ou, se você prefere, na campina verdejante, por dedos jovens que logo os levavam à boca, a propósito: seus lábios eram assim tão vermelhos, ou você os pintava com morango espremido? Hoje eles (os morangos, claro que não me refiro aos lábios) vêm em cestinhas de taquara ou de lâminas finas de madeira, dizem até que já brotam assim da rama acondicionados em cestinhas maiores ou menores, conforme a intenção do vendedor e as posses do consumidor, são apartamentos de morango, né? uns maiores, outros menores, como acontece com a gente, aí morangos! O ácido sabor cortado pela branca moleza do creme Chantilly, e essa agora, quando que morango brasileiro de hábitos silvestres podia imaginar que seria misturado a essa francesice, edulcorado a *sucre vanillé* e todas as milongolias conotativas que o nome desperta: *forêt, chateau, porcelaine, dentelles...* deixa pra lá, no fundo ele gosta, é a sofisticação invadindo a natureza, morango de inverno virou primo-rico de morango de todo o ano, sente-se e prove a sobremesa, deixe um pouco de creme, um pouquinho só, nevar a quase imperceptível penugem do seu buço, criança gosta de se lambuzar e de ver os outros lambuzados, faz de conta que você, assim de botas e de short, caminhou para trás no tempo, aliás, pouco, não estamos no Nino's, que importância tem isso? O morango maior, esse aí, tenha paciência, vou furtá-lo de sua taça, ele me pertence de direito imemorial, não, não vamos dividi-lo, que negócio é esse? Sou capaz de brigar por causa de um supermorango, você ainda não me conhece bem, deixe eu ser glutão, egoísta e bárbaro, mas se você faz mesmo questão de um sacrifício de minha parte, e tendo em vista as altas razões que movem o coração dos dominadores, bem, eu, el-rei, vos envio muito saudar e deposito pessoalmente em sua boca o maior dos morangos do meu reino, ainda ontem ele estava exposto na vitrine de uma casa de frutas da rua da Carioca, foi fotografado e televisionado, creio até que foi entrevistado mas falou monossílabos, não é de muito falar, morango vale por si, independente de suas ideias, uns o acharam cafona, mania dessa gente chamar de cafona tudo que foge à bitola estreita, repare que apesar de toda essa onda ele é dos mais discretos e honrados entre os morangos da presente safra, da qual não se pode

ainda afirmar que seja esplendorosa ou medíocre, repare ainda que nem é propriamente um morango gigante, cabe fácil na colher, o que há é que ele me pareceu destinado a mim por um signo invisível gravado em sua epiderme rubra, quem sabe o que os morangos levam de código, há frutas sem mensagem, vazias, podiam não existir que ninguém lhes sentiria a falta, mas o morango tem uma personalidade! Talvez eu exagere, não é tanto assim, mas há momentos na vida do homem em que é imperativo conferir propriedades novas às coisas, propriedades que podem suplantar as que lhes são imanentes, se eu não tiver o poder de exaltar ao máximo os morangos, que me resta de positivo entre estes muros e circunstâncias, me diga por favor, ah, prefere não falar, eu sei, prefere degustar um a um a porção de morangos que o garçom lhe adjudicou, por sinal que ele botou mais na sua taça do que na minha, eu faria o mesmo, gentileza não é privilégio de garçons, gentileza maior eu faria na mata municipal, não a mata virgem de jaguar e suçuarana, mas num matinho particular onde, caminhando juntos, topássemos com um silencioso pé de amora, prefiro dizer framboesa, e só uma framboesa estaria madura, para você eu a destinara desde que nasci, estava ali me, nos esperando, mágica, mística, *morada* como em espanhol se fala, e eu a colheria e ela se abriria, em concha, e dentro dela estaria ofertada a você a razão primeira das coisas, o inefável sentido das coisas diversas, pode levar, isto é seu, o mundo lhe pertence a partir deste momento... viu o que se pode tirar da notícia de morangos em junho, viu?

A garota em êxtase brandiu o postal que recebera do namorado em excursão na Grécia:

— Coisa mais linda! Olhe só o que ele me escreveu: “Eu queria desfolhar teu coração como se ele fosse a mais margarida de todas as margaridas”. Marquinhos é genial, o senhor não acha?

— Pode ser que seja, não conheço Marquinhos. Se bem que antes da era Pierre Cardin, genial era Dante, Da Vinci, Einstein, outros assim. Mas essa frase não é de Marquinhos.

— Não é de Marquinhos?! Tá com a letra dele, assinada por ele.

— Estou vendo que assinou, mas é de Darío.

— Quem? O Darío, do Atlético Mineiro? Sem essa!

— Não, minha florzinha, Darío, Rubén Darío, o poeta da Nicarágua.

— Não conheço. Então Rubén Darío falou pra Marquinhos e Marquinhos achou bacana e pediu emprestado a ele?

— Tenho a impressão que o Marquinhos não pediu nada emprestado a Rubén Darío. Tomou sem consultar.

— Como é que o senhor sabe?

— É muito difícil consultar o Darío.

— Por quê? Ele não dá bola pra gente? Não gosta da mocidade? É careta?

— Não é nada disso. O Darío não é encontrado em parte alguma.

— Ah, ele gosta de bancar o invisível, né?

— Não creio que goste, mas é exatamente o caso dele: invisível.

— Não dá pra entender.

— Vai entender logo. Ele morreu em 1916.

— Ah! E como é que o Marquinhos descobriu essa margarida, me conte!

— Simples. Leu num livro de poemas de Rubén Darío.

— Marquinhos não é ligado a leitura. Duvido.

— Se não leu no livro, leu em alguma revista, em alguma parte.

— Hã...

Ficou tão triste — os olhos, a boca, a testa franzida — que achei de meu dever confortá-la:

— Que importância tem isso? A frase é de Darío, é de Marquinhos, é de toda pessoa sensível, capaz de assimilar o coração à margarida... Desculpe: à margarida.

Muxoxo:

— Se é de todos, não é de ninguém, não vale nada.

— Pelo contrário. Fica valendo mais, torna-se sentimento universal.

— Ah, o senhor está por fora. Eu queria a margarida só pra mim. Copiada não tem graça. A graça era imaginar Marquinhos, muito sério, desfolhando meu coração transformado em margarida, para saber se eu gosto dele, um pouquinho, bastante, muito loucamente, nada. E a margarida sempre com uma pétala escondida por baixo da outra, entende? pra ele não ter certeza, por que essa certeza eu não dava... Era gozado.

— Continue imaginando.

— Agora não dá pé. Marquinhos roubou a margarida, quis dar uma de poeta. Não colou.

— Espere um pouco. Eu disse que a margarida era de Rubén Darío? Esta cabeça! Esquece, minha filha. Agora me lembro que Rubén Darío nem podia ouvir falar em *margarita*, começava a espirrar, a tossir, ficava sufocado, uma coisa horrível. Alergia — que no tempo dele ainda não estava batizada. Pois é. Garanto a você, posso jurar que a margarida não é de Darío.

— De quem é então?

— De Marquinhos, ué.

— Tem certeza que nunca ninguém antes de Marquinhos escreveu “a mais margarida de todas as margaridas”? O senhor lê milhões, pode me responder. Tem certeza?

— Absoluta. Marquinhos é genial, reconheço. Mas, por via das dúvidas, continue escondendo uma pétala de reserva, sim?

— Pode deixar por minha conta. Puxa, quase que eu parava de transar com o Marquinhos por causa do senhor. Agora tá legal, tchau, vovô!

Vovô: foi assim que ela me agradeceu a mentira generosa, a bandida.

Sei de um homem que está fazendo cento e onze anos, e fui entrevistá-lo.

— Como é: cento e onze?

— Você é que está contando por mim. Eu não conto.

— E nem parece que é tanto assim. Puxa vida, o tempo não o mudou em nada: voz, olhar, o bigode caído. A seriedade.

— Bem, agora já não poderia mudar.

— Pois olhe, pra mim o senhor — você, se me dá licença — não mudou nunca, sabe?

— Mudei. O menino era um, o homem ficou sendo de outra madeira.

— O fato é que você me deu sempre uma tal impressão de força!

— Não terá sido defeito de visão de sua parte? Em todo caso, admito que procurei sempre cultivar, entre minhas fraquezas, um princípio de energia.

— Isso. Quando o conheci (e conheci já tarde, gostaria tanto de termos convivido mais cedo), você era pura energia. Às vezes um pouco... um pouco dura, não?

— Engraçado. Você nunca percebeu como essa dureza, às vezes, senão sempre, era contra mim mesmo. Contra o menino que também fui, fraco no campo dos fortes.

— A gente nunca percebe direito as coisas, face a face com elas.

— Se percebesse, mesmo assim não as aceitaria.

— Quem sabe? Pode ser que uma palavra...

— A palavra é justamente o que dificulta a percepção.

— Um gesto.

— O mais difícil é esboçar um gesto, o movimento de mão que anule a palavra errada.

— Então, como é que a gente se entende?

— A gente só se entende, isto é, só prepara o tardio entendimento, pela oposição, pelo contraste, pelo choque.

— Não haverá um caminho menos cruel para isso?

— Você sabe perfeitamente que não. E que não é a diferença de naturezas que produz o choque. É a identidade.

— Tem razão. Forças do mesmo tipo; desencadeadas em duas pessoas, agem em sentido contrário.

— Até se fundirem, pacificadas.

— Exaustas?

— Não. O resultado da fusão não é o cansaço. É a paz, uma paz diáfana, um silêncio.

— Ela habita em você?

— Não propriamente em mim. Na imagem de mim em você.

— Então, essa energia que se derramou por sua vida não encontra repouso?

— Estará latejando sempre, mas o conflito cessou. Veio uma hora mansa, infundável, de que está ausente qualquer ideia de conflito. E em você?

— Também sinto que essa hora se aproxima, ou por outra, sei agora que ela soa num relógio diferente de todos, e soar não é bem a expressão: ela pulsa.

— Parece que você tem medo.

— Medo suportável, tornado menor pela capacidade de aceitação, que se acentua com a capacidade de renúncia. Como você resolveu este problema?

— Sozinho, sem os recursos de que vocês hoje dispõem. Não havia análise para a angústia. Nem comprimidos extasiantes. A luta era entre um homem e o resto do mundo. Não tive aliados.

— Que beleza, a sua vitória!

— Como se houvesse vitória. Houve cumprimento de tarefa, apenas.

— Devo ter perturbado um pouco.

— A perturbação fazia parte da tarefa. Todas as perturbações.

— Eu via que perturbava, sabe? e era como se no fundo de mim sentisse necessidade de me atritar. Hoje estou calmo.

— Tanto quanto pensa que está? Veja bem. Por que me interroga?

— Pelo gosto de conversarmos.

— Não. Porque falta ainda alguma coisa a escavar, a descobrir. No dia em que você a encontrar, não me perguntará mais nada.

— Que coisa seria essa? Nos entendemos tão bem.

— Mas a si mesmo, você se entende completamente?

— Bem, eu...

— Chega por hoje. É a sua vez de descansar, entrevistador.

sociedade

o convidado agradece

Há dias, em certo jantar naquela cobertura da Zona Sul, um convidado pediu a palavra, e tal foi a surpresa que ninguém se mexeu para recusá-la. É de lembrar que há muito na Zona Sul desapareceu o hábito de usar da palavra à maneira clássica: um falando e os demais reduzidos ao silêncio, ouvindo. Há talvez meio século que se instituiu a conversa generalizada, isto é, todos falando ao mesmo tempo, com a voz ou com o garfo, pois comer é também maneira eficiente de comunicar-se: o apetite chama o apetite, e os apetites porfiam no diálogo manducativo. Esta segunda técnica de comunicação é, mesmo, a preferida.

Não se lhe tendo recusado a palavra, ela também não lhe foi concedida, pois o espanto dominava as fisionomias e os talheres. À falta de sim ou não, peremptório, o homem tomou a palavra resolutamente, e disse que ia agradecer. Agradecer o quê? perguntou a si mesmo. E a si mesmo respondeu, como o saudosos ministro Ataúlfo de Paiva: tudo. E prosseguiu:

— Tudo é para agradecer, a começar pelo fato de estarmos aqui reunidos, degustando o excelentíssimo arroz com castanha-de-caju, digno da mesa dos deuses, como outro igual ainda não comi, e creio que todos os presentes jurarão o mesmo. Gozar da amizade de Baby e Lulu Fontamaro é uma felicidade para o coração e para o paladar.

Mas, se estamos aqui reunidos, papando o bom arroz do casal, obviamente é porque emplacamos mais este setenta e um, e se emplacamos, é forçoso agradecer o emplacamento. Já imaginaram se todos nós houvéssemos tomado a barca de Caronte antes desta noite amena sob as estrelas, pois até estrelas Lulu e Baby providenciaram neste dezembro de chuva? Que desolação reinaria nesta casa, que abandono, que gélidas imagens de finitude — mas nem quero insistir, rendo graças à vida e à sua conservação, à maravilhosa circunstância de termos vencido todos os elementos que conspiravam contra a nossa permanência em nossos respectivos domicílios, gabinetes, escritórios, empregos e mesmo desempregos, pois há quem viva disto, e viva bem.

Agradecer à vida é agradecer inclusive os seus males, porque nos poupamos ou só de leve nos atingiram com sua farpa. Nossas gripes não se entenebrecearam em pneumonias duplas; nossos embaraços gástricos e/ou financeiros não nos derrubaram. Passo os olhos em torno desta mesa florida (que soberbo arranjo de flores você conseguiu com sua criatividade, Baby!) e não vejo nenhum aleijado. Se alguém aqui usa perna mecânica, eu o felicito, pois absolutamente não se percebe, e noto nos convivas uma aérea leveza de Nureyev. Graças! graças

sejam dadas à vida, em sua plenitude às vezes contraditória, mas, no fundo, dialética, perfazendo a síntese expressa nesta gratíssima reunião!

Agradeço ao charuto do nosso amigo Nivaldo, que, ao acendê-lo antes de terminado o jantar, e soprando baforadas junto às faces pulcras de Jeanete Tabora, nem por isto eleva o índice de poluição ambiente na Guanabara, pois como este índice já chegou ao máximo, pretensão inútil seria tentar aumentá-lo. Eis uma demonstração objetiva que devemos ao Nivaldo (obrigado, companheiro), ao mesmo tempo em que cabe agradecimento especial ao referido índice de poluição, de vez que ele comprovou a fortaleza de nossos organismos, resistentes a tudo. Enfrentaremos sorridentes os futuros flagelos sociais que se desencadearem sobre nossas cabeças, uma vez que o homem provou ser sempre superior a qualquer flagelo na história, sem embargo das baixas sofridas na sempiterna peleja.

Agradeço à língua portuguesa por me haver obsequiado com esta palavra *sempiterna*, que supponho pronunciada pela primeira vez na Zona Sul, onde se diz que tudo é passageiro, as situações não duram mais que uma estação de praia ou um drink no Country, e amanhã já é ontem. Agradeço às guerras não declaradas, ou declaradíssimas, no Vietnã, no Camboja, no Oriente Médio, no Paquistão Oriental, por absurdo que pareça meu ponto de vista: elas estimulam o estudo da geografia através de notações concretas, dão matéria a correspondentes, fotógrafos e comentaristas internacionais, e assegurando a continuidade dos debates acadêmicos na ONU, garantem trabalho infatigável às delegações. Eu quisera estar lá (na ONU, não na guerra) em pessoa, mas, como nem sempre as aspirações elevadas são factíveis, dar-me-ei por satisfeito (e agradecerei) se o governo se lembrar de meu filho Joanito para assessor de qualquer coisa naquela Assembleia. Ele é habilitado.

Em suma, agradeço. De coração. A tudo. Seria impossível minudenciar as gratidões, pois chegamos à sobremesa, e quero agradecer desde logo esta espetacular musse de manga gelada, nunca outra igual saboreamos antes, ou não é de manga? ah, é de pêssego, pois eu afirmo do mesmo modo que...

Aí faltou luz, e o homem acrescentou:

— Agradeço à Light: ela não falha nunca nestas horas.

moda

Tizuca parado em frente à loja de roupas masculinas. Ou unissex. Quem sabe lá o que hoje é ou não é roupa do ou roupa da.

Indecisão. Dúvida. Perplexidade. Escolher o quê?

Colarinho italiano arredondado ou colarinho com pontas abotoadas. Os dois?

Colarinho com pespontos, colarinho chemisier? Tudo que há de opção na forma e cara de um colarinho!

Se Tizuca pende para a camisa esporte xadrez, vem o problema: o xadrez do bolso tanto pode ser na direção das linhas como enviesado. Enviesado é melhor, claro. Mas o outro, mesmo de xadrez, tem um toque de social, entende?

Tizuca não é lá muito social, mas a fórmula esporte-social o atrai. Em geral e sempre, ele é mais esporte. Acontece que amanhã pode querer dar uma de social, e então esta camisa aqui vira clássica, pelo artifício de um botão abotoado no colarinho. Versátil.

Vitrine é isso: mostra demais. Devia mostrar só uma camisa de cada vez, a gente conferia, tá bem, não tá: outra. Depois outra. Cinco camisas diferentes, dando tapa no olhar, como é que pode?

Tizuca ainda não chegou ao capítulo calça. Está assuntando a subseção lapela do bolso. Ah, e os botões de quatro furos? Sem quatro furos, infeliz é o botão, e logo esta camisa de palas inclinadas na frente e horizontais atrás, tão bac (Tizuca não fala bacana), perde noventa por cento de carga charmosa, com seus míseros botões de dois furos.

O botão também, na estética do minuto, precisa ter cores contrastantes com a cor ou cores da camisa. E mesmo, por que não? contrastantes entre si. Comprada a camisa, Tizuca vai dar à mãe o trabalho de arrancar três dos botões e substituí-los por outros bem diferentes uns dos outros. A velha trate de arranjá-los, botão é negócio de mãe.

Às calças. Tu não me procurarias tanto se já não me tivesses encontrado. Pascal, vestibular de francês. Por que fui escolher francês? Mas esta calça é aquela que eu sonhei na semana passada, a mesma, a própria. A cor, a linha, o tique-taque. Ninguém é capaz de saber o que seja o tique-taque de uma calça, mas Tizuca sabe, ele que descobriu o fenômeno: há calças com tique-taque, outras sem. A maioria, sem. Certo ruído leve que ela faz quando a gente anda? Não. Certo ritmo, certas dobras harmoniosas? Também não. Tizuca não explica a ninguém, nem a si mesmo. Só ele sabe, e esconde de todos.

A questão é que, sendo a calça sonhada, não é rigorosamente a calça sonhada.

Entenda quem quiser ou puder. Verdade, verdade, as calças que sonhamos nunca se realizam em vitrine alguma do mundo, elas foram feitas e desfeitas no momento ideal, que os figurinistas seriam incapazes de assimilar. Bolso embutido na cintura não é o mesmo que bolso inclinado. Tem mais: a barra virada. Esqueceram-se de botar no real a barra virada do meu sonho.

Tizuca, não te resolves? Vais ficar parado a eternidade diante da loja, vestindo com os olhos? Se não és capaz de escolher entre uma calça *pied-de-poule* e outra *pied-de-coq*, como escolherás entre duas garotas? Ou duas profissões? Ou...?

Chega de perguntar, tu me enrgilas. Tizuca desdobra-se em consciência e alienação. Pergunta-se e recusa-se a responder. Se houvesse nas coisas uma resposta, o rótulo esclarecedor: Sou o que queres. Não sou o que queres. Todas parecem dizer: Afinal, que queres?

A moda. O medo. Medo de não estar na moda. O descompasso. O desequilíbrio íntimo, independente do efeito que possa produzir nos outros o fato de não usarmos aquela camisa que é a absoluta nesta primavera. Por que me visto? Para vocês, mas principalmente para minha imagem no espelho. Nos dois espelhos: o do armário, o de dentro de mim mesmo, Tizuca, dezoito anos, indecisão. E depois...

Depois, Tizuca tem no bolso apenas duzentos cruzeiros, que não dão para comprar a vitrine, e levar para casa e experimentar todas as soluções vestiais e escolher aquela solução, aquele colarinho, aquele bolso, aquela prega. A vida é ondulada, interrogativa, como a minhoca. E muda, feito a moda.

Honra lhe seja, ao poeta Vinicius. Coube-lhe, por volta de 1945, a iniciativa de lançar o grito meio esportivo meio libertário:

*Meninas, soltai as alças,
bicicletai, seios nus!*

As meninas acataram-lhe imediatamente a recomendação, na primeira parte; quanto à segunda, estão (suas filhas) ensaiando ainda. Tanto tempo assim para cumprir a ordem do poeta? Ocorreram fatores vários que justificam a demora. Em 1945, positivamente não dava pé; nos anos seguintes, e nos seguintes aos seguintes, também não. Ultimamente, as coisas vêm mudando, umas em ritmo de tartaruga, outras em ritmo de cápsula espacial. A bicicleta voltou. Este verão é bicicleta pura. Alças, não foi preciso soltá-las; desapareceram. Apareceu o bustier, e o próprio busto oferece fatias laterais generosas, prenúncio da auroral exposição plena. Executado, afinal, o mandamento viniciano? Uma coisa é certa: o verbo bicicleitar foi lançado por ele, e hoje, quando as garotas bicicleiteiam em bloco, ou a uma, é o verso de Moraes que circula por aí.

O poeta não previu o umbigo em expô, mas que poeta pode prever tudo? Digamos que seu poema de 45 pode ser lido de várias maneiras, e uma delas seria:

*Meninas, livrai o umbigo,
bicicletai, seios nus!*

Com ou sem bicicleta, o umbigo feminino, particularmente o juvenil, é hoje uma festa da cidade. Os olhos pousam nele antes de tudo; não mais no rosto, ou nas pernas, e isso está certo e conforme às leis do ser humano, pois no umbigo se localiza o centro, o ponto fundamental da figura, na estética da natureza. Dele se irradiam as outras partes do corpo, os outros elementos da “paisagem viva”: “No cânon ideal, a altura do umbigo divide exatamente a altura total, segundo o corte de ouro” (Constable, *The Curves of Life*).

E não se veja malícia no olhar que vai direto a esse acidente anatômico, pois é o umbigo que o chama, o intima, o imantiza. Ele quer ser visto e considerado em suas variantes de flor, que não se encontram duas iguais. Uns são recolhidos em si mesmos, por assim dizer secretos à luz do sol, misteriosos, exigindo código. Outros, ofertantes, radiosos, públicos, democráticos, comunicantes. Há os

retorcidos como certos vegetais que nasceram para lutar contra o vento e renunciam à postura comum. Quem ousa dizer que o umbigo é cicatriz, memória da gestação uterina? Estrela, sim, de ocultos raios, a iluminar a abóbada corporal; botão de flor ou de secreta campainha, que domina com seu timbre a orquestra dos membros; microlaguna onde boia, não um barquinho, mas o princípio de toda vida... Tudo isso e mais o que o obstetra, esse escultor, fez dele, ou a imaginação lhe acrescenta escolhendo entre as infinitas virtualidades da forma.

Umbigos andam por aí, desafiando tua capacidade de curtir o novo dentro do eterno. Se na praia eles nem são percebidos, porque se inserem no quadro global, na rua, no coletivo, na loja, no escritório, são uma presença nova, uma graça diferente acrescentada ao espetáculo feminino, um dom sem destinatário certo, que é a bonificação de um ano em que tantos perderam na Bolsa mas acabam lucrando na vista.

O umbigo deixa-se conversar, responde naturalmente. Há um diálogo novo entre ele e o transeunte. Certos umbigos parecem rir da piada que anda no ar, outros sorriem com discrição, e há os que se mostram sérios mas urbanos. De poucos sei que podem ser chamados de antipáticos, e esses, seria melhor que continuassem guardados. Receio que os mais pretensiosos acabem se ostentando em moldura barroca, cercados por um cordão de ouro ou pintura a óleo, quem sabe se com um diamante na cavidade? Nada de artifícios. O umbigo em si, casto e cantante, esse é que merece todo o poder e glória neste morrer de ano de 1972, em que precisamos ansiosamente contemplar alguma coisa pura, repousante: um umbigo que seja.

As três se juntaram para abrir uma boutique na Zona Sul, que já tem duzentas e cinquenta mil boutiques. Que mal faz ter duzentas e cinquenta mil e uma? Essa vai pegar.

Estão cheias de ideias. “De relâmpagos”, diz Carla. Está na moda o lenço feito de pano de prato? Vamos lançar o lenço de saco de aniagem, que machuca muito mais. Hora de machucar.

Beth cuida de produzir o chapéu de praia desenhado pelo Fifinho, seu irmão mais jovem (quinze anos). Chapéu inexistente em cima, só tem aba, que é de três cores bem espantadas. Com um chapéu desses, a gente protege os olhos e areja a cuca, um barato.

Milu descobriu que sapatos, sandálias, chinelos e tudo mais que serve para encadernar os pés sofre de triste monotonia: o par. Ela inventou o dispar, com feito e cor diferentes para cada pé. Quentérrimo, pois não?

Novidades assim garantem *su* tremendo para a boutique. Resta um problema: nome. Todos os nomes foram tomados antes que as três se lembrassem de entrar no comércio. Aniki Bobó, Lele da Cuca, Dumba, Sexy, Obvius, Trapo, Tanajura, Chez Elise...

Carla tem um relâmpago:

— Já sei. Vai ser Ptyx.

Milu e Beth, um susto:

— Que que é isso?!

— Tirado de um soneto de Mallarmé, suas burras. Quer dizer concha, búzio.

— Difícil de pronunciar — opina Milu.

— Bom, se o negócio é literatura — propõe Beth — eu sou mais Annabel Lee, de Poe.

— Não dá pé. Lembra defunto.

— Então Diadorim, do Guimarães Rosa.

— Diadorim já é lanchonete em Ipanema e jornal em Minas.

— Tintim. O “tintim olalá” dos coretos de Diamantina.

— Fica melhor num bar, né?

E Bigodão, que tal Bigodão? Hoje é universal. Por isso mesmo, vetado. Boutique pede nome com segunda ou terceira conotação, fagulha escondida. Druid? Pink? Scup? Dicionário aberto, cachoeira de possibilidades. Milu propõe Zebra. Era o que faltava. Daí a pouco você vai lembrar Coluna do Meio... Laranja Quadrada é um bom título, vocês não acham? Ninguém achou.

Recorreram a lembranças domésticas, baú, gangorra, quintal, castiçal, penico. Penico até que era legal, mas...

— Penico de ágata — insiste Milu.

— De ágata ou de porcelana, dá na mesma.

Nas lembranças de família, Vó Capitulina teve um voto. Capitu já é alguma coisa por aí, negativo.

— E Fio Maravalha?

— Maravilha, você quer dizer?

— Agora é a minha vez de xingar você de analfa. Maravalha é bagatela, e o que que tem numa boutique? Bagatelas. Beth deu um pulo:

— Máfia!

— Tá doida? Isso é nome sério.

— E daí? Não tem boutique chamada Smuggler? Outra chamada Mescalina?

— Ei, pessoal, e se a gente partisse para uma zorra assim como Não Vem de Terninho que Eu Já Vou de Topless?

— Cafonice demais, Beth. Além de dez quilômetros.

Vão passar a vida discutindo. É capaz de nem se fazer a boutique, por falta de nome. Ou por excesso deles. Quando chega o Fifinho, brandindo pasta de colégio, enorme, e ainda maior erudição:

— Besteira, gente. A boutique vai se chamar Butica. Escreve-se com “o”, mas com “u” fica mais legal. É loja de varejo, e farmácia do tempo da vó. Vou pintar as letras: Boutique Butica, e não se fala mais nisso.

Aprovação geral. Aguardem no Leblon.

peça nova

Estou escrevendo uma peça que suponho venha a alcançar a maior glória e bilheteria. Será fácil de montar. Dispensa cenários e até mesmo atores, pois o que há a comunicar poderá ser transmitido em fita magnética, se houver fita magnética. Se não houver, aproveitam-se os ruídos da rua, que sendo variados, tornarão o espetáculo diferente a cada apresentação. Em último caso, não havendo ruídos externos a captar, ficará por conta da inventiva de cada espectador a criação de sons, inteligíveis ou não (de preferência inin), que compõem (ou não compõem, tanto faz) a estrutura original de minha peça.

Como? Ah, sim, é o Yan Michalski perguntando o que é então que estou escrevendo, se não haverá texto, mas simplesmente sons, ou nem isto. Respondi-lhe que escrever o não escrito, escrever inscrevendo (sempre in) é básico em minha concepção cênica. Todo o meu esforço intelectual se concentra em compor uma peça que, não tendo qualquer palavra dicionarizada ou bolada na hora pelo autor, esteja isenta de mácula perante a suspicácia da Censura. Vencerá, pois, galhardamente, a etapa preliminar de todo espetáculo. A preliminar e as outras. Tem-se visto a Censura desaprovar o que aprovou, mandando retirar do cartaz aquilo que antes autorizara a ser mostrado. Dá o dito por não dito. Darei então o não dito por dito.

La começando a fazer o segundo ato, quando alguém de bom juízo me adverte que o melhor é não usar nem atores nem fita magnética nem rumores da rua. Nunca se sabe o que pode sair da mistura de sons urbanos — buzinas, gritos, freadas, objurgatórias (nome estilizado de palavrão), ronco de motor, vento zunindo, quedas do vigésimo andar, vendedores de porta de loja, gargalhadas, choro etc. Este material sonoro pode revestir-se de feições estranhas, consideradas suspeitas por um censor que tenha ouvido delicado, e lá se vai o dinheiro do produtor de minha peça, lá se vai minha glória, além de outros aborrecimentos, fáceis de prever.

O cauto amigo me previne ainda quanto ao que ele considera o maior risco: deixar entregue à imaginação imprevisível do espectador os sons da peça. Não há dúvida — admite — de que se trata de experiência dramática das mais sedutoras, pela instituição da autoria múltipla, ao sabor das novas tendências da arte: o sujeito fruidor-criador do objeto. Cada assistente repartirá comigo as vaidades da criação, e isto estimulará infinitas realizações no gênero, que se poderia rotular de teatro-em-ser, teatro-branco, teatro-não, teatro-sim, à vontade. Mas adviriam duas consequências desagradáveis. Primeira, o espectador

reclamaria sua cota de direito autoral. Segunda (fatal para a peça), o espetáculo ficaria em cena apenas meio minuto, tempo suficiente para o censor detectar no espírito do cavalheiro da terceira fila, poltrona oito, a inadmissível formulação de um som altamente reprovável do ponto de vista do código da Censura.

Tendo na devida conta as ponderações do meu amigo, permito-me considerá-las improcedentes. Como renunciar ao puzzle de sons que será a essência de minha peça? Recorrer a palavras seria contaminá-la. Usar o silêncio seria estabelecer o teatro puro, para o qual não estamos preparados, ou talvez incorrer na condenação total do censor.

Não vejo o menor inconveniente em que a plateia compartilhe da renda, acho até que esta será a maneira de levar público ao teatro. Quem não gostará de colaborar na invenção e participar dos lucros? Por outro lado, a duração de meio minuto para o espetáculo já é bom limite de tempo, se o compararmos à não duração das peças natimortas pela proibição censória. Meio minuto é meio triunfo. O próprio censor, quem sabe? será tentado a praticar o exercício excitante da multiautoria com dividendo.

Prossigo pois no trabalho, com amor e pertinácia, animado do propósito de achar uma saída para o teatro nacional em face da Censura. Eis a fórmula: a peça que, por onde quer que se lhe pegue, não se deixa pegar. Pela supressão da linguagem e das conotações impróprias que toda palavra traz consigo, senão intrinsecamente, pelo jeito com que é pronunciada, pelo olhar que a sublinha, pelo gesto ou suspeita de gesto etc. Sentido? Deixa pra lá.

questão de idade

— Perdão, cavalheiro. O senhor não pode.

— Não posso por quê? Tá aqui a entrada que eu comprei.

— O filme é proibido para setenta e cinco anos, não viu na bilheteria?

— Vi. Eu tenho setenta e seis.

— Então me mostre a carteira de identidade, por gentileza.

— A carteira de identidade está na minha cara.

— Ah, é? Parece ter cinquenta e cinco, sessenta no mais tardar. Infelizmente não pode.

— Este bom aspecto que o senhor achou em mim — aliás, eu lhe agradeço, viu? — é porque eu me cuido: ioga, meditação transcendental, cooper, macrobiótica.

— Tá bom, mas sem documento não insista.

— Espere aí, me deixe argumentar.

O gerente aproxima-se:

— Que que há?

— É esse jovem aí que quer entrar e não tem idade suficiente.

— Jovem? O senhor me chamou de jovem? Agora está debochando de mim?

— Não senhor. Se o cara não tem condição de ver o filme, eu chamo ele de jovem.

— Cara! O chefe de seção aposentado de uma das mais importantes repartições federais, ser tratado de cara!

— Meu amigo, calma. O rapaz está cumprindo com o dever. São ordens superiores. Compreenda a nossa posição. A frequência está baixando devido às últimas disposições sobre idade-limite. Já pensamos mesmo em transformar este estabelecimento em edifício-garagem.

— E eu com isso?

— Se o senhor entra, vem o fiscal e fecha o cinema por infração.

— Melhor até. Facilita a mudança de ramo.

— Não brinque com essas coisas. Colabore conosco. Inclusive a fila está aumentando, e o senhor bloqueou a entrada.

— Se a fila aumenta, como é que diminui a frequência?

— Este filme é dos raros, entende? Que ainda lotam a casa. Claro: proibido até setenta e cinco anos.

— Por isso mesmo é que eu quero ver.

— Mas se não atingiu a idade, se ainda não conquistou esse direito, como é que

eu posso permitir essa... como direi, essa inconstitucionalidade? Seja razoável.

— Seja razoável também. Sou uma pessoa respeitável, está para nascer quem tenha me visto mentir uma vez na vida. Completei setenta e seis anos em 15 de fevereiro, sou um homem de Aquário, e Aquário não é de embromar ninguém.

— Acredito, mas e a carteira?

— A carteira estava no carro, o carro saiu com meu neto, sei lá onde ele anda a esta hora.

A fila começa a impacientar-se. Pigarros. Tosses. Irritação sonora.

— Entra ou sai logo!

— Por que não deixam ele entrar? Será que veio nova portaria, proibindo até oitenta?

— Aquele ali? Coitado, já passou da idade de frequentar cinema. Por isso é que foi barrado.

— Só a gente criando uma associação de frequentadores de cinema, para garantir nossos direitos.

— Garantir como? E quem garante a associação?

— Esse velho está enchendo.

— O gerente também.

— Velho por quê? Quem é velho aqui? Eu não me considero velho. Velhice é estado de espírito.

— Acaba com isso! Decide logo!

O gerente, nervoso:

— Viu o que o senhor me arranjou? Essa turma de setenta e cinco, quando se chateia, é capaz de arrebentar o cinema. E eu não tenho nada com o peixe, eu cumprio determinações do alto, eu nem sequer posso entrar na sala de projeção, ainda não fiz quarenta! Nem eu nem o porteiro... Os vaga-lumes, um tem setenta e sete e o outro setenta e oito anos, por causa da proibição, o senhor sabia? Pelo amor de Deus, suma da minha presença!

viagem a paris

— Ouvi dizer que vai a Paris.

— Exato.

— A negócio?

— Não.

— Turista?

— Não.

— Missão política reservada?

— Não.

— Tão secreta assim?

— Não.

— Se não sou indiscreto... transa de amor?

— Não.

— Está muito misterioso.

— Não.

— Como não? Saúde, talvez.

— Não.

— Compreendo que não queira alarmar...

— Não.

— Busca apenas repouso.

— Não.

— Fugir a esse calorão dos infernos.

— Não.

— Fugir do trabalho, então.

— Não.

— Capricho do momento.

— Não.

— Tantos não devem significar um sim.

— Não.

— Significam sim. Vou repetir as hipóteses.

— Não.

— Temos pela frente uma indústria nova, de vulto.

— Não.

— De qualquer maneira, é financiamento internacional.

— Não.

— Então a coisa está ficando preta.

— Não.

— Está preta, e há jogadas que só em Paris.

— Não.

— Percebe-se alguma coisa no ar.

— Não.

— Não dá para perceber, mas há.

— Não.

— Mas pode haver a qualquer momento.

— Não.

— Nem por hipótese?

— Não.

— Nenhuma nuvem distante, muito distante mesmo?

— Não.

— No ano que vem?

— Não.

— Ouvi mal?

— Não.

— Sendo assim, é segredo pessoal?

— Não.

— O coração é quem dita a viagem... eu sei.

— Não.

— Sim, sim. Pode confessar.

— Não.

— Hoje em dia essas coisas são públicas. Dão até cartaz.

— Não.

— Sei que não precisa disso, mas...

— Não.

— Por que não? Está com medo da imprensa?

— Não.

— Receia perder a situação social?

— Não.

— A situação financeira?

— Não.

— Política?

— Não.

— Pois olhe, melhor é preparar o ambiente.

— Não.

— Claro que sim. Insinuar mudança em sua vida.

— Não.

— Discretamente.

— Não.

— De leve, só uma pincelada. Deixe comigo.

— Não.

— Não abro manchete nem boto aquela foto em duas colunas, aquela bacana, lembra?

— Não.

— Só cinco linhas.

— Não.

— Duas.

— Não.

— Mas tenho de dizer alguma coisa.

— Não.

— O senhor é notícia.

— Não.

— Pode dizer que não, mas é sim.

— Não.

— Puxa vida, o senhor hoje está medonho. Resolveu responder não a tudo que é pergunta minha?

— Não.

— Ah, é? Então vamos recomeçar: o senhor vai a Paris?

— Vou.

— E que é que vai fazer em Paris?

— Ver.

— Ver o quê?

— *O último tango em Paris.*

— E por que é que não me disse isso logo, homem de Deus?

— Você não me perguntou, por que eu havia de responder?

— Quer comprar o meu banco? Ele não está à venda.

Falava com superioridade de banqueiro que se sabe forte na praça, capaz de resistir à pressão de grupos econômicos poderosos. Tornou-se arrogante:

— Não vendo ele de jeito nenhum. Já recusei muitas propostas. Por que havia de vender? Gosto dele, não vai mudar de proprietário enquanto eu for vivo.

— Perdão, eu não queria comprar.

— Queria então o quê?

— Queria permissão para ver. Estou estudando mobiliário barroco, e soube que o senhor tem em casa uma peça valiosa.

— Valiosa? Pra mim ele não pode ser avaliado em cruzeiros. Nem em dólar, que aliás hoje não é mais lá essas coisas. O senhor quer ver apenas?

— Ver e, com sua licença, fotografar.

— Ah, fotografar pra quê? Pra botar no jornal?

— Não trabalho em jornal.

— Então, trabalha pro governo, já vi tudo. Vem ver o meu banco, tira retrato, faz relatório, depois, pimba: o governo desapropria o meu banco por essa tal de utilidade pública. Muito bonito.

— O senhor está completamente enganado. Não sou funcionário público, sou estudante e trabalho no escritório da Light. Olhe aqui as minhas carteiras.

— Carteiras? Carteira não prova nada.

— Bem, se não acredita...

— Prefiro acreditar na sua cara, que me parece de gente de bem. Pode entrar.

A salinha era pobre, só o banco impunha sua classe, misturado a trastes sem estilo.

— Século XVII, no duro. Joia.

— Eu sei, eu conheço o que é meu.

— O senhor permite que eu tome as medidas?

— Pra que tirar medida? Não chega tirar retrato?

— Para documentar bem a peça. Vou fazer um sucesso danado lá na Escola, com o trabalho sobre este banco.

A desconfiança voltou a acinzentar os olhos do dono:

— Sei não. Este seu interesse pelo meu banco...

— O senhor está pensando que eu vim a mando de algum antiquário? Dou minha palavra de honra que faço uma pesquisa escolar.

— Bom, pode tirar as medidas.

O rapaz aproximou-se, alisou o couro lavrado, com carinho. Banco de igreja nordestina, jacarandá venerando, oito pés retorcidos, duas traves torneadas, como é que um tesouro desses foi parar naquela casinha vulgar de Madureira?

— Vou dar ao senhor cópias das fotos.

— Não carece, moço. Prefiro olhar pro meu banco do que olhar pro retrato dele.

— O senhor... posso saber como essa coisa linda veio ter às suas mãos?

— Olha só a curiosidade dele. Eu não falei? Agora tem fiscalização de móveis na casa da gente?

— Não precisa responder, é claro. Está se vendo que isto é um bem de família, o senhor herdou de seu pai.

— E meu pai de meu avô. Meu avô do pai dele, ou da mãe, sei lá. Negócio muito do antigório.

— Mas este banco não é do tempo do seu bisavô. É muito mais antigo.

— Como é que eu posso saber quem foi a primeira pessoa da minha família que possuiu este banco? Não sou adivinhão.

— Bem, ele saiu duma igreja.

— Isso eu sei.

— Não estou duvidando de sua família, claro. Absolutamente. Mas seus pais não lhe contaram nada, nada, não lhe falaram de uma tradição da família em torno deste banco?

Ficou pensativo, coçando a testa.

— Parece que tinha um padre...

— Lógico que tinha um padre.

— Vou confiar no senhor. Negócio perdido na fumaceira do tempo, né? a gente pode contar.

— Isso.

— Uma dona da nossa família era casada com ele. Naquela base, entende? O padre morreu, a comadre guardou o banco de lembrança. O senhor vê que este banco é sagrado. Não vendo ele pra Onassis nenhum. Ninguém tem o direito de sentar nele. Nem eu. Sou pobre mas sustento a honra do passado. Agora que já sabe tudo, o senhor aceita uma xicra de café coado na hora?

Galeria Stvdivs, em Laranjeiras. Hora quase sem movimento. Entra um senhor de cabelos grisalhos e percorre lentamente a exposição de bonecas do século XIX. Para mais tempo diante da peça nº 14, examinando-a com atenção. Fala sozinho:

— Deve ser essa.

Faz um gesto de carinho no ar, como se tivesse a boneca no colo, e repete:

— Tenho quase certeza de que é essa.

Passeia os olhos em redor, à procura de alguém. Aproxima-se uma jovem, que pergunta:

— O senhor deseja alguma coisa?

— Desejo sim. Pode me informar se essa boneca anda?

— Pois não. Embora não tenha pernas articuladas, ela anda. E tem choro.

— Choro? Tem certeza de que ela chora, em vez de rir?

— Olhe, cavalheiro, nunca vi boneca dando risada. E esta não é a única chorona da coleção, veja bem. A de nº 7, do fabricante alemão Handwerk, também tem choro, se o senhor puxar o fio.

— A vida é dura também para as bonecas, eu sei. Pois olhe, estava quase jurando que esta ria. Não estrondosamente, é claro, mas ria. É tão parecida, se não for a mesma.

— Parecida com qual?

— Com outra do mesmo tipo, mesmos cabelos, que comprei há muitos anos numa loja de antiguidades da rua Chile. A loja do Marques dos Santos, lembra-se?

— Acho que não sou desse tempo... O professor Marques dos Santos, é?

— Ele mesmo. Uma boneca francesa como essa aí, com assinatura incompleta.

— Essa também tem assinatura incompleta: Paris 501.

— Então é a mesma!

— Perdão, esta pertence a d. Sylvie Renault, e veio diretamente da Europa.

— A senhorita garante que veio diretamente?

— É o que está na ficha. Não há razão para duvidar.

— Não estou duvidando. Estou procurando me esclarecer.

— Desculpe, mas que interesse tem o senhor nisso?

— A senhorita vai zombar de mim se eu lhe disser.

— Absolutamente. Pode falar à vontade.

— A senhorita acredita... na alma das bonecas?

— Hem?

— Eu não disse que ia zombar? Estou vendo pelo seu sorriso.

— Bem, achei a pergunta engraçada, mas não tive intenção de zombaria.

— Todos acham a pergunta engraçada. Por isso mesmo eu não a faço mais a ninguém. Agora, no meio de tantas bonecas, e vendo o seu interesse em me ser útil, eu me animei... Desculpe, estamos conversados.

— Não. Continue. Fale na alma.

— Das bonecas? Aquela a que me refiro tinha alma, uma alma especial, própria de boneca, isso tinha.

— O senhor a comprou para sua filha, ou era colecionador?

— Nunca tive filha e nunca fui colecionador de nada.

— E então?

— Então, comprei a boneca exatamente porque não tinha filha nem filho. E também porque ela me pediu que a levasse.

— A boneca? Pediu de que maneira?

— Senti que ela me pedia, menos pelos olhos, que se moviam docemente, sem parecer mecânicos, do que pelo ar, entende? Ar muito especial, de esperança, de desejo triste. Acha que estou mentindo?

— Eu não disse nada.

— Não disse, mas está achando. É natural. Todos acham. Mas senti que a boneca precisava de mim, como eu, de repente, comecei a precisar dela. Levei-a para casa, minha mulher achou ridículo, fez uma cena.

— Por tão pouco.

— A partir daí, não nos entendemos mais, eu e minha mulher. Tentei convencê-la de que a boneca devia nos aproximar, em vez de nos dividir. Que era uma espécie de filha, representando a que não tivemos. E como filha a tratei sempre, o que mais irritava minha mulher, incapaz de nos compreender, a mim e à boneca.

— Estou imaginando as consequências.

— Bem, acabou em separação e desquite.

— O senhor ficou com a boneca.

— Eu tinha que ficar com ela, não havia outra solução. Passou a ser para mim um resumo da filha que não nasceu, da mulher que foi embora, das mulheres em geral. Sentia amor e respeito, amor e devoção. E a pobrezinha chorava.

— Mas isso não é comum nas bonecas?

— Nela era diferente. Era choro humano, e chorava por mim. O choro me impressionava, me doía. Eu não a fizera feliz. Comecei a reeducá-la. Levei-a a passeio, viajei, viajamos. Queria ensiná-la a sorrir. Custou, mas consegui. Esse dia foi uma festa, pulei e cantei de felicidade. Daí por diante, ela parecia outra. Sorria, ria, não estou mentindo não, que interesse tenho em mentir? Vivemos

felizes algumas semanas, as mais belas de minha vida. Até que um dia...

— Um dia...?

— Ela também foi embora. Com seus próprios pés, com suas pernas desarticuladas.

— Furtada, talvez.

— Não houve furto. Nenhum sinal de ladrão. O apartamento, rigorosamente fechado. Fugiu. Tenho certeza que fugiu, talvez porque só ficara alegre para me contentar, e era uma boneca que não fora feita, melhor, que não nascera para ser alegre.

Fez uma pausa. Olhou uma última vez para a boneca nº 14:

— Procurei-a por toda parte. Como ia achar uma boneca fugida no Rio de Janeiro? Hoje, lendo a notícia desta exposição, vim aqui espiar, reparar. Pensei que fosse aquela. Não é. Muito obrigado, senhorita. Nunca se encontra uma boneca fugida, cuja natureza tentamos modificar.

calça literária

É assíduo leitor de blusas, camisas, saias, calças estampadas. Não lhe escapa um exemplar novo. Parece desligado, e observa tudo. Segundo ele, as peças de indumentária, masculina e feminina, ostentando símbolos e nomes de universidades americanas, manchetes, páginas de jornal, retratos de Pelé e Jimi Hendrix, apelos ao amor que não à guerra etc., há muito deixaram de ser originais. Constituem invólucros rotineiros de pessoas de qualquer idade. A gente estranha é uma camisa inteiramente nua de dizeres ou figuras, a roupa que não diz nada, só roupa. Hoje, lê-se mais nos tecidos do que nos livros, e não é ler apenas, é ver cinema e televisão, pois os corpos, ao se moverem, dinamizam as figuras estampadas. O que, de um modo ou de outro, contribui para a cultura de massas. Informa:

— Estou pensando em aproveitar esse material para fins especificamente didáticos. Através dele, ensinar geografia, história, matemática, medicina de urgência, imposto de renda, ortografia desmistificada, essas coisas. O indivíduo cobre-se e vai distribuindo ciência. Ou aprendendo. Vinte minutos no ônibus — que aula! Classes ao ar livre, na feira, na fila. Escola dinâmica.

— Você sozinho é um Mobral 1971.

— Ontem eu li uma calça comprida, de mulher que à primeira vista não tinha nada de especial. Estava escrita como tantas outras. Mas o texto (não confundir com textura) me chamou a atenção. Geralmente, calças e blusas não são literárias. Trazem notícias, anúncios, slogans, mas versos, ainda não tinha visto. Pois essa tinha poemas em português, de Camões ao Vinícius.

— Tomou nota?

— Claro. Aliás, a usuária foi muito gentil. Percebendo que eu mirava a parte inferior do seu revestimento, gratificou-me com um sorriso que eu traduzi assim: “Pode mirar mais”. E eu mirei. Af, puxei da caneta, e ela sorriu outra vez, como quem diz “Pode copiar também”. Copiei.

— Tudo?

— Tudo não. A dona da calça estava sentada na sala de espera do cinema. Só o que era visível. Depois se levantou, foi ao bebedouro, deu tempo para eu colher mais alguma coisa, no ir e vir. Não tive coragem de pedir-lhe que desse umas voltas. Você compreende: sou tímido.

— Estou vendo.

— Foi a primeira calça literária, totalmente poética, do meu conhecimento. Feita em São Paulo? Talvez. Caracteres pretos sobre fundo branco. Versos em

todas as direções. De Bilac, de Cecília, de Bandeira, de Castro Alves, de Fernando Pessoa. Uma antologia, bicho. Sem ordem, naturalmente. Escuta aí: Onde vais à tardezinha, morena flor do sertão? O que eu adoro em ti é a vida. Aqui outrora retumbaram hinos. Oh abelha imaginativa! o que o desejo inventa... Vou-me embora pra Pasárgada. Amor é fogo que arde sem se ver. Ninguém sonha duas vezes o mesmo sonho. No monte de amor andei, por ter de Monteiro fama, sem tomar gamo nem gama. Clorindas e Belindas brincam no tempo das berlindas. Eu tenho amado tanto e não conheço o amor. Estrela Vésper do pastor errante. “Tamos em pleno mar: dois infinitos ali se alteiam...”

— Beleza.

— Não é? Tem mais. Transforma-se o amador na coisa amada. Antônia, você parece uma lagarta listrada. D. Janaína, rainha do mar, daí-me licença para eu também brincar no vosso reinado. Por que não nasci eu um simples vaga-lume? Não queiras indagar do meu segredo. Mas que seja infinito enquanto dure. Cantando espalharei por toda parte. Tudo não escondido perde a graça. O cinamomo floresce em frente do teu postigo. Crisântemo divino aberto em meio da solidão... Tinha uma pedra no meio do caminho.

— Isso já é prosa, amizade.

— É mesmo. Em todo caso, trata-se da primeira calça poética luso-brasileira. Os poetas que tratem de defender seus direitos autorais. A menos que considerem uma honra vestir de versos as mulheres.

supersede

O acadêmico, ilustre, que me distingue com sua intimidade, estava apreensivo. Interpelei-o:

— Que que há, mestre? Em dia tão fausto para a Academia, o senhor com esta cara!

— Fausto? Tens certeza? Deus te ouça, meu filho. Mas tenho cá as minhas nuvens.

— Nuvens?

— Os meus receios.

— Vamos ver se adivinho. Acha que a supersede... não vai dar renda compensadora?

— Vai dar, e fantástica.

— Tem medo, talvez, de que a construção, assim gigantesca, não seja bastante segura.

— Aquilo? Aquilo é obra para séculos.

— Então não entendo. A Academia assina contrato para levantar um senhor edifício, as firmas contratantes são as mais idôneas, o imóvel encherá de dinheiro a instituição, que tem ótimo executivo, e o mestre me sai com esse ar de quem não comeu e não gostou?

— Por isso mesmo. É bondade demais, Carlos. Uma coisa assim não existe.

— Não existe, como? Tem terreno de três mil e quinhentos metros quadrados, oferecido pelo marechal Castelo Branco e doado pelo Congresso Nacional, tem financiamento no valor de quinze milhões de dólares, tem projeto bacana de Mauricio Roberto, o contrato será firmado hoje, e vai me dizer que isso não existe?

— Existe em demasia, o que é maneira de não existir, de virar conto de Onássis e perturbar a cabeça da gente.

— Desculpe, mestre, mas o senhor não estará cultivando complexo de franciscano?

— Não me compreendes, estou vendo. Não é de admirar. A faculdade de compreensão vai minguando à medida que se expandem os meios de comunicação. És um, entre milhões, a prová-lo.

— Perdão, eu...

— Cala e escuta. A Academia atrai ou não atrai os homens e até as mulheres de letras?

— Realmente.

— E que é a Academia? O fardão, o espadim, o colar, a poltrona azul e ouro, a cajuada, o jeton que não dá para pagar a despesa de viver durante um mês, a sepultura e, principalmente, se não laboro em erro, e se não mentiu Machado, “a glória que fica, eleva, honra e consola”. Se com apenas isso, que não é muito, ela se faz tão cobiçada, imagina como vai ser daqui por diante, com o seu império imobiliário.

— Ora!

— É o que te digo. Todo mundo, mas todo mundo mesmo, querendo participar do condomínio de quarenta andares, da renda dos escritórios e dos seis andares de garagem. Noite e dia, gente de olho no reumatismo, no colesterol, no diabetes da gente... É sinistro.

— Não ligue. Faça figa.

— Eu faço, mas adianta? E os despachos em sentido adverso? A descaridade dos que desejam a minha vaga, sinônimo de minha morte? Cada sorriso, um punhal; cada blandícia, um pavê envenenado. É o que iremos lucrar, entrando na área da grande empresa.

— Com a renda, ouço dizer, se custearão empreendimentos culturais.

— Sobre as nossas campas, abertas antes da hora. E imaginas que iremos produzir mais, com a burra cheia de pecúnia? Nosso tempo será todo absorvido com pedidos de empenho para alugar a melhor loja, o escritório de vista mais panorâmica. Nossas letras serão de preferência as imobiliárias, de câmbio e do Tesouro. Manteremos um plantão na Bolsa de Valores. Outro no BNH. Cíbulares e Marcelo serão nossos assessores para a avaliação das obras, perdão, dos títulos dos candidatos à imortalidade. E as leis fiscais, os problemas de Imposto de Renda e quejandos não nos deixarão dormir, quanto mais escrever ensaios ou rapsódias.

— Mestre...

— Em quê? Em investimentos? Em construção civil? Em juros? Não sou mestre de coisíssima alguma, sou um condenado à riqueza, uma vítima da prosperidade. O Athayde vai se ver comigo na próxima sessão! O diabo é que não consigo brigar com ele. Ninguém consegue. Leva a gente na conversa, no aveludado. E acabará me nomeando administrador do superedifício, presta atenção no que eu estou falando!

Disse, e vestiu-se com esmero para a solenidade de assinatura do contrato.

conversa muito louca

— Você foi convidado para a ceia dos cardeais?

— Fui, mas não vou. Tenho outro programa.

— Já sei. Os fidalgos da casa mourisca.

— Não. Vou ver a dança sobre o abismo.

— Pois eu estarei lá com as mulheres de mantilha.

— Ué, não leva o demônio familiar?

— Pois sim. Deixo ele na barca dos homens.

— Bem bolado. Mas eu, infelizmente, tenho de sair com a ré misteriosa. Você sabe: os interesses da companhia.

— Vem cá. No fundo, isso não é ilusão americana?

— Que nada. Você não diria isso se ouvisse as confissões de frei Abóbora.

— O quê? Foi apurado o crime do estudante Batista?

— Por enquanto, não. Só o do padre Amaro.

— Mas isso é velho. O exorcista contou tudo na televisão, e os cinegrafistas penetraram na montanha mágica.

— Mas o dr. Jivago escapou.

— Pudera. Se escondeu no chapadão do bugre.

— É a tal coisa. As ligações perigosas conduzem direto aos subterrâneos da liberdade.

— Besteira. Os sequestrados de Altona também escapavam sem que ninguém percebesse isso no gabinete do dr. Caligari.

— É, mas os cavalinhos de Platiplanto estavam selados, à espera deles. Assim é fácil.

— *Così è se vi pare.*

— Lá vem você com citações. Não sabe que *les jeux sont faits, en attendant Godot*, e que *to paint is to love again*?

— Desculpe. É que eu vivo conjugando amar, verbo intransitivo.

— Pois devia olhar menos para o corpo de baile e mais para toda a América.

— A questão é que chega hoje o rajá de Pendjab e não está aí o primo Altamirando para recebê-lo.

— Por que não chama o coronel e o lobisomem para hospedá-lo?

— Não posso. Desde que um deus dormiu lá em casa, tenho sempre uma ala reservada para o conde e o passarinho.

— Absalão! Absalão! Meu quarto de hóspedes não mede mais que dois metros e cinco. Seria recusado pela condessa Hermínia.

— Mas você descolou uma nota firme naquela concorrência da ponte de São Luís Rei.

— E daí? Evaporei tudo com as pupilas do senhor reitor.

— Ah, essas flores do mal!

— Que se há de fazer? São os ossos do barão.

— Mas sempre deve ter sobrado algum, no baú de ossos.

— Mudemos de assunto. Não estou aqui para bancar Simão, o patético.

— Tá bom. Tem visto a Clara d'Ellébeuse?

— Fugiu com o Juca Mulato, não sabia?

— Muito me contas. E Iaiá Garcia, continua em Búzios com a Lúcia McCartney?

— Ouvi dizer que se separaram. Fogo morto.

— Hum... Com que então, a Morgadinha de Valfior, hem?

— É, parece que aderiu ao rei da vela.

— Quer dizer: uniu o feijão e o sonho.

— Para viver um grande amor no país das pedras verdes, isto é, na Zona Sul.

— Ai de ti, Copacabana!

— Por quê? Solness, o construtor, garante que aquilo ali não cai tão cedo.

— E você acredita? Ainda ontem, a Maroquinhas Frufru me contou que o interceptor oceânico...

— Até que não cheira mal. Os velhos marinheiros sabem de cor a geringonça carioca.

— Dá para ouvir solo de clarineta?

— Claro, executando a sinfonia pastoral, em arranjo de João Ternura. Mas que é isso? Que turma é aquela?

— Aquela? Disfarça, e vamos saindo. São os irmãos Karamázov!

— No Canecão? Hoje não dá, meu chuchuzinho. Tou afundado no Stokoe, uma curtição tremenda. O quê? *Semiotics and Human Sign Languages*. É isso aí. Te telefono amanhã, tá?

— Sábado passado você já não pôde sair, por causa de um tal Catichico...

— Catichico, não. Katicic, com k. Eu tinha de atacar de Katicic lá no Centro. O Lopes veio pra cima de mim com o Kramsky, então eu derrubei ele com o Katicic.

— Derrubou como? Você bateu no Lopes?

— Não é nada disso, anjo. O Lopes apareceu muito pimpão mostrando *The Word as a Linguistic Unit*, do Kramsky, gabando que era a última palavra em novidade. Então eu corri à d. Vana e...

— Esse cara está hospedado com d. Vana?

— Que hospedado coisa nenhuma, bem. É livro, entende? Um livro do Katicic chamado *A Contribution to the General Theory of Comparative Linguistic*. Comprei ele na livraria de d. Vana, por sinal que ela me disse: “É tão caro, não vale a pena comprar”, d. Vana é assim, fica com pena da gente gastar o dinheiro com os livros de sua livraria. Mas isso não vem ao caso. Trouxe o Katicic e pá! Atirei na cara do Lopes a teoria do Katicic.

— Deu coluna do meio?

— Um a zero. O Lopes não conhecia o Katicic, a turma também não, e daí, o Kramsky já tá meio superado. Eu soube que ano passado o Magalhães já tinha citado ele em Atibaia. E o Magalhães não é lá muito atualizado. Imagine você que ele ainda cita *Stratificational Grammar*, do Sampson! Sampson não é mais autor que se possa citar. Sampson anda muito por baixo.

— Que que ele fez para andar por baixo?

— Nada. Exatamente isso. O Sampson não fez nadinha. Ficou na *Stratificational Grammar*. Impressionou, abafou, depois calou. É o que me garantiu o Azevedo, que foi vidrado no Sampson, depois enjoou. O Azevedo diz que no livro dele o que vale é o título.

— Querido, você promete que semana que vem combina um programa comigo?

— Ah, isso prometo sim. Tá prometido. Quer dizer, fica dependendo de um papo meu com o Rogério.

— Que é que o Rogério tem com os nossos programas?

— Ele ficou de me arranjar o Pike, de que eu preciso muito para a tese que

estou preparando. A tese para aquele simpósio que vai haver em Campina Grande, já contei a você, em agosto.

— E daí?

— Dai, que o Rogério ainda não acabou de fichar o Pike, e se ele acabar até domingo, segunda-feira me passa o livro. Tenho de passar a semana inteira estudando o Pike.

— Sábado também?

— Acho que o Pike vai me absorver até sexta-feira. Você não faz ideia, é um troço da maior importância, presta atenção no título: *Language in Relation to the Structure of Human Behavior*. Como é que eu posso perder uma coisa dessas, coração?

— Você não gosta de mim.

— Gosto milhões, gosto trilhões, amor. Mas ou eu pego logo o Pike enquanto os outros não avançam nele (o Rogério é camarada, o Rogério é um cara que não existe) ou eu sacrifico minha atuação em Campina Grande. Você quer me ver desmoralizado em Campina Grande, diz, você quer?

— Quero sair com você.

— Eu também quero sair com você, mas será que você não percebe que os interesses da cultura sobrelevam nossos prazeres pessoais, e que o amor é sobretudo uma forma de compreensão?

— Você não me gosta, você gosta é desses bichos esquisitos, sei lá.

— Não diz uma coisa dessas, amorzinho. Você está em tudo que eu faço, tudo que eu penso. Ainda ontem estava lendo o Ollen, *Coding Information in Natural Languages*, e sua imagem aflorava em cada página, quase em cada palavra. Baralhei tudo, acabei grilado.

— Mentira.

— Mentira não, te juro.

— Nunca hei de me esquecer de suas férias de 72...

— Que eu dediquei a Lévi-Strauss? Que é que eu podia fazer, *my love*, se a patota gamou nele e eu tinha que entrar na jogada? Olha que eu desisti de uma semana Barthes por tua causa; que deixei de me inscrever num curso sobre Derrida e Greimas para te acompanhar no festival de cinema durante uma semana. Por você eu faço tudo. Mas deixa eu curtir o meu Stokoe, deixa!

— Adeusinho, viu? Quando acabar de ler esses chatos, telefone para as Bahamas e pergunte se eu cheguei lá!

— Pronto, tá ligado. Posso começar?

— Pode.

— O senhor se sente realizado?

— Por que você quer saber isso?

— Nada não. O professor é que mandou lhe perguntar.

— O professor tem interesse em saber se eu me sinto realizado?

— Sei não senhor.

— Então diga ao professor que venha me procurar.

— Pra quê?

— Para eu lhe perguntar se ele se sente realizado.

— O senhor vai perguntar isso a ele?

— Vou.

— O senhor também está estudando? Nessa idade, poxa!

— Que que tem? Toda idade é boa para estudar, a gente não acaba nunca de saber as coisas. Mas não estou estudando não.

— Então por que vai perguntar isso ao professor?

— Porque se ele quer saber se eu me sinto realizado, eu também quero saber a mesma coisa dele. Indiscrição por indiscrição.

— Gozado... Mas se o senhor fizer isso, não bota o meu nome no meio, porque vai dar grilo. Vê lá, hem.

— Fique descansado. Não vou comprometer você.

— E o senhor só vai responder a minha pergunta depois de falar com ele? E se ele não responder? Se demorar? Tenho de entregar esta entrevista até quinta-feira.

— Bem, eu respondo agora mesmo.

— Então, responde, vamos lá.

— Primeiro eu preciso saber: o que é se sentir realizado?

— O senhor não sabe?

— Para dizer o que eu sinto, quero saber antes se o que eu sinto é o mesmo que se deve sentir quando se está realizado, ou se julga estar. E para isso é preciso saber o que é estar realizado.

— Poxa, não complica.

— Estou complicando, meu querido? Minha intenção era simplificar, esclarecer. O que é mesmo se sentir realizado?

— Ora! Se sentir realizado é... quer dizer... Não sei explicar muito bem, mas

o senhor entende, né?

— Mais ou menos. Quer dizer: menos. E você?

— Se o senhor não entende bem, eu é que vou entender?

— Então, como é que eu posso responder?

— Ué, o senhor é o entrevistado, o que sabe das coisas.

— E quando não sei?

— Não sabe se está realizado?

— Não sei nem o que é realizado.

— Corta essa. Não vai me dizer que não tem dicionário em casa.

— Tenho alguns, mas em vez de me tirarem as dúvidas, me acrescentam outras.

— Desculpa, mas o senhor é enrolado, hem? Será que não achou o significado de realizado?

— Achei quatro ou cinco. Quer ver? Olhe aqui. O primeiro é o de coisa ou negócio que se realizou, que se tornou real. Será que me tornei real? E antes não era? Que que eu era então? Fantasma? Projeto?

— Assim o senhor me funde a cuca.

— Não tenho intenção.

— E os outros significados?

— No fim, está o neologismo, e aí é que — desculpe a expressão, que não costumo usar, mas me deu vontade — aí é que a vaca vai pro brejo. Aqui está: “*indivíduo realizado*: dito por uma pessoa, de si própria, quando considera ter alcançado todos os seus objetivos no terreno ético ou no de suas atividades profissionais ou artísticas”.

— Tá legal.

— Legal no papel, mas e dentro de mim?

— Dentro do senhor o quê?

— Quais são meus objetivos no terreno ético, ou, mais modestamente, no terreno de minhas atividades profissionais ou artísticas? Tenho objetivos éticos definidos? Quais são? São meus ou me são impostos ou sugeridos pela educação e pela conveniência social? Se fossem exclusivamente meus, quais seriam? E em minhas atividades práticas ou criativas? Que é que eu pretendo? Pretendo sempre as mesmas coisas? Não mudo de alvo? Não danço conforme a música ou até sem ela e contra ela? Que é que eu sei de positivo a respeito disso, ao longo de minha vida? Que pretendia eu há vinte anos? Há dez? Na semana passada? Me procure depois de eu morrer. Aí então posso dar balanço.

— Chega! Chega!

— Estou caceteando você?

— Não está enchendo não. É que a fita acabou. Até que a entrevista foi bacana, um tremendo barato. O professor vai delirar, a turma também. Um cara que não sabe se está realizado nem o que é realizado! Papo findo, tchau!

da utilidade dos animais

Terceiro dia de aula. A professora é um amor. Na sala, estampas coloridas mostram animais de todos os feitios. É preciso querer bem a eles, diz a professora, com um sorriso que envolve toda a fauna, protegendo-a. Eles têm direito à vida, como nós, e além disso são muito úteis. Quem não sabe que o cachorro é o maior amigo da gente? Cachorro faz muita falta. Mas não é só ele não. A galinha, o peixe, a vaca... Todos ajudam.

— Aquele cabeludo ali, professora, também ajuda?

— Aquele? É o iaque, um boi da Ásia Central. Aquele serve de montaria e de burro de carga. Do pelo se fazem perucas bacaninhas. E a carne, dizem que é gostosa.

— Mas se serve de montaria, como é que a gente vai comer ele?

— Bem, primeiro serve para uma coisa, depois para outra. Vamos adiante. Este é o texugo. Se vocês quiserem pintar a parede do quarto, escolham pincel de texugo. Parece que é ótimo.

— Ele faz pincel, professora?

— Quem, o texugo? Não, só fornece o pelo. Para pincel de barba também, que o Arturzinho vai usar quando crescer.

Arturzinho objetou que pretende usar barbeador elétrico. Além do mais, não gostaria de pelar o texugo, uma vez que devemos gostar dele, mas a professora já explicava a utilidade do canguru:

— Bolsas, malas, maletas, tudo isso o couro do canguru dá pra gente. Não falando na carne. Canguru é utilíssimo.

— Vivo, fessora?

— A vicunha, que vocês estão vendo aí, produz... produz é maneira de dizer, ela fornece, ou por outra, com o pelo dela nós preparamos ponchos, mantas, cobertores etc.

— Depois a gente come a vicunha, né fessora?

— Daniel, não é preciso comer todos os animais. Basta retirar a lã da vicunha, que torna a crescer...

— E a gente torna a cortar? Ela não tem sossego, tadinha.

— Vejam agora como a zebra é camarada. Trabalha no circo, e seu couro listrado serve para forro de cadeira, de almofada e para tapete. Também se aproveita a carne, sabem?

— A carne também é listrada? — pergunta que desencadeia riso geral.

— Não riam da Betty, ela é uma garota que quer saber direito as coisas.

Querida, eu nunca vi carne de zebra no açougue, mas posso garantir que não é listrada. Se fosse, não deixaria de ser comestível por causa disto. Ah, o pinguim? Este vocês já conhecem da praia do Leblon, onde costuma aparecer, trazido pela correnteza. Pensam que só serve para brincar? Estão enganados. Vocês devem respeitar o bichinho. O excremento — não sabem o que é? O cocô do pinguim é um adubo maravilhoso: guano, rico em nitrato. O óleo feito com a gordura do pinguim...

— A senhora disse que a gente deve respeitar.

— Claro. Mas o óleo é bom.

— Do javali, professora, duvido que a gente lucre alguma coisa.

— Pois lucra. O pelo dá escovas de ótima qualidade.

— E o castor?

— Pois quando voltar a moda do chapéu para homens, o castor vai prestar muito serviço. Aliás, já presta, com a pele usada para agasalhos. É o que se pode chamar um bom exemplo.

— Eu, hem?

— Dos chifres do rinoceronte, Belá, você pode encomendar um vaso raro para o living de sua casa. Do couro da girafa, Luís Gabriel pode tirar um escudo de verdade, deixando os pelos da cauda para Teresa fazer um bracelete genial. A tartaruga-marinha, meu Deus, é de uma utilidade que vocês não calculam. Comem-se os ovos e toma-se a sopa: uma de-lí-cia. O casco serve para fabricar pentes, cigarreiras, tanta coisa... O biguá é engraçado.

— Engraçado como?

— Apanha peixe pra gente.

— Apanha e entrega, professora?

— Não é bem assim. Você bota um anel no pescoço dele, e o biguá pega o peixe mas não pode engolir. Então você tira o peixe da goela do biguá.

— Bobo que ele é.

— Não. É útil. Ai de nós se não fossem os animais que nos ajudam de todas as maneiras. Por isso que eu digo: devemos amar os animais, e não maltratá-los de jeito nenhum. Entendeu, Ricardo?

— Entendi. A gente deve amar, respeitar, pelar e comer os animais, e aproveitar bem o pelo, o couro e os ossos.

I / Verbete da bota

S. f., pelo gênero e atualmente (1971) pelo uso. Calçado de couro, plástico ou borracha, adotado pelas mulheres para a travessia de florestas, cerrados, caatingas, pântanos, rios e canyons da cidade, serve para protegê-las contra onças, cascavéis, jacarés, carrapatos, espinhos, urtigas, índios comanches e outras espécies selvagens encontráveis nas ruas, cinemas, restaurantes, salões etc. Envolve o pé e a perna até abaixo do Joelho (b. comum), chegando um pouco acima deste (b. de canhão) e mesmo cobrindo parte substancial da coxa ou a coxa inteira (b. de água).

Sua aplicação à defesa do corpo feminino é mais ou menos recente. Até pouco tempo, reservava-se a b. para trabalhos rurais ou subterrâneos citadinos, constituindo privilégio dos homens; abria-se exceção para algumas damas afeiçoadas ao hipismo. Ultimamente, agravando-se a periculosidade da selva urbana, as mulheres acharam de bom aviso defender pelo menos suas pernas do ataque de agentes maléficos, e a b. foi a solução. As primeiras estatísticas nosocomiais indicam resultados positivos dessa prática. Diminuiu em trinta e quatro por cento o número de mulheres atendidas nos hospitais públicos e clínicas particulares da Guanabara em consequência de lesões nos membros inferiores, produzidas por elementos daninhos, que vão desde a jaguatirica até o paquera exaltado. Mesmo em casos de acidentes, como p. ex. o mergulho inesperado em crateras oficiais estabelecidas no asfalto, verificou-se que a mulher de b. fratura menor número de ossos do que sua companheira desprovida desse invólucro de segurança.

Especialistas em estética plástica deploram que o revestimento coriáceo das pernas dê à mulher o ar de amazona sem cavalo, ou de cowboy de western italiano demitido por fraco desempenho. Em contrapartida, sociólogos do IPEVITR (Instituto de Pesquisas da Vida em Transformação) admitem que a adoção da b. representa aporte decisivo à elevação do status feminino em termos de igualitarização e absorcionamento de diferenciações residuais de primeiro grau, com vistas à sociedade futura de patrímatriarcalismo integrado. A b. exonera-se da condição de símbolo complementar de macheza, para assumir papel de elemento reivindicatório de maior participação da mulher no trato dos negócios do mundo, que, por sua complexidade e aspereza, estão exigindo apetrechamento intelectual e material dos mais resistentes, inclusive b.-espora (que virá numa segunda etapa, é só esperar o próximo lançamento das boutiques). Uma cadeia de magazines cogita mesmo, a título experimental, de

oferecer à venda certo número de cavalinhos brancos, adaptáveis à garagem dos edifícios, e pouco exigentes em matéria de ração, para situar a b. na visão impecável que de certo modo fará emudecer a crítica dos estetas.

Os homens, entretanto, não assimilaram a conveniência do uso desse elemento protetor na jângal urbana. Ao que se sabe, nenhum deles, até agora, circulou de b. preta, marrom ou branca na rua Visconde de Pirajá, no Copacabana Palace ou no Monsieur Pujol, o que levou os sociólogos já aludidos a alvitrar, como hipótese de trabalho, que ocorre, na porção masculina da espécie, tendência à abdicação de características formais sedimentadas, no rumo de uma feminilização compensatória da marcha mulheril em sentido progressional gradualista.

A literatura da b. feminina ainda é incipiente. Contudo, registre-se a produção do poeta alexandrino-masquista João Brandão Neto, que termina com o apelo: “Vem, vem pisar de b. e short no meu peito!” (v. verbete *short*). O autor submete-se no momento a análise de grupo, enquanto anuncia a publicação da novela A B., em que analisa o comportamento masculino perante as implicações eróticas da b. de verniz da mulher, e conclui propondo a Super B., dos pés à cabeça, detonadora máxima de desejo.

II / *Verbete do guarda-chuva*

S. m. Instrumento constituído de uma umbela preta de nylon, sustentada por varetas flexíveis, que se abre e fecha conforme a estação e, em geral, a vontade de quem o usa. (Use sem abusar: o gc costuma esquivar-se à abertura, ou voar, em momentos críticos de tempestade.) Sua finalidade ostensiva é proteger a pessoa contra a chuva, mas também protege a chuva contra si mesma, acolhendo-a através de orifícios na forração, que a conduzem à pele e à roupa, onde ela se sente abrigada. Outra competência é, ou era, servir de arma de ataque, mesmo com sacrifício de sua estrutura; nesta função, acabou substituído por aparelhos mais eficazes, que, após o serviço, conservam o poder de fogo. Uma terceira finalidade consiste em testar o grau de memória do proprietário: pesquisadores concluíram que perder mais de doze gcs por mês indica processo avançado de amnésia; a taxa de normalidade oscila entre três e cinco. Entretanto, estudiosos da psicologia do gc (ciência ainda em formação) asseveram que, na maioria dos casos, é ele, gc, que espontaneamente abandona o proprietário, para levar a vida ao sabor da aventura; deixa-se ficar em cinemas, escritórios, veículos coletivos; depois, segue rumos caprichosos, e jamais regressa ao domicílio. Sua capacidade de ocultação é superior à dos agentes secretos: como os chineses, parece feito em série, o que lhe permite escapar à identificação. Contudo, cada gc tem maneira particular de sumir; há os que fogem da mão sem que esta o perceba, e sabe-se de outros que circulam sozinhos, como balões. Devido à coloração negra, convencionou-se atribuir melancolia ao gc, mas o

certo seria reconhecer-lhe humor negro. Diverte-se em pregar peças ao dono e ao próximo, seja obstruindo o trânsito (a procissão de guarda-chuvas abertos equivale a engarrafamento de automóveis), seja espetando sem aviso prévio os transeuntes, por meio da virola ou da ponta das varetas, que se desprendem do forro para este fim. Seu bico de retenção é especialmente ardiloso. Evita de todas as maneiras que o instrumento seja utilizado, chegando a ferir os dedos quando eles insistem em abrir o gc sem disposição de prestar serviço. Outras vezes, produz abertura tão rápida que o indivíduo, fugindo ao temporal, não escapa do pronto-socorro.

A origem do gc perde-se na noite das enciclopédias. Carece de fundamento histórico a versão de tratar-se de produto mineiro, como o queijo de minas (fabricado em São Paulo) e a matreirice. Já na Antiguidade, era usado para o conforto de faraós e príncipes, no Egito e na Assíria; a iconografia francesa do século XVI mostra-o adotado por personagens da corte. Em Minas, só aparece no final do século XIX, como peça inseparável do equipamento de políticos do extinto PRM, e hoje serve de símbolo à segurança bancária. Mas o gc do primeiro-ministro Chamberlain, da Grã-Bretanha, são outros quinhentos: suas varetas, demasiado flexíveis, inspiraram a política da tolerância e passividade em face da agressão nazifascista, e foi o que se viu: uma segunda guerra mundial, dura de vencer. E foi mesmo vencida? Multidões fascistas, na Itália e em outros pontos do globo, sugerem dúvida a esse respeito.

A literatura do gc inclui, entre outros, poemas de Mauro Mota (que o compara a uma rosa negra, recolhida, durante meses, à estufa, crescendo e abrindo-se na rua, debaixo da chuva) e de Cassiano Ricardo, disposto a atirá-lo ao monte de objetos inúteis, pois hoje, “sob a poeira de estrôncio-90, não sabemos se está chovendo ou não”. Chove sem chuva, diz o poeta, e para essa chuva-sem-chuva não há gc que valha. Dois escritores franceses já meio esquecidos, Paul e Victor Margueritte, juntaram-se para escrever um conto com moralidade: nunca esqueça o gc em casa de amigos; se um minuto depois se lembrar, e voltar à sua procura, surpreenderá o pessoal da casa falando mal de você. E o gc participando da conversa. Não facilite. E ande descoberto, pois tanto faz.

III / *Verbete do telefone*

S. m., singularíssimo. Aparelho inventado pelo físico norte-americano Alexander Graham Bell, no decurso de pesquisas para fazer os surdos ouvirem. Mais tarde, seu aperfeiçoamento no Brasil deu-lhe finalidade oposta: veda a transmissão de sons de qualquer natureza, entre indivíduos à distância, eliminando um dos mais terríveis fatores da poluição sonora que aflige a humanidade. Hoje, quem quiser assegurar-se o gozo de vinte e quatro horas diárias de silêncio pessoal, ou proporcioná-lo a seus amigos, deve alugar um desses engenhosos aparelhos, que

vêm acompanhados de três grossos volumes impressos, contendo, por ordem alfabética: a) nomes de pessoas, firmas ou entidades oficiais a quem podemos oferecer o benefício da surdez, ou de quem se almeja receber o benefício da mudez; b) nomes de ruas, avenidas, praças, becos etc., onde tais entidades, firmas e pessoas têm endereço, para se fruir sensação mais nítida de que realmente existem e não é vão nosso propósito de estabelecer com elas o relacionamento da surdo-mudez; c) relação de utilidades e/ou inutilidades de toda espécie que renunciemos a adquirir ou vender por meio do t., tornando assim mais positiva a natureza delicada do citado relacionamento alheio a qualquer interesse mercantil.

A enorme popularidade do t., em época de ruídos mil que afetam o equilíbrio psicossomático, gerou o abuso de sua utilização, determinando o excesso de correntes de silêncio que, entrecruzando-se e emaranhando-se, produziam ruído inesperado, contrário ao objetivo que inspirou o seu modelo nacional. Daí a providência drástica, adotada sabiamente, de se limitar a três por dia o número de chamadas-silêncio, com que gratificamos os demais usuários ou somos gratificados por eles.

A partir desse teto, uma taxa extra é cobrada em proveito da assistência a doentes mentais que teimam em falar e ouvir alguma coisa — pelo menos uma velha palavra de significação obscura: “alô” — por intermédio do t. Desgraçadamente, o número desses enfermos não é pequeno, pois ainda não se conseguiu extirpar completamente do ideário popular a noção obsoleta de que o t. se destina à comunicação oral, e a frustração da expectativa conduz a neuroses e distúrbios psíquicos mais graves. Ampla campanha educativa está sendo planejada para esclarecimento dos recalcitrantes.

Basicamente, o t. é constituído de um microfone, um auscultador, um gancho comutador, um disco de chamada numerado, uma campainha e um silenciador; esta última peça representa contribuição brasileira para o seu aprimoramento. Um inventor sergipano propôs eliminar todos os elementos, criando o t. puro, em forma de vácuo, mas esta invenção implicava o desemprego de milhares de técnicos, trabalhadores incumbidos do controle e expansão da rede telefônica, e entregadores dos três volumes de catálogos de endereços, pelo que foi considerada antissocial e posta de lado.

Nada mais simples do que o uso do t. Basta pegar o fone do gancho e colocá-lo ao ouvido direito ou esquerdo, como se preferir, e recebe-se a mensagem antissonora; a mesma coisa para transmitir mensagem idêntica, aproximando os lábios dos orifícios transmissores. O disco numerado serve de elemento decorativo, mas também convida à elaboração de cálculos matemáticos sobre a duração, o grau pacificador e autopacificante da mensagem, em termos de energia espiritual. Um ou outro pequeno chiado, zumbido, estalo e interferências congêneres devem ser levados à conta de má disposição moral da pessoa do

outro lado da linha, e não a defeito do aparelho: este é incapaz de emitir o ruído mínimo de uma pata de mosquito caminhando sobre veludo.

coração segundo

— De acrílico, de fórmica, de isopor, meticulosamente combinados, fiz meu segundo coração, para enfrentar situações a que o primeiro, o de nascença, não teria condições de resistir. Tornei-me, assim, homem de dois corações. A operação sigilosa foi ignorada pelos repórteres. Eu mesmo fabriquei meu coração novo, nos fundos da casa onde moro. Nenhum vizinho desconfiou, mesmo porque sabem que costumo fechar-me em casa, semanas inteiras, modelando bonecos de barro ou de massa, que depois ofereço às crianças. Oferecia. Meus bonecos não têm arte, representam o que eu quero. Fiz um Einstein que acharam parecido com Lampião. Para mim, era Einstein. Os garotos riam, tentando adivinhar que tipos eu interpretara. Carlito! Não era. Às vezes, não sei por quê, admitia que fosse Carlito. Nunca dei importância a leis de semelhança e verossimilhança, que sufocam toda espécie de criação.

Mas, como disse, fiz meu coração sem ninguém saber. E à noite, em perfeita lucidez, abrindo o peito mediante processo que não vou contar, pois minha descrição talvez horrorizasse o leitor, e eu não pretendo horrorizar ninguém — abrindo o peito, instalei lá dentro esse coração especial, regulado para não sofrer. Ao mesmo tempo, desliguei o outro. Como? Também prefiro não explicar. Posso extrema habilidade manual, aguçada à noite, e sei o que geralmente se sabe dos órgãos do corpo e suas funções e reações, depois que ficou na moda tratar dessas coisas em jornais e revistas. Além disto, minha capacidade de resistir à dor física sempre foi praticamente ilimitada. Desde criança. Mas as dores morais, as dores do mundo, acima de tudo, estas sempre me vulneraram. Recompus a incisão, senti que tudo estava perfeito, e fui dormir.

Na manhã seguinte, ao ler as notícias que falavam em fome no Paquistão, guerra civil na Irlanda, soldados que se drogam no Vietnã para esquecer o massacre, explosão experimental de bombas de hidrogênio, tensão permanente no canal de Suez, golpes vitoriosos ou malogrados na América Latina, bem, não senti absolutamente nada. O coração funcionava a contento. Fui para o trabalho experimentando sensação inédita de leveza. No caminho, vi um corpo de homem e outro de mulher esfaqueados entre restos de um automóvel. Pela primeira vez pude contemplar um espetáculo desses sem me crispar e sem envenenar o meu dia. Fitei-o como a objetos de uma casa expostos na calçada, em hora de mudança. E passei um dia normal. Trabalho, refeições, sono, igualmente normais, coisa que não acontecia há anos.

Meu coração fora planejado para evitar padecimento moral, e desempenhava

bem a função. Assisti impassível a cenas que antes me fariam explodir em lágrimas ou protestos. Felicitei-me pela excelência. Mas aí começou a ocorrer um fenômeno desconcertante. Eu, que não sofria com as doenças que me assaltavam, passei a sentir reflexos de moléstias inexistentes. Simples corte no dedo, sem inflamação, afligia-me como chaga aberta. Dor de cabeça que passa com um comprimido ficava durante semanas. Meu corpo tornou-se frágil, exposto ao sofrimento. E eu não tinha nada. Consultei especialistas, fiz checkup, não se descobriu qualquer lesão ou distúrbio funcional. Eram penas imotivadas, gratuitas. Meu coração nº 2 passava pela radiografia sem ser percebido. Irredutível à dor moral, era invisível a aparelhos de precisão.

Comecei a sofrer tanto com os meus males carnis que a vida se tornou insuportável. A dor aparecia especialmente em horas impróprias. Em reuniões sociais. Em concertos. No escritório, ao tratar de negócios. Então fazia caretas, emitia gemidos surdos, assumindo aspecto feroz. Assustavam-se, queriam chamar ambulância, eu recusava. Tinha medo de que descobrissem o coração fabricado.

Outra coisa: as crianças começaram a achar estranhos meus bonecos, não queriam aceitá-los. Sempre gostei de crianças. E elas me repeliavam. Esmerei-me na feitura de peças que pudessem cativá-las, mas em vão.

Hoje vi um homem encostado a um oiti, diante do mar. Sua expressão de angústia dava ao rosto o aspecto de chão ressecado. Tive pena dele. Surpreso, ignorando tudo a seu respeito, mas participando de sua angústia e trazendo-a comigo para casa.

Agora à noite, decidi-me. Voltei a abrir o peito e examinei o coração segundo. Com pequena fissura no isopor, já não era perfeito. Ao tocá-lo, as partes se descolaram. Inútil restaurá-lo. Joguei fora os restos, liguei o antigo, e fechei o cavername. Talvez pela falta de uso, sinto que o coração velho está rateando. Que fazer? E vale a pena fazer? A manhã tarda a chegar, e não encontro resposta em mim.

— O seguinte. Quero fazer análise de grupo, doutor. Não se preocupe com a formação do grupo. Eu formo sozinho, compreende? Posso contar ao senhor uma pá de infâncias que eu tive, uma pá de vidas que vou levando. Até que essa multiplicidade não me encucava. Quer dizer: até. Pois Fernando Pessoa não era muitos e simultâneos? Quando morreu o Alberto Caeiro, o Álvaro de Campos e o Ricardo Reis, sem falar no Bernardo Soares, continuaram socioexistindo sem briga. Mas comecei a me aborrecer quando os meus diferentes eus entraram a exigir de mim funcionamento sincrônico em lugares distantes uns dos outros. Distantes e incompatíveis psicologicamente. O senhor não avalia o problema. Para dar um exemplo: Nunca fui a Capri mas preciso urgente ir lá, é necessidade visceral de um eu que me agrada muito, juntei uns dólares, cuidei de passaporte que não foi mole, fui à agência de turismo. Aí o meu eu tijucano, ele é de morte, não arreda pé da rua General Roca, meu domicílio global, se recusa a embarcar. Vê que papelão? Vivia discutindo com ele a conveniência de ser transigente. Capri é só um mês, nem o dinheiro daria pra mais, que é um mês na vida de um tijucano? O desgraçado empacou. Pior é que tem outro eu muito marcado também, que gostaria de viver na Paraíba criando bode. Sabe como é, fixação dos verdes anos, o bode era uma oleografia pendurada na parede lá de casa, um bode vermelho que tinha barba de apóstolo, muito sérios ele e a barba, que balançava ao vento. Juro que balançava. Por favor, não vá dizer que eu tenho complexo de bode expiatório, não odeio ninguém nem quero transferir nenhuma culpa mas o fato é que. Onde é mesmo que eu estava? Ah, meus muitos. Não é meus múltiplos, doutor, não tenho nada com essa transa da Petite Galerie, que reproduz cem vezes em acrílico um modelo único. Não sou de acrílico, sou matéria viva, pulsante... Não quer saber quantos sou? Conteí oito, doutor. Dá ou não para uma análise de grupo? Faço questão de ser analisado sozinho em grupo. Mas tem um galho. Uma de minhas personalidades eu gostaria de reservar para mais tarde. É o meu lado, meu lado não, meu ser menina-de-jardim-de-infância. Por favor, me deixe continuar ligado nela, é tudo quanto há de mais virginal em meu conglomerado enroladíssimo. Bem que eu gostaria de guardá-lo para a própria Melanie Klein, não é por desmerecer do doutor, é porque eu li a tradução portuguesa de *Envy and Gratitude* e fiquei vidrado nela, que mulher! Não perco de jeito nenhum concerto de Jacques Klein, só porque ele deve ser parente dela. Melanie é um tremendo barato, uma glória. Mas quero ficar pelo menos uns cinco anos ainda curtindo esse euzinho infantil, que é minhas doçuras. Então,

vamos combinar. Esse fica para depois. Tenho muita pena de me desfazer de minhas riquezas, doutor. Perdão: de meus problemas. O ideal seria conciliar. Complexo de castração eu tenho, mas não é medo de perder uma parte boa do corpo, é de perder este ou aquele indivíduo que me habita, e depois sentir falta dele como de uma perna amputada. Ordem! Ordem é o que eu gostaria que o senhor instituisse na minha habitação moral coletiva. O progresso eu arranjo. Mas o senhor não me diz nada. Não vejo nenhuma resposta em seus olhos, e tenho a sensação de estar falando sozinho em Brasília, numa área ainda não construída. Começo a me arrepender de estar levando este papo solitário com o senhor. Sei lá se o senhor me aceita para análise, e amanhã faz um romance, uma peça de teatro com a minha vida. Não é que esteja duvidando de sua ética profissional, mas se amanhã despertar no senhor um indivíduo novo, com fome de escrever, quem me diz que não serei eu o material de sua criação? Até que ponto me verei despido e denunciado em praça pública? Pois eu não lhe disse nada, mas ia lhe dizer sobre um eu celerado que já cometeu em mim, ou por mim, coisas bem negras. É justamente o quinto, o terrível, o pior de todos, quis estrangular a garotinha do jardim de infância... por pouco-pouco ele estrangulava. A sorte foi o meu eu da rua General Roca acudir a tempo. Daí, não tenho jeito de contrariá-lo quando ele me diz: “Capri, não. Nada além da praça Saens Peña”. O quarto, o sexto e o sétimo, bem, chega, já falei demais. Preciso guardar esses três como reserva. Não lhe dou nenhuma dica sobre eles. Por que iria abrir as comportas com o primeiro Freud que me aparece pela frente? Tem coisas que Freud não explica. Nem Jung nem Adler nem Rank nem Horney nem Chico Xavier nem... Fico por aqui. Se me derem uma explicadinha de cada um de meus problemas, se tudo fica limpo e computadorizado, que vai ser de mim, condenado à unidade integral? Não leve a mal, doutor, mas aqui me despeço e prometo nunca mais procurar o senhor, tá bom? Tchau! Hoje à noite embarco para Campina Grande e levo a patota na raça.

ecologia

O veado-galheiro-do-norte reuniu a família e:

— Rápido, pessoal, vamos dar o pira que isto aqui na Amazônia está cheirando a fumaça!

O veado-mateiro, seu primo, e a capivara, vizinha dos dois, sentiram o mesmo odor e dispararam também. Com pouca sorte: no Maranhão ouviam-se tiros, em Mato Grosso pairava cheiro de carne assada; em Goiás...

Lá embaixo, no Rio Grande do Sul, pobre do marrecão-da-patagônia; distraiu-se e seu dia chegou. Não lhe serviu de consolo ver o maçarico-preto e a caturrita tombarem do mesmo galho.

Pelo Brasil inteiro ouve-se: Pum! Pum! Pum! Ou, se preferem versões americanas, de quadrinhos: *Bam! Zing! Crash!*

São os bichos caindo, as aves baixando em voo morto, a caça legal, autorizada pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. Até 31 de agosto, aproveitem, caçadores. Podem matar a seu gosto. Com apenas três restrições:

- 1) Cacem por esporte; não cacem para ganhar dinheiro ou por maldade.
- 2) Evitem caçar certas espécies, que são sagradas.
- 3) Não cacem muito; limitem o número de animais caçados, para que sempre restem alguns no mato.

Tirante isso, meus prezados, a fauna lhes pertence. Gosta de codorna, e não simplesmente de ovos da dita? Então, vá a Minas, vá a São Paulo, ao Paraná. Estado do Rio, não; codorna sob o governo do dr. Padilha tem de ser respeitada. É para o inhambu que vai o seu paladar? Não queira prová-lo no Espírito Santo nem na Bahia; dirija-se a São Paulo. Paca, essa boa carne, está pulando à sua disposição no extremo Norte, mas desista desse prato em Santa Catarina. O mesmo bicho é caçável num estado, incaçável noutro.

Carece de o caçador levar na mão a arma e a portaria do Instituto, para não se enganar, e um bom mapa do Brasil também. O mesmo recomendo aos bichos: vocês têm que aprender a ler, queridos; ou pelo menos arranjar um radinho de pilha, que os oriente para onde devem se mandar, se residirem em unidade federativa onde foi permitida a matança de vocês. Cuidado com informantes e dedos-duros: qualquer descuido pode ser fatal. Estudem as questões de limites que ainda persistem entre alguns estados, para evitar o pior. Narceja pousada no galho, precisa saber se o tronco fica do lado de cá ou do lado de lá; o brejo que ela aprecia já foi fotogrametrado? Olhe o risco de um tiro legal, procedente de qualquer das margens.

Outro problema, a numeração. Saracura, o caçador licenciado tem direito de liquidar cinco; a nº 6, que andar escondida por perto, não está livre de ser imolada à contagem errônea. Caça e caçador geralmente não chegam a acordo, e que adiantaria mostrar a este a estatística de saracuras sacrificadas? Ele se enganou, pronto: mata seis, mata sete.

Recomendar a presença de fiscal junto ao caçador licenciado, para que não derrube mais de dez marrecas-dos-pés-encarnados? Não quero pôr em dúvida a integridade dos fiscais de qualquer natureza, mas carne de marreca é tão sublime, quando bem preparada! Vá lá, pode derrubar ainda umas três ou quatro, de pinga. Mas não se esqueça aqui do titio, hem? E a ideia de instalar um computador nos capoeirões brasileiros, para controlar o teto das caçadas, mostra que o surrealismo continua vivo. De qualquer modo, fiquem sabendo: caçar dez irerês é esportivo; onze, já constitui abuso contra a natureza. Quer acabar com a raça?

— Mas eu sou campeão de caça a irerê e queria bater meu recorde!

Calma, amizade. Você ainda tem direito a abater dez inhambuxororós, dois inhambus-canela-roxa, dez codornas... Seu clube lhe dará novos troféus.

Bem, a caça é permitida nas regiões e períodos em que não se desenvolve a fase de reprodução das espécies. É princípio universal, a que se submete nosso Código de Caça. Respeita-se a reprodução, para que ela assegure a estocagem de animais a serem caçados por esporte, sob tais e quais condições restritivas. Garante-se a natureza, por um lado; por outro, garante-se o esporte, que desfalca a natureza. Mas que esporte é esse, fundado na morte de animais inocentes, e não na alegria da vida, que dá sentido às competições da força e da hígidez?

Palavra que não entendo. Não o entendia Paul Léautaud, que se rejubilava quando o tiro destinado à caça pegava a nádega de outro caçador. Não chego a tanto, mas suspeito que falta ainda muito para se inscrever nos dicionários o exato sentido da palavra civilização.

Informado de que a próxima Feira da Providência terá, entre mil atrações, um vasto peixe-boi, deliberei entrevistar esse triquequideo, absolutamente inédito na Guanabara e adjacências.

Não foi difícil localizá-lo. Apesar de sua fama de esquivança e cautela, o peixe-boi faz um barulho dos diabos ao alimentar-se fora d'água. Ouvindo inusitado rumor à margem da piscina, onde cresce erva abundante, para lá me dirigi, e logo identifiquei o nosso hóspede, que pastava seus quarenta e cinco quilos de vegetação.

— Senhor peixe-boi, poderia atender à curiosidade dos leitores de minha coluna, respondendo a algumas perguntas?

— Não gosto de conversar na hora das refeições — resmoneou — mas seja tudo pelo amor da Feira da Providência, a que compareço como convidado especial. Fale, e responderei. Mas, antes de mais nada, eu é que vou lhe perguntar uma coisa. Já voltou a carne aos açougues?

— Veio a congelada.

— Ainda bem. Eu receava uma traição.

— Como assim?

— Sabe, esse nome, peixe-boi, pode dar margem a equívocos. Se falta o boi propriamente dito, peixe-boi deve botar as barbas de molho. Não me esqueço da mixira.

— Que que é isso?

— Mixira, meu caro desinformado, é chouriço de minha carne. Dizem que ela é insípida, e acho bom que o seja, para não atrair o apetite de vocês, mas por que faziam mixira de mim? Leia o dr. José Veríssimo, que conta o processo. Carne de peixe-boi, moqueada e cozinhada na gordura do próprio peixe-boi! Se já não se pratica mais isto, é porque a raça está acabando. Sou um dos poucos sobreviventes, e me cuido.

— De fato, parece que o senhor é mais uma originalidade que um exemplar.

— E olhe que até no Espírito Santo, nos tempos do padre Anchieta, nós circulávamos felizes, sem problemas. Depois, começou a matança. Mania de fazer óleo e azeite de cozinha com o meu toucinho. De fazer chicotes com o meu couro. Até mangueira d'água para os trens maria-fumaça tiravam de meu lombo! Não estou mentindo, ouça o que diz d. Flávia da Silveira Lobo, na sua enciclopédia animal. Tanto caçaram minha espécie que ela virou raridade, digna de ser mostrada em feira, com entrada paga.

— Louvo sua generosidade, comparecendo.

— Prezado colonista, ainda há generosidade nos peixes. Nos últimos da minha família, pelo menos. De resto, não sou propriamente peixe. Sou mamífero, como você, tenho alguma coisa de humano, como os próprios homens têm. Confesso que não vim ao Rio só por altruísmo. Vim também para saber das coisas, entende? Mamífero da Amazônia observa o comportamento dos mamíferos da Guanabara, que comem, bebem e dançam para ajudar os pobres. Peixe-boi se divertindo a olhar os que se divertem olhando o peixe-boi. Não sabem que estou achando graça neles. Meu focinho de bezerro inspira-lhes gracinhas. Também me rio dos que têm cara de macaco ou de foca. Nenhum deles tem de altura o que tenho de comprimento, nenhum pesa tanto quanto eu. Portanto, sou superior a vocês por mais de um título, e nem por isso me considero rei da natureza. Pasto minha relvinha — licença, vou papar mais um feixe, com a minha rica série de molares — e não chateio os outros, como vocês gostam de fazer.

Ouviu-se um estrondo: era o peixe-boi mastigando. Cessada a manducação, não resisti:

— Mas o senhor faz tantas restrições ao gênero humano. Por que, afinal, atendeu ao convite?

— Amigo, até peixe-boi gosta de publicidade.

E mergulhou. Só então me espantei de que ele falasse, e falasse tanto. Expliquem os sábios na escritura que segredos são estes de Natura.

Aberto o envelope, susto: a barata dentro dele, imóvel, expectante, sobre o cartão!

Quem foi que teve ideia dessa brincadeira repulsiva? E como conseguiu que passasse pelo Correio sem esmagar a barata? Por que ela está viva, vivinha da silva & santos. Não se mexe é de sabida.

— Joga fora essa imundície! Ou antes, não jogue...

Esta é uma barata de lei, com cerca de cento e cinquenta anos de existência. Criação verista de Debret, sua reprodução da capa do convite para a exposição de inéditos do artista é de tal modo convincente que engana qualquer um.

Ou não engana, é a barata mesmo, e mesma. As outras, que circulam entre farelos e sombras, têm existência miseravelmente curta. Desprezadas e combatidas, que ninguém quer saber de barata em casa. Mas se foi Debret que a viu, assuntou, desenhou, coloriu, vale uma nota firme, e a esta hora está alegrando a vista do colecionador que a comprou do marchand Luís Buarque de Holanda:

— Barata linda!

— Amor de barata!

— Que barato de barata!

E a baratinha, iaiá, a baratinha, ioiô, está se rindo por dentro, se é que barata ri, por dentro ou por fora, da vária fortuna dos seres (e das coisas) no plano real e no plano ideal. Barata ao vivo é nojenta, chinele-se a bicha. Barata pintada é arte. Maçã na casa de frutas, ferra-se o dente ou açucara-se em torta, *vita brevis*, e não se fala mais nisso. A maçã de Cézanne, mas para que a maçã? as cebolas de Cézanne, e mais a garrafa de *rouge*, o copo com vinho pela metade, a rolha, a faca, a toalha embolada, em *Nature Morte aux Oignons*, refutam o princípio de destruição inevitável das formas, pelo menos enquanto o quadro existir.

Ideia velha, barata nova. Debret foi mais documentarista do que criador, mas nem por isto sua barata é menos criação. Porque Debret pegou do bicho imundo e disse:

— Agora vou te dar vida longa, maior que a minha, vou te representar. Representar é ser outra vez, e mais. Tudo quanto posso fazer por mim, e por nós, é fazer-te e fazer-me. Representando-me, e aos objetos e cenas a que assisto (coroação, feira, inseto), asseguro a tudo a mais-valia de uma vida suplementar, que se chama vida das figuras, das aparências, que são mais do que as essências, pois estas se evoluem, e aquelas persistem. Entendeste?

— Não — baratifalou a barata.

Nem era para entender: conversa de pintor ou de grafômano com o mundo em redor não tem sentido não, pois ele pergunta e ele mesmo responde, ou prossegue:

— Pensando melhor, a essência está na aparência, que nos propicia o conhecimento imediato do cosmo. O resto é imaginação ou confirmação. És habitante vil de um planeta confuso, que adotou padrões de classificação baseados em nada. Vil por quê? Por que assim te rotularam? Que achas das criaturas que te rotularam, ó barata minha?

A barata ia responder que por sua vez as achava asquerosas, mas silenciou, por medo ao chinelo, que é sempre argumento contrário às baratas, e fortíssimo. Preferível que esse cara (foi o seu raciocínio) continue a dizer bobagens e, dizendo-as, se esqueça de me aplastar. Quanto a ele me imortalizar, mesmo discretamente, isto é, por cento e cinquenta ou quinhentos anos, pouco se me dá. Eu sou aqui e agora, minha finitude me cerca por todos os lados, e tenho que curti-la. No papel, em imagem, não dá pé. Com licença, M. Debret — e escafedeu-se.

— Espera um pouco, falta só completar uma perninha!

Não sei se esperou. Sei que a representação é completa e fiel, tão fiel, tão vera, que a representação da representação, no convite, fez uma senhorita jogar fora papel e envelope, e correr para lavar as mãos:

— Ui, que horror! Uma baratona.

— Calma, ela é pintada.

— E daí? Parece mais real que uma verdadeira!

O maior elogio a Debret que já ouvi.

Boto o papel na máquina, para alinhar estas mal traçadas, e eis que na ponta da mesa surge silenciosa baratinha, e...

— Que nojo! — Exclama, em alguma parte do país, minha leitora.

— E, sabe? fica me contemplando.

— Gostou de sua cara. Meus cumprimentos.

— Então decidi: vou escrever sobre a baratinha.

— Mas você não podia inventar assunto mais cronicável? Esse é de morte.

— Sei que é de morte, e certamente vou matá-la antes de fazer a crônica. Narrarei a contemplação e morte da baratinha.

— O que você devia fazer, antes de mais nada, era dedetizar sua casa, viu?

— Pensa que não dedetizei? Este é o primeiro motivo de meu interesse pela baratinha. Não por todas, ou por qualquer. Por esta. Resistiu à dedetização, veio me olhar face a face. Tem alguma coisa a me dizer.

— Veio desafiá-lo, é isso.

— É possível. Mas também é possível que tenha vindo em missão de paz. Quer talvez explicar-me que as baratas, pelo menos as baratinhas, não são aquilo que a gente está pensando delas há milênios.

— Você é um boboca.

— Obrigado. Mas Oswaldo Goeldi era um grande artista, e simpatizava com a barata sem uma perna que todas as noites circulava no seu ateliê, ceando restos de cola. Fazia companhia ao gravador, madrugada alta.

— Bem, o Goeldi...

— E Manuel Bandeira me contou, um dia, que Joanita Blank, flor de pessoa, absolutamente limpa de corpo e hábitos, chamava de amiga uma baratona frequentadora de sua mesa de trabalho. Queriam que ela a esmagasse com uma chinelada. “Eu, matar uma amiga?!”, protestou Joanita.

— Mas você disse que vai matar a sua.

— Disse que vou matar, mas não estou bem certo disso. Ela começou a me cativar, como se diz no *Príncipezinho*. Não é todos os dias que uma barata fica parada diante de um homem, tranquila, tranquila.

— Nem todos os dias que um homem fica parado diante de uma barata, tranquilo, tranquilo.

— Me encara com tanta confiança que seria uma sujeira matá-la.

— Sujeira é a própria barata, você não desconfia?

— Sei que eu e ela não vamos nos entender por palavras, como eu e você não

estamos nos entendendo neste momento. A comunicação tem de ser de outro jeito. Estou me esforçando por entender a barata, você não vê logo?

— Francamente: se você começa por não se entender comigo, como é que vai se entender com uma porcaria dessa?

— De qualquer modo, tento. A iniciativa é dela. Você me garante que sou superior a esse bicho. Como então vou recusar o diálogo, tornando-me inferior a uma baratinha?

— Esse orgulho, essa falsa humildade...

— Ora, você está cultivando preconceitos femininos com relação à barata. Joanita deve ser a única exceção. Todas as outras mulheres do planeta não admitem que se tente lançar uma ponte entre a barata e o homem, pelo menos para troca de pontos de vista.

— Não ataque as mulheres em bloco. É demagogia. Pensa que eu não tenho sensibilidade? Se alguém me provasse que barata sofre como a gente, e se ela não fosse tão repugnante...

— Aí está. Para você ter pena da barata, era preciso que ela não fosse barata. Fosse um inseto encantador, como a borboleta.

— Talvez você tenha razão. Gostar do que é bonito não tem valor. O Goeldi...

— Viu? Você passou a compreender a primeira letra da barata. Não é “i” de imunda, é “m” de miséria. Pobre ser miserável, condenado a destruir e ser destruído. Criação triste da natureza.

— Começo a ter pena da baratinha.

— Mas agora é tarde. Ela está se movendo, não parece mais disposta a uma aliança comigo. Retomou o ar dissimulado. Vou matá-la.

— Não faça isso, espere...

— Pronto. Matei.

— Monstro!

Ah, mulheres, mulheres!

— Aristeia, dá um banho rápido nesse menino, que ele está muito poluído.

A mãe disse para a babá, e a palavra “sujo” foi proscrita do vocabulário doméstico. Hora de banho é hora de combater a poluição. Para gente miúda e gente grande. Mas a poluição volta a galope, e há indivíduos que se queixam até do próprio banho:

— Esta água está superpoluída, pô!

Na poluição universal, que vai da lagoa Rodrigo de Freitas ao pote de água filtrada (que gosto, hem? poluição palatal), o jeito é ir repetindo o verbo, o substantivo, o adjetivo, o leque de vozes que definem a mácula do ambiente pelos seres, dos seres pelo ambiente, que se alastra como infinita gota de óleo pelo mundo e chega ao interior dos corpos e não para aí, pois invade subrepticiamente as almas...

— O Mourinha? Aquilo é a poluição em calça e paletó, só de vê-lo do outro lado da rua me sinto imundo!

Este aqui:

— Não vou mais a cinema. Esses Pasolinis, esses Antonionis não fazem outra coisa senão poluir a arte de Murnau.

Um sujeito pergunta a outro:

— Como vai você?

— Poluidamente.

Meu amigo queixa-se das livrarias, antros de poluição visual, com suas brochuras de capas berrantes, de desenhos mórbidos, tétricos ou escalafóbéticos. Nem se diz mais de alguém que está muito abatido ou cansado. A pauta é dizer:

— O Caldas? Achei o Caldas meio poluído, coitado!

Pois a fadiga, a depressão constituem agentes poluidores. O Pão de Açúcar, esta manhã, está poluído de nuvens. A chuva poluiu as vidraças, e o faxineiro, que veio despoluí-las, por sua vez poluiu os tapetes com seus sapatos poluidérrimos. Bom despoluicionador será quem despoluir os panejamentos das figuras do monumento a Floriano, poluídas pelos poluidorizíssimos pombos da Cinelândia.

Na secretaria do grupo de trabalho incumbido de estudar as causas e os efeitos da poluição no ano 2000, e as normas a serem estabelecidas no Plano Nacional de Despoluição Gradualista, o chefe da seção de Minipolutos advertiu a datilógrafa, sem consideração por suas pernas triunfais:

— D. Mafalda, o índice de poluição dos ofícios batidos pela senhora aumentou 5,2% esta semana!

— Mas, doutor...

— Até manchas de batom, até margarina cremosa apareceu no papel!

Dona Mafalda desabafa com uma colega:

— Com aquele hálito polipoluído, ele ainda tem cara e coragem de reclamar da gente!

— Você quer negócio mais polu (já se usa a fórmula breve, em harmonia com a rapidez de impregnação do meio pelos poluintes) do que essa música de festival, bicho?

— Polu, mas polu paca é aquele careta do... (e disse um nome que não vou repetir, para evitar a *polluta pax*, de que fala Virgílio, isto é, falava, pois o latim nem sequer poluído está mais, o latim está morto nas escolas).

E o português, será que o português está menos poluído? Quem estiver lendo esta crônica já encontrou a resposta, antes de formular a pergunta. Declaro, em autodefesa, que nem sou dos que mais o poluem. Colegas fazem muita força nesse sentido, e cogita-se mesmo de um campeonato ou gincana brasileira de poluição da língua, onde só espero um (poluído) quinto lugar.

Em suma: a poluição é geral, como diria Machado de Assis. E diria mesmo, pois não foi ele o autor daquele verso, referente à vida: “Ama de igual amor o poluto e o impoluto”?

montanhismo

duas mulheres

I / Ao Bico do Papagaio

Duas mulheres perdidas na floresta da Tijuca. Não chegaram a ser notícia. Eu conto.

A intenção delas (declarada) era subir ao Bico do Papagaio. Bico ou Pico? Discutem preliminarmente. Deve ser Pico, pois se tem novecentos e setenta e cinco metros de altura. Mas, e a forma de bico recurvado de papagaio? Então é Bico. O Pico do Bico — assim deveria chamar-se. Ou o Bico do Pico. Desta maneira nunca chegaremos a um acordo — as duas riram e concluíram que nome não tem realmente importância, importante é chegar lá em cima.

Problema é que não eram, nunca foram montanhistas. No máximo, sobem ladeiras da Gávea, e com que vontade de não subi-las. Bom que tudo fosse plano na vida, mas a ideia de subir ao cocuruto do Pico (ou do Bico) do Papagaio se implantara nelas. Deus sabe por quê. Mulheres. Só mesmo Deus é quem sabe o porquê de certas vontades femininas, se é que ele consegue saber.

Sem prática de galgar montanha, sem equipamento, como fazer? Sobe-se, ora essa. Compra-se o essencial em matéria de roupa e instrumentos, estuda-se bem o mapa da mina, que no caso é um folheto descritivo da floresta, e saiam da frente que nós queremos passar. Saíam gatos-maracajás fingindo de oncinhas, arreda, jararacuçu e cobra caninana, que eu não tenho medo de vocês, eu também não, quer dizer, medo a gente tem muito, pra que negar? Mas são Bento está lá no céu vigiando as cobras, e daí, isso de cobra no Rio de Janeiro, mesmo na floresta da Tijuca, é cascata de francês de bulevar.

Guia? De jeito nenhum. Guia para quê? Para ensinar a gente a mover as pernas? Para mostrar, de passagem, que aquele bicho que está escondendo coquinhos na terra é caxinguelê, que esta borboleta maravilhosa é a saíra-de-sete-cores? Isso a gente já sabe, de ter nascido no interior do estado do Rio e de conferir nas estampas. Somos capazes de identificar o macaco-prego fazendo chacinha no alto das árvores, tem pé de xaxim lá em casa, tem juçara, tem sonho-de-ouro. E depois, a gente não vai fazer história natural. Vai é subir no Pico do Papagaio e ver os longes e ter a glória de — não, não é para curtir glória nenhuma, é claro, mas acabarão sabendo que duas alpinistas brasileiras amadoras, de vinte e sete e trinta e um anos, respectivamente, por nome Oranice e Gabriela, sem auxílio de homem algum, só com a cara e a coragem, atingiram num dia de junho de 1972 o complicado ápice do Bico do Papagaio, demonstrando a galhardia, o ímpeto, o sangue-frio da mulher moderna.

Levamos farnel, Oranice? Não, Gabri, a gente come no Esquilo. Sem essa, vê

lá se vamos dar uma de turista. Montanhismo é coisa séria, e não seremos nós, montanhistas de primeira viagem, que iremos desmoralizar a excursão. A gente leva comida-água-refrigerante etc., calculado para um dia e uma noite. E cobertor, olha que deve fazer um frio danado lá em cima! Quantos quilos a gente aguenta levar? Eu vou de travesseiro, dormir no chão de pedra não é mole, hem? Você é louca, mulher, travesseiro coisa nenhuma, daqui a pouco você inventa carregar banheirinho plástico, torradeira, essas coisas. Guerra é guerra.

O mais difícil de uma excursão, parece, é preparar a excursão. O resto corre fácil. Outra coisa difícil é guardar segredo da excursão, para evitar que as amigas adiram, e francamente, subir ao Bico do Papagaio em assembleia geral tira todo o charme da aventura. Não vamos telefonar para ninguém, e se nos convidarem para algum programa na quinta ou na sexta, já sabe: *pas possible*. Dá-se uma desculpa qualquer, mas quinta e sexta é sagrado: Ao Bico do Papagaio!

Acaba logo com essa história, diz o leitor, impaciente em busca de outros assuntos. Tanto mais que as duas mulheres não chegaram a fazer notícia. Mas eu não acabo. Eu torturo, eu continuo daqui a dois dias, e quem quiser saber do resto, faça o obséquio de aguardar a próxima.

II / *Pé na estrada*

Como ia dizendo, Oranice e Gabriela, solteiras, sem compromisso (percebe-se), animadas de súbito espírito montanhístico, pegaram táxi no Leblon, rumo ao Bico do Papagaio. Levaram, em apetrechos e munição de boca, tudo que lhes pareceu necessário para a aventura. Não era muito. Ou era demais? Pois logo que desceram do carro, iniciando a caminhada, os materiais começaram a pesar mais do que o desejável.

Estrada do Imperador, em soberba manhã de inverno tórrido, esse inverno que é invenção carioca 72. A bandeira dois registrava número assustador de cruzeiros, melhor descer aqui mesmo, desceram. Vamos dividir a tralha, dividiram. No a-pé a gente desfruta melhor a natureza vivendo, cada pé de pau é um barato, cada bichinho surpreendido em sua casa sem paredes, casa de folhas e terra, telhado de nuvem, chuveiro natural, voo de beija-flor cortando o ar que nem navalha colorida e depois pousando em si mesmo, como é que pode? e você, sua boba, ainda não acredita na existência de Deus? É, mas esse calor, hem Orá? É mesmo, Gabri, a gente devia ter vindo de short. Ou de nada, até que seria legal. Duas ninfas na estrada, e riam que riam, imaginando-se ninfas ao sol, que gozado, mas não brinca, menina, este solão que não respeita nem mata virgem, e a lagartixa sacudiu a cabeça dizendo para as duas: Estou acostumada. Não disse mas pensou: Calor de vocês é emoção, a sombra está uma delícia na umidade do limo e do musgo e de tudo.

Bem, não vou descrever o espetacular painel que o Criador deu de graça ao homem, e se continuo registrando as menores reações das duas mulheres diante de cada moita de maria-sem-vergonha, esta história que nem chega a ser história, eu preveni, só acaba no fim de 1974, quando as duas terão de descer impreterivelmente para votar na mesma seção eleitoral do Leblon, votar em quem mesmo? para — não importa para quê, é obrigação, acabou-se. Mas o certo é que não pareciam dispostas a desafiar logo a majestosa aspereza do Bico do Papagaio, Oranice propôs um trajeto diversionista, o Açude da Solidão, e Gabriela, ia-me esquecendo, confessou que tinha vontade de passar um minutinho só na Gruta de Paulo e Virgínia, tão romântica! Lembranças que a gente guarda no coração de nosso coração né? Como dizia o, como é mesmo o nome dele, ah, esqueci, deixa pra lá.

E se você topar, querida, eu queria ir ainda um pouquinho mais longe, dar uma espiada na minha cascata, que cascata, mulher? Ora, a cascata Gabriela, no caminho do Doutor Jardim, pois tendo uma cascata com o meu nome você acha que eu posso vir à floresta sem chegar até lá? Oranice sentiu a falta de um lago, um fio d'água, um trilho de paca chamado Oranice, mas quem iria providenciar para ela, com todos os sítios e acidentes geográficos já rotulados, desde o major Archer até Raimundo de Castro Maia?

Estou meio pregada, Gabri, mas se você faz questão eu topo. O Bico fica para logo mais, né? Tá legal, o Bico não é tão urgente. Mas voltando àquele papo da gruta, que foi mesmo que aconteceu, você não quer me contar? Ora, sua santa, não vai me dizer que você também nunca sentiu o apelo da natureza num lugar como esse, em que tudo é convite a... a... bem, a celebrar a vida, com os passarinhos, as orquídeas, as resinas, as águas cumprindo o destino de viver, hem? você é sonsa, Orá, mas a mim você não me engana, sou capaz de jurar que. Não jura, Gabri, não é preciso, eu também sinto essas coisas, também sou filha de Deus, viu? E começava a dizer o que a vista do Almirante representa para ela, não com um almirante no meio, mas com um segundo-tenente, não sei que fim levou esse segundo-tenente, a Marinha viaja tanto, a última notícia que tive dele foi num postal que não dizia a cidade nem o país, o carimbo era ilegível, não tinha selo, enfim, está navegando aí pelos mares do mundo... enquanto eu prometo, a algum leitor que chegou até aqui, a conclusão definitiva do caso na próxima, tenha paciência, tchau.

III / *Helicóptero*

O sol ia baixando, e as duas mulheres, depois de longo perambular, também baixavam de tom. Olhavam para os lados, para cima, nada de seta ou cartaz recepcionista: “É aqui. Podem começar a subida. Eu, o Bico do Papagaio, lhes dirijo muito saudar, não tem problema, providencie para vocês um

caminhozinho suave. Chegando à minha cumeada, já sabem, façam lanche sem cerimônia, descansem, fiquem o tempo que quiserem, absolutamente não me incomodam nem pagam imposto de panorama, a altura é grátis. Digo mais, se pretendem passar a noite aqui em cima, não tem colchão de molas, mas sempre se arranja tapete de grama e sono estrelado. Subam, amizades”.

Claro, seria demais exigir de uma pedra linguagem semelhante. Mas custava deixar aberto um caminho de rato, por onde elas fossem devagar e sempre conquistando a montanha, custava? Era tudo escaldado ou espesso, espesso e escaldado, mato-rocha-risco-vertical-mortal. Não dá: as duas ao mesmo tempo, conclusivas.

E agora, Gabriela Nunes? Oranice Duarte, e agora? Estamos realmente no mato sem cachorro, nem latido dele ao longe se escuta, é mesmo a selva americana de onde não tardam a sair as piores onças, e nossos pés sangrando nas sandálias desprotetoras, nossa água acabou, nosso farnel acabou, acabou nosso projeto de altas azuladas paragens, se ao menos a gente resistisse até amanhã dariam por falta da gente no Leblon, telefonavam para os bombeiros, descia um helicóptero — as duas se encararam pronunciando ao mesmo tempo helicóptero, olharam ao mesmo tempo para o céu despido de qualquer sinal, qualquer mensagem, não vinha helicóptero nenhum, não vinha...

Por que você falou helicóptero? Por que você também falou? Falei, que que tem, mas falou de uma certa maneira, você também falou de uma certa maneira, engraçado, falamos juntas no mesmo tom, nunca andei de helicóptero, você já? Eu também não, e agora até que ele seria bacana, mas não adianta pensar, vamos é sentar no chão de espinho e carrapato, carrapato é o de menos, e as onças? Vamos cobrir o rosto com as mãos e chorar amargamente, espera aí, filha, isso também não, vamos é procurar a estrada, vamos voltar de qualquer jeito, mas voltar como?

E acenavam lenços brancos, aliás vermelhos, que tinham incluído com providência nas mochilas, em lugar de cordas de nylon e grampos de escalada, pois pensavam (ou tinham dito uma para a outra) que uma vez chegando ao pico do Bico icariam uma bandeira bem visível para assinalar, não perante o Brasil, mas perante si mesmas, o termo da façanha. E gritavam e tornavam a gritar, ei, gente, acode, socoooooorro, mas o vento levava a angústia da vogal e com ela sumia cada vez mais a tarde, sumia a esperança, cri-cris do crepúsculo tomavam conta do silêncio, e eram duas mulheres sozinhas na floresta encravada na cidade de não sei quantos milhões de habitantes desinformados, pois a ninguém tinham dito que iam conquistar o Bico do Papagaio, programa de dois dias, quinta e sexta, sábado descansariam felizes, enquanto a glória, que absolutamente não namoravam mas viria assim mesmo, explodia em manchetes e reportagens a cores na TV, e o que havia para contar, mostrando fotos, e a inveja das amigas e a pele dilacerada mas triunfante, cabelos entrançados de líquens, mulheres que

tinham virado vegetal, mulheres terra granito... que mulheres! Sem treinar no campo-escola de Cascadura, sem preparo físico, sem consultar o livro excelente de Alice A. P. Maryan, *Vida de pedra*, que conta a experiência de escalar nossas montanhas, tinham vencido — mas venceram?

A custo chegaram a uma clareira, perceberam um som que não vinha de feras, som de quatro ferraduras e cantiga de homem, misturadas. Aparição, santo invocado que vinha salvá-las? Era um vendedor de palmito, montado num burrinho, saco de taquara na garupa. Calmo, parou, assuntou, a Cascatinha ficava longe mas se quisessem ele conduzia as duas até lá, uma no burrinho outra no calcante, se revezando. Quiseram, salvaram-se, era noite de muita consciência remoendo ao compasso do burrinho e as duas vinham se interrogando caladas, até que Oranice disse para Gabriela, confessa, você fez isso tudo para ser salva de helicóptero, não fez? E Gabriela não queria confessar mas disse para Oranice, fiz, e você também fez, é, nós duas fizemos escondido uma da outra, e as duas se sentiram libertas do peso da intenção, tanto espanto para nada, não há helicópteros disponíveis para a fantasia de mulher sem compromisso, de duas mulheres solteiras, sem compromisso, amanhã a gente planeja outra forma de acontecimento, é a vida, *il faut tenter de vivre*, disse Valéry, e disse bem.

consumo

Senhores Acionistas:

Em atendimento ao disposto em lei e nos Estatutos Sociais, é-nos grato submeter à apreciação de V. Sas., acompanhados de parecer do Conselho Fiscal, o inventário e contas referentes ao exercício de 1972.

Como poderão verificar pelos gráficos anexos, com os principais dados comparativos de nossa situação econômico-financeira nos cinco últimos exercícios, e pondo de lado a modéstia, cumpre ressaltar o acerto que conseguimos imprimir aos negócios da Empresa, tornando-a líder no ramo a que nos dedicamos — a fabricação de elefantes domésticos.

Verdade seja que, malgrado nossos esforços, não foi possível restabelecer ainda os índices de rentabilidade obtidos quando nossa organização produzia, além de elefantes, artigos de bijuteria, fungicidas e barracas de camping. A especialização sofisticada, que o preparo de elefantes dignos deste nome torna imperativa, determinou nossa resolução de abandonar as demais linhas de produção, a fim de nos concentrarmos em uma única, para a elaboração de artigo que, folgamos em proclamá-lo, não encontra similar no mercado.

Só quem se consagrou anos a fio a este ramo industrial pode avaliar quanto de investimento, inventividade e técnica se faz necessário para que elefantes de grande, médio e pequeno porte alcancem o limite da perfeição, satisfazendo plenamente os objetivos para que foram projetados.

Ao aumento extraordinário de produtividade não correspondeu aumento satisfatório nos preços de venda, pois estes vêm sendo fixados em valores que não acompanham a evolução do custo da matéria-prima elefantal, com prazo de defasagem nunca inferior a três meses. Contudo, alenta-nos a esperança de, em data próxima, estarmos autorizados a colocar nossos elefantes na praça por preços compensadores, em justa remuneração do capital e de nossos esforços.

Faz-se mister o lançamento de campanha educacional que convença a massa de consumidores das classes A e B a adquirir mais elefantes e a substituí-los por outros mais atualizados, ao cabo de doze meses de uso. Não importa que o elefante patenteado por nós dure seguramente de quinze a vinte anos, sem lesão alguma. A troca anual do produto ensinará grande satisfação ao comprador e seus familiares, valendo como símbolo de status, de que advirão por certo vantagens sociais de toda sorte.

Também a classe C deve ser considerada na ofensiva promocional, pois estamos aptos a oferecer-lhe elefantes de tamanho reduzido mas de incontestável

eficácia, realmente econômicos, pois só se alimentam de palha e detritos, enquanto os de categorias mais elevadas dão preferência ao baby-beef, ao faisão e ao caviar.

O público em geral precisa ser esclarecido quanto à conveniência de termos todos um ou mais elefantes em nossa casa, escritório, loja, fazenda ou usina. Ele serve de companhia amena, presta os mais variados serviços, e é dotado de singular afetividade; podemos mesmo tomá-lo como confidente em hora de turbacção, a que todos estamos sujeitos na vida.

Rejubilamo-nos por lembrar que não prevaleceu contra a nossa Empresa a manobra de concorrentes insidiosos, ao fazerem assoalhar pretensa periculosidade de nossos elefantes, que estariam destruindo apartamentos, arrasando jardins e disseminando vírus de gripe e até de câncer da bexiga. Análises efetuadas por laboratórios acima de qualquer suspeita comprovaram que apenas 0,5% dos elefantes que produzimos causaram pequenos problemas, logo removidos, pois nosso lema continua a ser: “Leve o Elefante; a Firma Garante”.

Nossos planos para este exercício compreendem a instalação de novas fábricas nos estados do Amazonas, Pernambuco, Minas Gerais, Goiás e Paraná, já estando a caminho maquinaria japonesa que nos habilitará a lançar naquelas unidades um novo modelo de proboscídeo, de características aerodinâmicas, verdadeiro elefante alado.

Se não nos é possível distribuir dividendos, pelas razões já expostas, pelo menos estamos dirigindo a todos os nossos estimados acionistas a bonificação de nossos melhores votos de prosperidade pessoal, saúde e chance na Loteria Esportiva.

Ninguém se espante com o diálogo que mantive com um bebê de quinze dias de existência. Hoje, a comunicação não conhece fronteiras espaciais ou etárias. O bebê não fala o português de Portugal nem o português brasileiro, ensinado pelo saudoso professor Stanislaw Ponte Preta. Mas fala a seu modo, desde que se saiba interrogá-lo, e eu, não é por me gabar, tenho meus macetes. Perguntei-lhe de saída:

— Então, satisfeita de vir ao mundo?

Respondeu-me com rabugem, em termos que traduzirei assim:

— Como posso estar satisfeita, se ainda bem não cheguei a este lugar, já me televisionaram e estão me entrevistando?

— É a era tecnológico-aldeiglobal-consumística, minha querida. Desde o primeiro minuto de vida extrauterina você participa da sociedade eletrônico-difusoro-cósmica ilimitada.

— É, estou vendo mas não acho graça nenhuma.

— Não é para achar graça nem desgraça, é para se integrar, entende? Você tem de aderir ao processo. O processo é irreversível. Melhor você não dar uma de contestadora, e entrar na jogada.

— Mas eu nem tive tempo de contestar, me botaram diante das câmeras, fechei os olhos para não me ofuscar com aquelas luzes, chorei em sinal de protesto, riram de mim, e agora, pelo que vejo, estou em todas.

— De fato. Seu índice de publicidade é dos mais altos. Em duas semanas você varou o Brasil, fez concorrência a Elizabeth Taylor, aos terroristas palestinos e aos não palestinos, governos que caem, governos que sobem, técnicas de exorcismo...

— E daí? Pensa que o meu Ibope me dá prazer?

— Ibope não dá prazer. Dá dividendos. Você tem o futuro garantido, se for sempre dócil às exigências do sistema. Não deve bobear. Esteja sempre perto de uma objetiva, um gravador, uma passarela.

— Preferia viver a vida, com a sensação de ter uma vida realmente minha.

— Quem tem isso hoje em dia, meus-encantos? Só os loucos, isso mesmo, apenas certos loucos, não marcados pela psicose de governar o mundo. Loucos mansos, vamos dizer assim. São raros, a maioria é agitada, e não só recebe a influência da comunicação delirante, como, por sua vez, influi sobre esta, aumentando-lhe o delírio. De sorte que é bom você renunciar ao ideal individualista e anacrônico. Vida particular da gente já era. Agora vivemos a vida

dos outros, em bloco, ou melhor, a de ninguém.

— De qualquer maneira, os direitos da criança... O direito de mamar sem virar manchete, de fazer cocozinho à vontade sem ser objeto de curiosidade geral, como se eu pudesse fazê-lo de pérolas. Isso não está mais em vigor?

— Depende. Há criança e criança. Uma nascem destinadas à obscuridade total e permanente, senão mesmo a coisa mais negativa, que é não viver. Nascem para não conhecer a vida. Em pouco tempo voltam para o outro lado, onde, ao que se sabe, ainda há o aproveitamento industrial do ser. Você até que é dos bebês privilegiados. Centenas de milhares, ou milhões, de espectadores debruçam-se diante dos seus cueiros, pela circunstância feliz de que você é extensão da glória de sua mãezinha.

— Vou pedir a ela para me esconder.

— Ela não pode fazer isso. Compreenda o seu papel, ó flor reclamante. Não se pode fazer nada nesta situação, a não ser exigir que as fotos saiam caprichadas, mesmo porque se não saírem será preciso tirar outras. Sua imagem é mais importante do que você. E você não se pertence; você é a sua imagem multiplicada, em cor e som. Cresça como puder, mas apareça. Aparecer é ser, em nosso tempo. Bem, vou me despedir, já estão chegando outras equipes que naturalmente vão pedir a você que estreie na próxima novela das vinte e duas horas. Trate de se preparar para tudo. Sucesso, hem? E tchauzinho, *mon amour* de bebê.

O anúncio dizia: “Amanhã você não vai pagar o seu cafezinho”.

Certamente era um café que se inaugurava, procurando cativar o público. Depois do famigerado *Petit Prince* de Saint-Exupéry, cativar tornou-se palavra de consumo geral. Como o cafezinho.

Pois não era. A casa fechava-se e, a título de despedida sentimental, não cobraria o cafezinho que fora objeto do seu comércio durante trinta anos.

O frequentador suspirou:

— Há vinte anos que tomo café nesta casa, e logo quando ela vai acabar é que institui o fornecimento gratuito.

Acrescentou:

— Não é pelo preço do cafezinho, que eu sempre paguei sem sacrifício, e continuaria a pagar, se a casa continuasse. É pela espécie de sonho acordado que isso me provoca, sonho que dura um momento, e se esfarela: as coisas de graça. Elas só ficam sendo de graça na hora em que deixam de ser coisas.

— Mas vem cá, você queria que tudo fosse de graça a vida inteira? — perguntou o amigo.

— Queria. Por que não? Se este cafezinho me é servido de graça neste instante, e se eu voltar daqui a cinco minutos será servido outra vez de graça, e mais cinco minutos depois, e mais cinco e mais cinco... até eu ficar entupido de café e bradar: chega, não quero mais! por que não posso pensar que uma sociedade bem organizada serviria tudo a todos, a troco de sorriso?

O outro ia retrucar com as leis da economia, as lições do dr. Gudin, o bom senso etc., mas o *rêveur éveillé* não lhe deu folga:

— Saio daqui mal-acostumado, vou ao Nino's, janto uns camarões, retiro-me despreocupado, pois já não se pagam camarões no Brasil. Nisso corre o garçom ao meu encalço: “Doutor, o senhor se esqueceu da nota!”. “Que nota?”, respondo. “Eu sorri para você e para o restaurante, não é esse o pagamento?” Ele abana a cabeça, desolado: “Continuamos cobrando em cruzeiros, doutor. E olhe que nos hotéis do seu Tjurs já se calcula em dólar”. Veja no que dá a ilusão do cafezinho grátis. No entanto, ao ler o anúncio, eu já estava inclinado a não cobrar de ninguém os meus serviços.

— E mudar-se para o hospício.

— Todos se mudariam para o hospício, isto é, não haveria hospício, pois ninguém mais ia enlouquecer por falta ou excesso de dinheiro. Você chama a isso de sociedade utópica, eu chamo simplesmente de sociedade, nome que anda

falsificadíssimo. *Societas generis humani*, para gastar o meu Cícero, que nem de graça cai mais no vestibular. Repare que não estou pedindo nada de graça no sentido comum, de alguém dar a outrem um par de sapatos para sentir-se superior e tirar diploma de generoso. O que eu proponho (proponho é modo de dizer, ninguém me escutaria se eu propusesse isso ao Ministério do Planejamento ou aos fabricantes de geleia) é dar de graça as coisas, retirando valor às coisas, e valorizando o ato de se desfazer delas. Todos passariam a oferecer serviços e bens, de que todos se utilizariam sem recorrer a financiamento, pé-de-meia, desfalque, insônia, úlcera duodenal, enfarte, assalto, homicídio etc. O trabalho deixaria de ser motivo de injustiça, e a produção deixaria de ser causa de guerra. No começo, a gente faria cara feia, depois se acostumava com esse esporte de oferecer sem cobrar, já que a outra parte, de receber sem pagar, não causaria a menor dificuldade. Como isto não é possível agora, e suspeito que não o será nos anos que possivelmente ainda terei de vida, que é que vou fazer com este cafezinho grátis de última hora?

— Beber, uai.

— Solução de mineiro, está se vendo. Nada disso. Trouxe esta garrafinha e vou derramar nela o cafezinho, para guardar como lembrança. É o sinal de um mundo como poderia ser e não é. Pode beber o seu, que o meu ficará guardado no aparador lá de casa. Levei trinta anos para conquistar este troféu. O mundo não é de graça porque não quer. Ou por burrice.

Disse, derramou, e saiu, portando com unção a garrafinha de café gratuito.

— Até beber cerveja ficou difícil — queixa-se.

— O preço?

— Não. A variedade. *O embarras du choix*.

— Mas se você já estava acostumado com uma...

— E as novas que aparecem? Em cada estado surge uma fábrica, se não surgem duas. Cada qual oferecendo diversas qualidades. Você senta no bar de sua eleição, um velho bar onde até as cadeiras conhecem o seu corpo, a sua maneira de sentar e de beber. Pede uma cervejinha, simplesmente. Não precisa dizer o nome. Aquela que há anos o garçom lhe traz sem necessidade de perguntar, pois há anos você optou por uma das duas marcas tradicionais, e daí não sai. Bem, você pede a cervejinha inominada, e o garçom não se mexe. Fica olhando pra sua cara, à espera de definição. Você olha pra cara dele, como quem diz: Que que há, rapaz? Então ele emite um som: Qual? Você pensa que não ouviu direito, franze a testa, num esforço de captação: qual o quê? Qual a marca, doutor? Temos essa, aquela, aquela outra, mais outra, e outra, e outras mais... Desfia o rosário, e você de boca aberta: Como? Ele está pensando que eu vou beber elas todas? Acha que sou principiante em busca de aventura? Quer me gozar? Nada disso. O garçom explica, meio encabulado, que a casa dispõe de doze marcas de cerveja nacional, fora as estrangeiras, sofisticadas, e ele tem ordem de cantar os nomes pra freguesia. Até pra mim, Leovigil? pergunto. Bem, o patrão disse que eu tenho de oferecer as marcas pra todo mundo, as novas cervejas têm de ser promovidas. Não mandou abrir exceção pra ninguém, eu é que, em atenção ao doutor, fiquei calado, esperando a dica... Não quis forçar a barra, desculpe.

— E aí?

— Aí eu disse que não havia o que desculpar, ordens são ordens e eu não sou de infringir regulamentos. Os regulamentos é que infringem a minha paz, frequentemente. Mas para não dar o braço a torcer, nem me declarar vencido pela competição das cervejas, concluí: Leovigil, traga a de sempre.

— Não quis dizer o nome?

— Não. Minha marca de cerveja — “minha garrafa”, digamos assim, pois a individualidade começa pela garrafa — passou a chamar-se “a de sempre”. Não gosto de mudar as estruturas sem justa causa, nem me interessa dançar de provador de cerveja, entende?

— Mas que custa experimentar, homem de Deus?

— Só por experimentar, acho frívolo. Os moços, sim, não encontraram ainda sua definição, em matéria de cerveja e de entendimento do mundo. Saltam de uma para outra fruição, tomam pileques de ideologias coloridas, do vermelho ao negro, passando pelo róseo, pelo alaranjado e pelo furta-cor. Mas depois de certa idade, e de certa experiência de bebedor, você já sabe o que quer, ou antes, o que não quer. Principalmente o que não quer. E é isso que os outros querem que você queira. Tá compreendendo?

— Mais ou menos.

— Na verdade, não há muitas espécies de cerveja, no mundo das ideias. Mas os rótulos perturbam. Uns aparecem com mulher nua, insinuando que o gosto é mais capitoso. Bem, até agora não vi rótulo de cerveja mostrando mulher com tudo de fora, mas deve haver. Mulher se oferecendo está em tudo que é produto industrial, por que não estaria nos sistemas de organização social, como bonificação?

— Você está divagando.

— Estou. Divagar é uma forma de transformar pensamentos em nuvem ou em fumaça de cigarro, fazendo com que eles circulem por aí.

— Ou se percam.

— E se percam. Exatamente. O importante não é beber cerveja, é ter a ilusão de que nossa cerveja é a única que presta.

Sujeito mais conservador! Ou sábio, quem sabe?

— Meu filho é artista de televisão, contando o senhor não acredita. Eu mesmo às vezes penso que é ilusão. Com oito anos, imagine. Estava brincando na pracinha lá da vila quando passaram uns homens e olharam muito pra ele. Meu filho, não é pra me gabar, mas é uma lindeza de Menino Jesus, aí um dos homens falou assim pra ele. Quer fazer um teste, ó garoto? O que é teste? ele respondeu. Aí o homem explicou, não sei bem qual é a explicação, levaram ele pra um edifício na cidade, tiraram um bocado de retratos dele, depois falaram assim: Você foi aprovado. Aí ele se espantou: Mas eu não fiz exame, que troço é esse? Não é nada de exame não, eles responderam, você foi aprovado pra fazer um comercial, tá bem? Ele neca de saber o que é um comercial, nem eu, mas agora eu fiquei sabendo, é uma coisa à toa, a pessoa nem precisa falar, fica só fazendo uma coisa, comendo doce de leite, devagarinho, com uma carinha alegre, quando acaba passa a língua nos beiços, assim, olha, e pisca o olho, ele é tão engraçado, antes de acabar de comer ele já estava fazendo isso, um negócio. Aí mandaram ele de volta pra casa, não, antes falaram assim pra ele: manda seu pai aqui na agência receber o *cachet*. Ele ficou espantado, falou assim: Que troço é esse? Eles responderam. É tutu. Aí ele baixou a cabeça e respondeu baixinho: Eu não tenho pai. E mãe você tem? Ele respondeu que mãe ele tinha, e levantou a cabeça. Então manda ela aqui, mas o garoto é esperto, deu uma de sabido: Eu mesmo não posso receber? se fui eu que fiz tudo sozinho. Não, você não pode, tem que ser sua mãe, diz a ela que venha das duas às quatro, trazendo carteira de identidade. Bonito, e eu que nunca tive carteira, já pejejei pra tirar uma, dei duro, pedi pro compadre Julião me quebrar esse galho, compadre explicou que carece antes tirar certidão de nascimento, essa é muito boa, então a gente tem que provar que nasceu, eu não estou viva com a graça de Deus e forte e trabalhando? O pior é que nem sei se fui registrada lá em Pilão dos Palmares, chão do meu nascimento, não tenho parentes neste mundo, só tenho no outro, e nem a poder de oração consegui até hoje tirar o papel da tal certidão, afinal eu falei assim pro compadre: Deixa pra lá, sem carteira vivi até hoje, sem ela vou viver até Nosso Senhor me fechar os olhos. Vou lá na agência assim mesmo. Larguei meu serviço. Fui. Tinha um mundão de gente, eu não sabia quem é que podia me atender, andei rolando de uma sala pra outra, até que afinal um cara de bigodão, atrás da parede de vidro com um óculo no meio, falou assim: É comigo, trouxe a carteira? Eu expliquei que carteira eu não tinha, mas sou lavadeira muito acreditada na Zona Norte, muitas madamas da rua Conde de Bonfim podem

atestar que eu sou eu mesma e mãe de meu filho, há vinte e cinco anos que trabalho de lavar roupa. Ele abanou a cabeça, falou assim: Nada feito, não tenho ordem de pagar sem identidade. Mas o meu filho trabalhou, moço, eles ficaram satisfeitos com o trabalho dele, tanto que prometeram pagar um tal de *cachet*, como é que pra pagar a ele é preciso a carteira de outra pessoa, o senhor acha isso direito? Ele não respondeu nada, tornou a abanar a cabeça e eu fiquei matutando: O que tu vai fazer pra sair dessa, Clementina da Anunciação? E comecei a chorar. Aí eles me viram chorando, ficaram com pena de mim, um barbudo que passava disse assim pro bigodão: Paga a ela, Reginaldo. O bigodão resmungou: Tá legal, e me deu um papel passado em três folhas iguais, pra eu assinar nelas todas. Aí eu disse: O senhor me desculpe, mas eu não sei escrever, a cabeça não dá. Então nada feito outra vez, o bigodão respondeu. Aí, eu não tinha mais vontade de chorar e disse assim pra ele: Escuta aqui, moço, quanto é que meu filho tem pra receber? Ele respondeu: cinquenta cruzeiros. Ah, é isso? respondi. Pode ficar pra agência. Perdi meu dia de trabalho, gastei trem, gastei ônibus, andei a pé neste solão, não vou me chatear por causa dessa mixaria. Um cara que estava escutando falou assim: A senhora vai jogar fora esses cinquenta mangos? E daí? respondi pra ele. Meu filho vale muito mais, a gente não fica mais pobre por causa disso, ele agora é artista, amanhã se Deus e a Virgem Maria ajudar, vai ganhar milhões. Nem precisa ganhar, só o orgulho que eu sinto por ele ter passado no teste! Saí de lá com esse orgulho bonito no coração, meu filho é artista, meu filho é artista, ia repetindo sozinha, na rua me olhavam admirados mas eu nem dei bola, fui pra casa e ligo a televisão o dia inteiro, trabalho vendo ela, até chegar a hora de meu filho aparecer no comercial comendo doce de coco. Pobre tem televisão, na vila todos têm, vai ser um estouro quando meu boneco aparecer e piscar o olho, então isso não vale mais que cinquenta, que quinhentos ou cinco mil cruzeiros, ou todos os cruzeiros do mundo?

E seu rosto enrugado cintilava de glória.

Dá licença, cavalheiro? Permite que eu roube dois minutos de sua preciosa atenção? É assunto de interesse geral, esteja certo. Do contrário, não seria eu que viria importuná-lo. Sou muito respeitador do tempo dos outros, lá isto sou. Negócio seguinte. Quer colaborar comigo na pesquisa sociocultural sobre o dia do morador da Guanabara, no tocante à mobilidade? Não se molesta se eu lhe fizer umas perguntinhas ligeiras? Vai responder direitinho, pois não? Ótimo. Bem, a que horas o amigo habitualmente sai de casa? Todos os dias úteis? Ah, depende da noite anterior? Compreendo, mas sai almoçado ou almoça na cidade? Tem carro, é claro? Onde é a garagem? Quantos minutos até lá, para pegá-lo? Se ele está na oficina, vai de táxi, é lógico? Sempre o mesmo, já combinado, ou qualquer um que passe na esquina? E qual o itinerário, se não é indiscrição? Sozinho? Então dá carona aos amigos? E, se não for indagar demais: a moças conhecidas ou desconhecidas? Como? Onde costuma acontecer isso? Uma garota só, mais de uma, como é? Costuma desviar o rumo para ser gentil? Compreendo, compreendo. Quanto tempo leva no percurso normal? E no anormal, o máximo até agora qual foi? Na cidade, onde estaciona? Só a três quilômetros de distância do escritório? Em que rua fica esse edifício? Barão de quê? Das Calças Largas? E o andar, qual é? Os elevadores enguiçam muito? O quê? já subiu a pé vinte andares? E depois foi atendido onde: no Sousa Aguiar ou no Prontocor? Trabalha firme até a hora do almoço? E a que hora é o almoço? Desce para almoçar? O restaurante fica onde? Sempre o mesmo, ou gosta de variar? Sozinho, é? Ah, sim, mas sempre com a mesma pessoa? Como? Varia? Claro, claro. Depois do almoço dá uma voltinha? A que hora está de novo no trabalho? E seu lanche, quando é? Lá em cima mesmo? Quanto tempo leva isso? Costuma descer outras vezes, durante a jornada de trabalho? Para fazer o quê, hem? Sozinho? Mas lojas de que ruas? Demora muito? E o banco, onde é? Outros escritórios também? No mesmo perímetro, é? Pode cronometrar essas atividades externas? Digamos, aproximadamente? Nesses casos, o senhor ainda volta ao escritório, ou? Há outras interrupções de ritmo, que obriguem deslocamento de sua pessoa? Outras, sei lá? O senhor é que deve saber. Fecha a que hora, meu amigo? Sempre, sempre? Mesmo em ocasião de balanço? Balanço no sentido verdadeiro, essa é boazinha, não? Resumindo, acabado o serviço vai direto ao carro, provavelmente? Já sei, passa talvez no bar? Onde fica isso? É bacana? Sozinho, desta vez? Mas é questão de muito tempo? De lá segue para onde, meu caro? Não ouvi bem, faz o obséquio de repetir? Coisa de meia, uma hora no máximo?

Como? Nem perto nem longe? Então é prático, hem? Mas de lá até o estacionamento, quantos minutos? Ah, já estava no carro? Não entendi nada. Será que temos de refazer esta parte do roteiro, para ficar mais claro? Acha que não precisa? Tá bom, deixa. E após, como dizem os puristas? Direto pra casa, adivinhei? Aproveita para passar no posto de gasolina, é? A que altura? Mas então, a que hora consegue chegar em casa, se é que chega? Digamos, o mais tardar? Guardou o carro em que fração de tempo? O jantar é servido sempre à mesma hora? Qual? Depois, vê televisão com a família, ou sai para um cineminha? Acompanhado? É no bairro, ou vai aonde tiver um bom lançamento por aí? No que tiver menos pulga? Boa, essa. E onde é que tem menos? eu também quero ir lá. No seu carro, num de praça, ou no de um amigo? Duas, três vezes por mês ou por semana? Só? E boate? A mesma sempre, ou estica em outras? Em que ruas? Qual o tempo de permanência habitual? E quantas vezes por mês, felizardo? Será que me esqueci de algum detalhe, alguma faixa do seu dia que... Não pode me ajudar, lembrando? Vamos, lembre, lembre, é tão simples. Bem, agora o seu fim de semana. Quais os movimentos do meu amigo, a partir do instante em que põe o pé na rua, no sábado? Falta pouco para terminar, mas que é isso? Está se sentindo mal? Aborrecido comigo? Porventura acha que fui indiscreto, eu que tive o maior cuidado em não devassar o que quer que fosse de sua vida particular, dos refolhos de sua *privacy*? Não, isso não, espere lá, não precisa me dar bolacha, eu saio imediatamente, até logo, socorro, socorro!

polícia

esparadrapo

Aquele restaurante de bairro é do tipo simpatia/classe média. Fica em rua sossegada, é pequeno, limpo, cores repousantes, comida razoável, preços idem, não tem música de triturar os ouvidos. O dono senta-se à mesa da gente, para bater um papo leve, sem intimidades.

Meu relógio parou. Pergunto-lhe quantas horas são.

— Estou sem relógio.

— Então vou perguntar ao garçom.

Ele também está sem relógio.

— E o colega dele, que serve aquela mesa?

— Ninguém está com relógio nesta casa.

— Curioso. É moda nova?

— Antes de responder, e se o senhor permite, vou lhe fazer, não propriamente um pedido, mas uma sugestão.

— Pois não.

— Não precisa trazer relógio quando vier jantar.

— Não entendo.

— Estamos sugerindo aos nossos fregueses que façam este pequeno sacrifício.

— Mas o senhor podia explicar...

— Sem querer meter o nariz no que não é da minha conta, gostaria também que trouxesse pouco dinheiro, ou antes, nenhum.

— Agora é que não estou pegando mesmo nada.

— Coma o que quiser, depois mandamos receber em sua casa.

— Bem, eu moro ali adiante, mas e outros, os que nem se sabe onde moram, ou estão de passagem na cidade?

— Dá-se um jeito.

— Quer dizer que nem relógio nem dinheiro?

— Nem joias. Estamos pedindo às senhoras que não venham de joia. É o mais difícil, mas algumas estão atendendo.

— Hum, agora já sei.

— Pois é. Isso mesmo. O amigo compreende...

— Compreendo perfeitamente. Desculpe ter custado um pouco a entrar na jogada. Sou meio obtuso quando estou com fome.

— Absolutamente. Até que o amigo compreendeu sem que eu precisasse dizer tudo. Muito bem.

— Mas me diga uma coisa. Quando foi isso?

— Quarta-feira passada.

— E como foi, pode-se saber?

— Como podia ser? Como nos outros lugares, no mesmo figurino. Só que em ponto menor.

— Lógico, sua casa é pequena. Mas levaram o quê?

— O que havia na caixa, pouquinha coisa. Eram nove da noite, dia meio parado.

— Que mais?

— Um coisinha, liquidificador, relógio de pulso, meu, dos empregados e dos fregueses.

— Ahn. (Passei a mão no pulso, instintivamente.)

— O pior foi o cofre.

— Abriram o cofre?

— Reviraram tudo, à procura do cofre. Ameaçaram, pintaram e bordaram. Foi muito desagradável.

— E afinal?

— Cansei de explicar a eles que não havia cofre, nunca houve, como é que eu podia inventar cofre naquela hora?

— Ficaram decepcionados, imagino.

— Não senhor. Disseram que tinha de haver cofre. Eram cinco, inclusive a moça de bota e revólver, querendo me convencer que tinha cofre escondido na parede, no teto, embaixo do piso, sei lá.

— E o resultado?

— Este — e baixou a cabeça, onde, no cocuruto, alvejava a estrela de esparadrapo.

— Oh! Sinto muito. Não tinha notado. Felizmente escapou, é o que vale. Dê graças a Deus por estar vivo.

— Já sei. Sabe que mais? Na polícia me perguntaram se eu tinha seguro contra roubo. E eu pensando que meu seguro fosse a polícia. Agora estou me segurando à minha maneira, deixando as coisas lá em casa e convidando os fregueses a fazer o mesmo. E vou comprar um cofre. Cofre pequeno, mas cofre.

— Para que, se não vai guardar dinheiro nele?

— Para mostrar minha boa-fé, se eles voltarem. Abro imediatamente o cofre, e verão que não estou escondendo nada. Que lhe parece?

— Que talvez o senhor precise manter um estoque de esparadrapo em seu restaurante.

ladrões no terraço

— Tem paciência, filhinha, já decidi. Hoje vamos ao cinema de qualquer maneira.

— Mas, Dago, ainda não preparei os sanduíches para o aniversário do Guilherme...

— O Guilherme que pare de fazer anos e de dar festa com sanduíches divinos-maravilhosos. Ao cinema!

— E o Barriga? A gente vai deixar o garoto sozinho em casa? Ele é de morte.

— Chame o Italianinho do 301 para fazer companhia a ele. Assim o Barriga sossega. Ao ci-ne-ma!

D. Neusa sempre achando razões para ficar em casa, trabalhando. Cinema ali pertinho, inaugurado há um mês, filme de Buñuel chamando, marido insistindo. E quando marido escande sílabas, mesmo sendo ótimo como aquele, paira ameaça sobre o casamento. Ela cedeu.

Italianinho acudiu pressuroso ao chamado. No 301, também os pais haviam saído, e a patota de adolescentes curti uma festinha à base de som incrementado e luzes psicodélicas, de que, obviamente, estavam excluídos os menores de doze anos.

— Que que a gente vai fazer?

— Atirar setas e bolinhas na rua. Bolinhas nos carecas, e setas nas perucas das coroas.

— Só nos carecas e nas coroas, não. Em todo mundo.

— Tá.

Subiram os dois, de mansinho, pela escada de serviço, munidos de zarabatanas, bolinhas, setas e muita disposição. A chuvinha ranzinza peneirava, eles nem sentiam. E começou o ataque silencioso na noite. Não tão silencioso, pois corriam de um lado para outro, esbarrando aqui e ali, emitindo ruídos abafados de prazer quando atingiam o alvo — dava para perceber que alguma coisa de estranho se passava no terraço.

Juju, de ouvido afiado, num instante em que o som amortecia na festa, correu ao apartamento de seu Ivo:

— Está na hora da batida.

— Que batida? Vocês prometeram que só haveria chopinho. E o síndico não permite festa de brotos com batida.

— O senhor não morou. Batida para pegar ladrão. Tem gente mexendo no terraço. Escute.

Escutou. Mexiam e paravam. Mexiam e paravam. Ladrões, na certa. Havia dias que vinham frequentando os terraços de edifícios daquele trecho de rua, “limpando” antenas, canos, torneiras, roupas, tudo. Alertados, síndicos e condôminos planejaram um serviço de vigilância. Ao menor sinal suspeito, os próprios moradores de cobertura dariam caça aos larápios, já que os vigias noturnos, como se sabe, têm sono pesado.

Seu Ivo achou prudente telefonar para os moradores das coberturas vizinhas, que compareceram imediatamente. Subiram os três, cada um de calibre 45 em punho. Entreaberta a porta do terraço, detiveram-se no penúltimo degrau, à espreita. Sentindo aproximação de gente (ladrões, sem dúvida), Barriga e Italianinho, tomados de pânico, meteram-se na casa de máquinas. Ladrões avançando, ladrões se escondendo dos outros ladrões — era a situação, debaixo de chuva mansa, durante um silêncio de dez minutos.

— Não vão ficar a noite inteira na casa de máquinas — ponderou seu Ivo. — Esperemos.

E continuaram os três, respiração suspensa, mão no gatilho, aguardando.

Concluindo que se tratava de alarme falso, Italianinho e Barriga foram saindo de leve, pé ante pé, agachados junto à mureta.

— É agora — comandou baixinho seu Ivo. — Vamos atirar pra valer, mas nos pés.

As armas foram baixando lentamente, para a pontaria. Súbito, seu Ivo exclamou, trêmulo, gago:

— Não atirem! Não é o que nós pensamos!

— Está doido, seu...?

— Doido nada. São os moleques!

Seu Ivo reconhecera o Barriga, pelo volume abdominal característico. Entraram rápido no terraço, em direção contrária à dos meninos, para pegá-los desprevenidos. Os dois tentaram fugir, no passo de uma selvagem. Mas Italianinho sentiu uma coisa úmida e cálida escorrer-lhe pelo short, e quedou-se, desamparado, enquanto Barriga dava no pé.

Os homens estavam pálidos.

— Quase que nós matávamos esses diabos!

Voltando do cinema, d. Neusa comentou:

— Viu, Dago? Viu no que dá essa mania de ir ao cinema? A gente paga para ver Catherine Deneuve de perna cortada, e na volta, por pouco pouco, encontra nosso filhinho defunto!

comprar revista

Parou, hesitante, em frente à banca de jornais. Examinou as capas das revistas, uma por uma. Tirou do bolso o recorte, consultou-o. Não, não estava incluída na relação de títulos, levantada por ordem alfabética: *Stern*, *Swank*, *Tic*, *Tim Dane*... Mas quem sabe havia relação suplementar, feita na véspera?

Na dúvida, achou conveniente estudar a cara do jornaleiro. Era a mesma de sempre. Mas talvez ocultasse alguma coisa, sob a aparência habitual. O jornaleiro olhou para ele, sem transmitir informação especial no olhar, além do reconhecimento do freguês.

Peço? perguntou a si mesmo. Ou é melhor sondar a barra?

— Como vão as coisas?

— Vão indo, meio paradas.

— Não tem vendido muita revista?

O jornaleiro fitou-o, sério:

— Nem todo dia é dia de vender muita.

— Eu sei, mas tem revista e revista.

— Lá isso é.

— A lista está completa?

— Que lista?

— Das revistas proibidas.

— Ah, sim, o listão. O senhor queria que não estivesse completo?

— Eu? Perguntei apenas. Gosto de saber das coisas com certeza. Às vezes a gente pede uma revista que não tem mais, que não pode mais ter à venda, e...

— Caso sério — suspirou o jornaleiro.

— Por isso que perguntei. Não quero grilo, entende?

— Entendi.

— Nem para o senhor nem para mim, é lógico.

— Tá legal.

— Além do mais, gosto de cumprir a lei. O senhor também não gosta?

— Muito.

— Sou assim. Sempre gostei. Cumpro a lei, cumpro o decreto, cumpro o regulamento, cumpro a portaria, cumpro tudo.

— Eu também. E daí?

— Daí, não estou vendo a revista que eu queria, e fico sem saber se posso querer, se a lei me autoriza a querer minha revista.

— Bem, se não está no listão, eu tenho.

— E por que não expõe?

— Não posso expor tudo ao mesmo tempo. Tenho que mostrar as revistas esportivas, as de palavras cruzadas, as de cozinha, os fascículos de bichos e viagens, as leis de impacto... Como é que sobra lugar?

— Compreendo. Mas não achando a revista exposta, receei que ela não pudesse mais circular.

— Por quê? Tem muita mulher nua, colorida, página dupla?

— Não.

— Marmanjo nu, como está na moda?

— Também não. De vez em quando publica umas fotos pequeninas, de cenas de filmes ou peças de teatro, com barrigas e pernas de fora.

— Bem, sendo assim...

— Sendo assim, o quê? Estou vendo na sua banca mulheres de posterior de fora, bem salientes, em páginas abertas.

— Ah, mas estas são revistas nacionais privilegiadas. Porque é a minha vez de dizer: tem revista e revista.

— E tem posterior e posterior. Não importa. Não é posterior nem anterior que me interessa ver em revista. Estão na rua, para que procurar no papel? Me interessa é as notícias, é como vai o mundo, e o que se comenta sobre ele. Quero uma revista de atualidades.

— Por que não disse logo?

— Porque tem atualidade e atualidade, então não sei? Pode me vender, o *Time*, ou ele também já foi proibido, como *Der Spiegel* e *Stern*? Veja bem, não desejo comprometer-lo. E muito menos a mim, é evidente. Mas só quero o *Time* se o senhor garantir que posso levar ele para casa sem infringir a lei.

Escutar conversa alheia não é o meu hobby, mas se as palavras entram pelos ouvidos da gente sem pedir licença, que remédio senão escutá-las? No restaurante, em mesa quase encostada à minha, jantavam dois rapazes de pouco mais de vinte anos, vestidos e penteados com esmero (apenas o cabelo um pouco longo), e mantinham o diálogo que reproduzo com possível fidelidade:

— Quanto a isso não há dúvida, meu caro. Cheguei à conclusão de que temos de promover uma política inteligente de especialização setorial.

— É óbvio, mas você não acha que cumpre ao mesmo tempo equacionar o grave estrangulamento do setor externo?

O primeiro concentrou-se, antes de responder:

— Ora, essa meta não oferece percalços, uma vez que se alcance a médio prazo — eu disse a médio prazo — a dinamização de nossas rendas nos mercados forâneos. Correto?

— Mas qual a processualística? Pela fixação de tetos permissíveis?

— Talvez. Penso antes no escalonamento gradativo do aporte de recursos.

O outro ponderou, mansamente:

— Mas você precisa ter em mente a factibilidade das expansões projetadas...

— E não tenho? Nunca perdi de vista o aspecto conjuntural, meu velho.

— Outra coisa. Se não cogitarmos também, em escala prioritária, dos suportes de infraestrutura, já se sabe: nada feito.

— Lá isso é verdade. Quer dizer, em termos. Neste caso, que é que você pretende: que se monte um esquema preferencial?

— Bom, depende. Em última análise, não me parece que se deva imprimir demasiada ênfase à reformulação da estrutura organizacional, mas, por outro lado, levando em conta determinadas circunstâncias sazonais...

— Compreendi. De qualquer forma, há esse problema da capacidade redimensionada para prover as futuras necessidades de expansão. Correto?

— Correto. É como eu costumo esclarecer lá no Centro de Investigações Socioeconômicas de Alto Nível: tudo depende do desempenho do setor de produção, a menos que...

— Já sei. A menos que o processo de decomposição do setor...

— Não. Quanto a este tópico, não estamos absolutamente em consonância. No caso especial — e você bem sabe como ele é especial — da maximização das receitas cambiais...

— Lá vem você com maximização! Que é isso, filho. Você, ao contrário,

minimiza a evidência de que é necessário atuar ao nível de projeto, tendo em perspectiva, por exemplo, os bons frutos do café flexível.

— Ah, é? E você, que em suas análises coloca em segundo plano a inelasticidade das demandas de café? Você nega, faça o favor de me dizer, você nega a distorção gradualista na comparação de preços?

— Calma, não vamos entrar em conflito teórico e muito menos factual. Afinal de contas, convenhamos, tudo resulta, às vezes, do comportamento de equipamentos periféricos de processamento de dados, que nos induzem a postulações suscetíveis de revisão.

— Nisso eu concordo com você. Operacionalmente...

— Não é segredo para ninguém, na área informacional, que eu vivo me empenhando pela elevação do conteúdo tecnológico.

— Nem eu digo o contrário, fique certo disto. Porém, o relacionamento...

— Espere um pouco. Antes que me esqueça, há um ponto nodal: a sistemática da arrecadação, integrada na problemática geral de uma política agressiva de utilização de recursos geotécnico-sócio-humanos, a serviço da globalização do esforço geracional total. Simples, como vê.

— Muito. Eu dirigiria o enfoque para a capacidade subutilizada desse esforço.

— Perfeito. Vamos ao melão com presunto?

— O.k Ao melão com presunto.

Não se deve escutar conversa dos outros, mas aprende-se muito escutando conversa dos outros. Mormente de economistas.

Mulher levantando cedo, com esse frio, e saindo à rua, sem ser para ir ao trabalho? Só se é a fim de aproveitar a lindeza da manhã, essas manhãs fora de série, que maio-junho dão de graça ao carioca, para compensá-lo dos vinagres da vida-cão. Enfim, coisas de 1971.

E de que maneira as elegantes senhoras vão fruir esta manhã espetacular, fria e leve, leve e clara, clara e vitamínica, para não dizer todos os adjetivos pró, que ela merece? É simples. As damas elegantes, as um pouco menos elegantes e as dez por cento elegantes vão à sociedade corretora para jogar na Bolsa.

O contínuo da casa, meu velho conhecido, é quem conta:

— O senhor se lembra? Isto aqui era sossegado, um ou outro cliente, a distração era decifrar palavra cruzada. Agora, é o que está vendo. Começa cedo, acalma um pouco na hora do almoço, de tarde recomeça o entra e sai das donas.

— Das donas somente? Estou vendo uns homens aí dentro.

— Mulher joga mais do que homem, o senhor não tinha reparado? Querem enriquecer correndo, e as que já são ricas querem dobrar. Quando o homem compra ações, pode ser para ele mesmo ou para mulher. Se a mulher compra, é para ela mesma. Eu vivo assuntando, eu moro.

No salão do escritório moderno, umas falavam aos corretores, outras esperavam, em poltronas e sofás, lendo boletins comerciais ou a seção financeira dos matutinos. Algumas, caderninho em punho, tomavam notas, faziam cálculos. Com uma grave atenção de homem de negócios.

— Aquela que o senhor vê ali, aquela magra, de calça comprida, vendeu o apartamento de cobertura para comprar Vale do Rio Doce e Banco do Brasil.

— É doida?

— Ganhou, foi morar no Copa, vendeu a Mercedes-Benz e aplicou tudo em Samitri.

— E daí?

— Ganhou, anda de táxi alugado por mês, e diz que ano que vem vai atacar na Bolsa de Nova York.

Olhei para a próspera senhora. Aparentemente, apenas senhora bem tratada, na flor dos cinquenta, pois os cinquenta bem tratados são orquídeas. Sem joias.

— Joias? Apurou tudo para investir.

Assim, o interesse em possuir joias, carro, apartamento cede ao interesse em possuir títulos que permitam comprar joias, carro, apartamento. Para não comprar. Para ter a representação abstrata, virtual, desses e de outros bens. Se

amanhã aquela senhora deixar o Copa e for morar numa pensão da rua do Resende, tomando o seu ônibus para ir ao escritório da corretora, não a lastimemos, pois não decaiu de status. Tem no quarto um baú de ações de siderurgia, eletricidade, petróleo, para negociá-las amanhã, na alta. Mulher sabe o que faz.

A alegre febre de enriquecer toma conta da população, capitaneada pelas nossas queridas companheiras, que antes não distinguiam uma ação de um programa de cinema. De trinta pessoas com quem conversei sobre mercado de ações, vinte e duas eram mulheres e todas me deram indicações positivas. Dos oito homens, três entendiam do assunto e cinco disseram que só perguntando às suas respectivas mulheres. Mercado a termo, índice de valorização de empresas estatais, lucro líquido disponível, contratos de underwriting — se quiser entrar no coração da matéria, não chame os profissionais, como diz aquele anúncio, chame as mulheres. Ou antes, pode chamar os profissionais, porque os verdadeiros profissionais são as mulheres.

Não sei é se elas dirão tudo que sabem. A senhora que se mudou para o Copa não me pareceu com cara de quem pretende viajar acompanhada para Nova York

caderno infantil

A moda de brinquedos para homem entrou com tal disposição de pegar, que as crianças, em pânico, se interrogam:

— Será que temos de ganhar a vida, enquanto eles brincam?

Pois brincar é tão bom, e os adultos se comprazem tanto com os jogos inventados para eles, que alguns já abandonaram definitivamente o trabalho, entregando-se à curtição lúdica, em regime de tempo integral.

— Me sinto muito gratificado — confessa meu vizinho de trinta e cinco anos, que antes mourejava na Bolsa (era trabalho de mouro, diz ele) e só agora percebeu que mercado de títulos tem muito de brinquedo: pula, desce, roda, enguiça, torna a rodar... mas funde a cuca.

— O Perclique, não. É criativo, estimula a expansão do vocabulário, que andava ficando muito curto, você sabe o que é o português falado hoje por aí. Acelera a atividade mental... e não depende de fatores subterrâneos, entende?

Não sei se já repararam. Em loja de brinquedos, ultimamente, só entra adulto. Desacompanhado. Não vai comprar nada para o filho que faz doze anos, é para si mesmo, porque o colega de escritório lhe garantiu que Palito Bol é uma parada.

Uns entram tímidos, disfarçando, não querem proclamar por enquanto a volta à idade do brinquedo, e morrem de vergonha se lá dentro está o Hermenegildo, que por sua vez se esconde, ou não se esconde: há também os desinibidos, que trazem a infância redescoberta no rosto, no riso franco, na alegria de terem reconquistado o direito de brincar.

Conheço um que, na gula de aproveitar (já fez cinquenta anos, e as coisas que eram desimportantes para ele trocaram de valor com as importantes), toma descaradamente os brinquedos dos pequenos, e chega a brigar com eles quando reclamam seus direitos:

— Os direitos são iguais, e além disto eu não tive a infância regalada que vocês têm.

Filhos mais compreensivos não só permitem o uso de seus aparelhos e jogos pelos pais, como até lhes ministram noções de como fazer funcionar “esse troço aí”. Sabem que adulto custa muito a aprender as coisas, carece de espontaneidade, irrita-se, cansa-se facilmente. É preciso ter paciência com ele. O adulto está apenas começando a descobrir o inconveniente de ser adulto.

O mundo, isto é, o homem anda realmente fatigado, tem coisas demais, problemas e responsabilidades demais. Até ser importante dói. Vamos esquecer

tudo isso — diz ele, em monólogo interior — e aderir à Bola 5. Nada de entretenimentos convencionais nem de emoções extraconvencionais, pois o fenomenal é um de meus tédios mais assíduos. E bolas para a famigerada televisão, que, sendo a cores, se parece demais com as revistas ilustradas, que me enjoam de tanto colorido. O Mahfuz, produtor de TV, está radiante:

— Programa novo, subindo no Ibope?

— Não. É o jogo da velha, que eu jogo toda noite, no horário do meu programa.

Amigos fazem questão de explicar-me que brinquedo de adulto não tem nada de pueril, foi concebido na escala mental do homem. É ainda um esforço de adulto para fazer passar o brinquedo, livrando-se da pecha de infantilismo. Mas vem o garoto ou garota, entra na brincadeira e conta mais pontos que o velho. Fiau!

Sendo assim, homens e mulheres dispostos a brincar (no sentido puro da palavra), vamos deixar de ser hipócritas, e confessemos que a sedução maior dos brinquedos é essa mesmo, é serem brinquedos e condizerem com a eterna criança e sua vida ativa. Deixemos de lado as últimas e desmanteladas pretensões à suposta idade da razão, que é quase sempre desrazão. E adotemos não somente os jogos com fumaças cerebrais, que estão na moda, mas também a amarelinha, o chicote-queimado, o tempo-será, a gata-parida, ocupações deliciosas que tiram todo o tempo e prazer de guerrear.

classificados

cartas de estimação

I Cinquenta anos depois

Perdeu-se um pacote lacrado de cartas de estimação, com as palavras Em caso de morte, ser entregue a Sinhá. Gratifica-se a quem achar. Entregar à rua Benjamin Constant, 139, a Virgínia.

Isto foi publicado em 7 de abril de 1921, e reproduzido em 1971, no alto do caderno de classificados do *Jornal do Brasil*. Casos humanos sempre me interessaram profundamente. O tempo não importa. Alguém terá achado o pacote, entregando-o a Virgínia?

Meu primeiro gesto foi procurar no guia dos telefones (endereços) o nº 139 da Benjamin Constant. Não tem. Passo pelo local e encontro um edifício sem qualquer memória aparente da vida como era a vida em 1921. Inútil sair indagando, apartamento por apartamento, com risco de receber um palavrão: Por obséquio, mora aí um neto ou neta de d. Virgínia?

Já sei que não mora, se bem que, em qualquer edifício de qualquer cidade, morem sempre netos, e, em alguns deles, morem até Virgínias. Mas não é nada provável que, se por absurdo acaso, a Virgínia de 1921 estiver assistindo na televisão à novela *O Cafona*, ela me dê a honra de esclarecer este anoso episódio de cartas de estimação.

Fico sem saber se o pacote foi encontrado. Imagino a aflição de Virgínia. Perder uma preciosidade dessas, que levava sempre consigo, dentro da bolsa... ou não levava, pacote desse tamanho, não são apenas cartas, também flores e fotos, por isso Virgínia o lacrou e meteu na gaveta do guarda-vestidos, havia guarda-vestidos sob o governo Epitácio Pessoa. A chave da gaveta é que ela trazia na bolsa. Mas aconteceu aquela mudança da rua Conde de Bonfim, o móvel era um brutamontes, uma catedral de vinhático, Virgínia teve de esvaziar as gavetas, e na confusão, minha santa Maria Eterna, que fim levou meu pacote lacrado?

Bem que Sinhá tinha prevenido. Olha, Virgínia, sei não, mas eu se fosse você, decorava bem essas cartas, palavra por palavra, beijo por beijo, depois queimava tudinho. Você está doida, Sinhá, e se eu perco a memória? Ora, perde nada... Muito perigoso guardar essas cartas. Se caírem em outras mãos, você está frita. O máximo que Virgínia faz, empurrada pela amiga, é lacrar o pacote, com que dor de alma. Como se enterrasse no quintal o sentimento das cartas, e o lacre fosse um mármore pesado por cima. Aliás, o lacre foi arranjado por Sinhá, trabalha nos Correios, seção de vales postais, onde é que eu, pobre de mim, ia

arranjar lacre, Sinhá é mesmo um anjo. E ainda lhe recomenda: Olha, bota aí no pacote: *Em caso de morte...*

Tanto cuidado, tanta recomendação, e some o pacote. Viu? Eu bem que te avisei, diz Sinhá, afagando os cabelos de Virgínia, que chora em seu ombro. Pôr anúncio é arriscado, mas não tem outro remédio. Por sorte (agora é que eu adivinhei), Virgínia não se chama Virgínia, é nome inventado para não se comprometer se alguém bisbilhotar o pacote. Assim, não vai aparecer o nome verdadeiro de Virgínia, que não sei ainda qual seja. E escusa de eu bater de porta em porta à procura de seus netos improváveis, para saber o fim deste caso. O endereço de Virgínia é de fato a casa de Sinhá, que se chama realmente Sinhá. Quando o desconhecido chegar, tenho fé em Deus que chegue, e perguntar por Virgínia, Sinhá dirá sou eu, recebe o pacote, gratifica o desconhecido. Um anjo, Sinhá. Tempo em que havia anjos.

Tudo isto está meio confuso, admito. Mas também, à distância de cinquenta anos, todas as coisas são mais ou menos confusas, geralmente mais. Se eu tivesse de procurar por alguma das personagens, seria por d. Sinhá. E quantas d. Sinhás existem ainda no Brasil? Resultado, mesmo, nenhum. Tenho de resolver o problema de outra maneira. Veremos.

II / Hipóteses

Sinhá e Virgínia seriam uma única e enrolada pessoa? Parado na rua Benjamin Constant, 139, que, como informei, não existe, mas é como se, pois existe o edifício plantado em lugar da casa, a dúvida me assalta. Doze pavimentos. Em cada pavimento, fácil a conta, quatro apartamentos, doze vezes quatro, são quarenta e oito pistas possíveis a explorar (sem tocar campainha, desisto), partindo desse classificado de 1921 e admitindo, para comodidade da pesquisa, que pelo menos uma fração de propriedade continue em linha reta com os descendentes de Virgínia, digo Sinhá, digo quem perdeu as cartas de estimação.

Nome exato? Aquele ou aquela que empacota sua vida em forma de papéis, preferindo mantê-la sem relê-la, e escreve por fora: em caso de morte ser entregue a, não tem o mínimo desejo de vê-la devassada por estranhos, e, escondendo-se de todo mundo, inclusive de si mesmo, procura esconder-se de sua vida. A simulação de nome explica-se como defesa contra todos, a começar pelo simulador. Eu me troco. Eu me subterrâneo.

Virgínia, sem intenção de trocadilho, não é Virgínia. Sinhá nunca foi Sinhá. Disfarces a encobrir a identidade esquiva, sonho de eternizar a chama oculta em papéis de estimação, mas fazendo-a igualmente incapturável por quem quer que seja. Se continuam a achar-me obscuro, mais obscuro ainda é o conceito de cartas de estimação.

Que espécie de estimação? Reverencial, intelectual, erótica, sacra, econômica,

infantil? E que cartas sigilosas são essas sobre as quais esvoaça, morcego, a hipótese de morte, que transformaria estimação em escândalo, nossa mãe, a Virgínia, hem? quem diria, aquela santinha nunca me enganou, pois há afetos que lá um belo dia, aliás um péssimo dia, explodem em tragédia, pelo menos em vergonha pública. Estamos em 1921, convém não perder de vista que o Rio de Janeiro ainda não se incorporou à aldeia global, é aldeia apenas, ainda se guardam cartas para em caso de morte etc.

Serão cartas, imagino, de Olavo Bilac à musa escondidíssima? Nada de Amélia de Oliveira nem Maria Selika da Costa, casos biograficamente fichados, mas a paixão de outono do príncipe por alguém que ele chamaria de Virgínia para não comprometer dama do nosso escol social, muito em foco nas crônicas mundanas que João do Rio publicara em *O País*. Ou cartas do próprio João do Rio, por que não? Ele amou uma antepassada de Tônia Carrero, pode ter amado outra mulher, e as circunstâncias impunham mistério. Meu receio é que as cartas sejam de d. Pedro II à viscondessa de Tupacaratã, conservadas pela bisneta da destinatária, e dos frios túmulos a legião de namoradas do soberano se levante para exprobrar mais essa infidelidade a cada uma em particular e a todas em bloco. Sim senhor, essa história secreta do Brasil nunca mais acaba de se escrever.

São hipóteses de trabalho, que abandono logo depois de formuladas. Se tais cartas existiram, hoje estariam publicadas por uma revista semanal, com chamada na capa, fotos e tudo. Os netos de Virgínia teriam negociado a bom preço o material. Tudo se vende de nossos antepassados, inclusive amores.

Parado em frente ao edifício. Ruminando essas coisas. Torno-me suspeito. Quer dizer, suspeito de mim mesmo, pois ninguém na rua desconfia de minhas ruminções. Um anúncio, um anúncio no ar, um anúncio no tempo, quem o decifra, quem recebe a gratificação, quem prefere abrir o pacote para mergulhar na intimidade de Virgínia, lambuzar-se de seus segredos, saborear o amor ou o pecado alheio (meio século depois), quem? Sinto que estou rondando área proibida. Desisto? Continuo?

III Revelação

Prezado cronista — Hesitei longo tempo antes de lhe escrever estas linhas com as quais rompo um silêncio de meio século. Receava ser mal compreendido ou, pior ainda, reprovado pela ação que cometi em 1921, embora legalmente esteja mais do que prescrita a culpa que me pudesse ser atribuída. Mas depois de consultar o travesseiro e refletir muito, resolvi fazer-lhe esta confissão. Agora ou nunca. Estou com setenta e dois anos, já sofri dois distúrbios circulatórios, e do terceiro talvez não escape. Espero que corresponda à confiança que deposito em seu critério e que, antes de responder sim ou não, medite na proposta que vou lhe fazer.

Dito isto, apresento-me. Sou funcionário aposentado da Estrada de Ferro Central do Brasil, onde trabalhei com Agripino Grieco. Solteiro, nascido em Miracema, estado do Rio, na mocidade cultivei as letras, do que dá testemunho o meu álbum de recortes de jornais e revistas do Rio de Janeiro e Niterói. (Posso lhe mandar xerox de alguns trabalhos.) Sempre tive paixão pela literatura, mas a vida e a Central não me permitiram alcançar a felicidade de publicar um livro sequer.

Agora a confissão. O pacote de cartas de estimação perdido por Virgínia está em meu poder. Ninguém me confiou esta correspondência. Não a furtei de ninguém. Achei-o num banco da antiga estação da Central, em cuja secretaria eu trabalhava. A imprudente destinatária das cartas esqueceu-as ali, não se tendo, pois, verificado a hipótese formulada em sua crônica, de extravio quando de uma suposta mudança de domicílio. Sei o que são cronistas como o senhor e o José Carlos Oliveira: brincam com a imaginação, de vez em quando. Mas o que conto são fatos. O pacote lá estava chamando alguém que o pegasse, e se não fosse eu, talvez caísse em mãos de um chantagista — e já pensou o que ele faria com essa presa?

Dirá o senhor: Tendo encontrado o pacote, por que não o entregou no endereço indicado, e ainda por cima o abriu, pois do contrário não saberia que o conteúdo dava pretexto a chantagem? Sim, de fato não o entreguei, e podia justificar-me com um sofisma: a recomendação escrita era: em caso de morte. Perto não havia cadáver. Como poderia eu saber se a proprietária do pacote tinha morrido? Não recorro porém a esta justificação. A promessa era: gratifica-se a quem achar. Por muito que me tentasse a gratificação, prevaleceu outro interesse. Palpitei ali dentro um romance sensacional. Levei o volume para casa, dilacerei o lacre e devassei o conteúdo. Ação reprovável? Eu tinha vinte e um anos (só completei vinte e dois no dia seguinte) e era, ou pretendia ardentemente ser, escritor de ficção. Errei? Quem tiver a mesma idade que eu tinha, e alimentar idênticas ambições, me atire a primeira pedra.

Li as cartas dirigidas a Virgínia e fiquei fascinado. Continham a mais estranha e perturbadora história de amor que poderia acontecer no Rio de Janeiro no começo do século. Era material de primeira ordem para um romance superior a tudo que então se escrevia por aqui e mesmo no estrangeiro. O amante de Lady Chatterley, de D. H. Lawrence, ainda dormia no cérebro de seu autor, e só dez anos depois Henry Miller começaria a trabalhar Tropic of Cancer. Por aí o senhor faz ideia da natureza das “cartas de estimação”. Depois de as ter lido, como entregá-las a Virgínia ou Sinhá, se eram dirigidas por esta àquela, criando profundo constrangimento para nós três, e para mim a responsabilidade penal da revelação do sigilo, além da perda de um tema soberbo?

Este segredo posso revelá-lo agora. Desde então me interessei, de longe, pela vida de ambas as mulheres, que já não são deste mundo e não deixaram descendência nem parentes próximos ou remotos. Não penso em divulgar as

cartas como documentário humano ou de costume, longe disto. Mas é evidente que delas se pode extrair um romance ou argumento de filme capaz de competir com as produções avançadas desses dois gêneros, que correm mundo. Estou velho para escrever o romance, falta-me técnica para compor o argumento. Daqui a pouco morrerei também. Que fazer com este pacote que já me pesa e que contém uma história de 1971 vivida há cinquenta anos? Proponho o seguinte: o senhor transforme-a num produto literário acabado, e o assinamos de parceria. Abro mão de direitos autorais, não da coautoria. Não lhe dou endereço para resposta. Não telefonarei. Responda-me em sua crônica: “Autor Irrealizado: procure-me tal dia, em tal lugar, a tantas horas”. Cordialmente, (a) Autor Irrealizado.

IV E agora?

Telefonema I

— Alô! Eu queria falar com o cronista das “Cartas de Estimação”. É o senhor mesmo? Boa tarde. Aqui fala... bem, o senhor não me conhece. Mas eu lhe peço uma coisa. Me ouvir com atenção cinco minutos. Estou acompanhando a série, e a carta de hoje do Autor Irrealizado me obrigou a telefonar para o senhor. Eu não podia ficar em silêncio diante dessa coisa monstruosa. Como? Isso mesmo que eu disse, monstruosa. Esse tal de autor mostra que nunca se realizou, por isso inventa essas infâmias todas. O que ele escreve é só mentira, mentira, mentira. Hem? Não senhor, ignoro quem é esse cara. Mas juro por Deus que não há um átomo de verdade nas fofocas que ele espalha sobre Virgínia. Como que eu posso jurar? Ora, Virgínia era minha tia-avó, meu senhor. Tia Viviu. Morreu há trinta e cinco anos, eu não cheguei a conhecê-la. Ela era solteira, de fato, mas tinha um coração maternal, por isso criou mamãe, que ficou órfã de pai e mãe com dois anos de idade. Mamãe, que morreu muito jovem, coitada, me contava de tia Viviu as coisas mais bacanas, o amor que ela dedicava à humanidade, à natureza, à criação em bloco. Tia Viviu era um sonho, bonita por fora e por dentro, na alma, nos sentimentos puríssimos. Sinhá? Sinhá era amiga de infância de tia Viviu, entende? Elas cresceram juntas, mamãe falava que Sinhá também era uma doçura de gente. Ah, aquele cretino não pode compreender o que é uma amizade assim (essa gente põe Freud em tudo), feita de absoluta confiança, de doação mútua de almas. Então envolve nesse lixo a memória de tia Viviu e Sinhá. Aquele imundo, aquele... O senhor tem razão, vou me conter, fazer força para. Olho o retrato de tia Viviu, tão meiga, uma expressão tão limpa nos olhos claros, os olhos dela eram de uma claridade de água-marinha, sabe? e fico uma leoa: o que que esse... desculpe, escapou, foi dizer dessa santinha que está no céu ao lado das santas mais santas? Olhe, eu estou por dentro dessa história de cartas de tia Viviu, sabe? Mamãe me contou que tia Viviu não se conformava de ter

perdido um pacote de cartas de estimação, assim mesmo que ela dizia, mas foi só por uma semana, ela botou anúncio e o pacote apareceu. Está vendo como é papo furado o que esse porcaria lhe contou? Tia Viviu morreu em 1936, Sinhá tinha morrido um ou dois anos antes. Mamãe ia entregar o pacote a quem? Queimou, lógico. O senhor queria que ela abrisse? Ah, pensei, pelo tom da sua voz... É, queimou bem queimadinho, era o que tinha a fazer, né? Tia Viviu não recomendou mais nada depois da morte de Sinhá, ficou tão abatida, o senhor não calcula: amizade da vida inteira. Agora pergunto: se as cartas foram queimadas, como é que o canalha conserva o pacote em seu poder, coisa aliás que se fosse verdade seria uma vileza? Conserva coisa nenhuma. Está sacando para cavar publicidade. Hem? Francamente, não sei informar. É possível sim. Possível que esse velho bandalho tenha querido namorar tia Viviu e fosse repelido. Mamãe contava que tia Viviu recusou montes de pedidos de casamento. Inclusive de um deputado federal, Marques de Sousa, ou Buarque de Sousa, me esquece o nome direito. Ela dizia que não podia amar ninguém em particular, porque amava o mundo inteiro, desde as estrelas e os seres humanos até os insetos, as ervinhas, areias... essa coisa toda. Com certeza ele foi repelido, guardou ressentimento, e cinquenta anos depois, lendo sua crônica sobre o pacote... Mas eu queria uma coisa do senhor. Na hora de se encontrar com o velho, eu estar presente. O senhor me leva? Eu quero, eu faço questão de desmascarar esse sujeito. Eu... Por favor, por favor, não desligue!

Telefonema II

— Alô, é o poeta? Boa noite. Olhe, poeta, um conselho: não entre nessa jogada das cartas de Virgínia. Assunto muito sério... Quanto ao Autor Irrealizado, não passa de um mitômano. Quem sou? Não importa. Sou um que sabe das coisas. Estou avisando. As cartas estão muito bem guardadas em lugar sigiloso. Só em 2015 poderão ser publicadas... Para começo de conversa, Virgínia e Sinhá não eram Virgínia e Sinhá, nem eram mulheres, nem se amavam. Linguagem em código, meu caro. Negócio mexendo com gente importante daquela época, os descendentes estão aí, coisas de política internacional, grupos econômicos, um bololô dos diabos. Vamos deixar isso em paz, tá? Já falei demais, não devia explicar tanto. Durma bem, poeta!

V / (In)conclusão

Chovem comunicados sobre o paradeiro, a natureza, a existência ou inexistência das cartas pertencentes a Virgínia-1921. Até o momento em que escrevo, cinco pessoas afirmam possuí-las e pretendem: a) conservá-las inéditas; b) doá-las à

seção de manuscritos da Biblioteca Nacional; c) vendê-las pela melhor oferta (este diz que até já botou classificado no jornal); d) transformá-las em fotonovela; e) aguardar o termo destes escritos para melhor deliberação. Três outras pessoas garantem que as cartas jamais existiram: o anúncio era reclame de uma papeleria muito avançada para o tempo, que vendia *sous le manteau* certo tipo de literatura marota hoje de trânsito universal; cada semana saía um anúncio estranho ou pitoresco, servindo de senha para os consumidores. De *Almanaque Laemmert* em punho, o sr. M. A. B. prova, ou julga provar, que o nº 139 da rua Benjamin Constant, dado como endereço de Virgínia, era delegacia de polícia naquela época. Delegacia, não: padaria, corrige o sr. G. L., dizendo-se neto do proprietário do estabelecimento, o que não prova nada, pois Virgínia podia trabalhar no balcão ou no forno.

Começo a suspeitar que esta história não acabará jamais: irá se desdobrando em possibilidades que levarão às ruas vizinhas, a outros bairros e até a outras cidades e países; em princípio, nada impede que as cartas tenham ido parar na Bósnia-Herzegovina. Os testemunhos se sucedem e se anulam uns aos outros, mas todos encerram aquele mínimo de verdade que flui da boca dos mentirosos.

Basta que um bebê, um dia, tenha sido batizado ou registrado em cartório com o nome de Virgínia, para que um infinito de situações existenciais se desenrole em seu redor, enganando-o em múltiplas direções e cruzamentos; Virgínia, ou outro nome qualquer. Que direi então de Sinhá, a brasileiríssima Sinhá que todos nós conhecemos em diferentes edições físicas e uma só edição moral, Sinhá nossa tia/madrinha/camaradérrima, que fazia e guardava doce de leite para a criança que fomos um dia e, mesmo, continuamos a ser, embora hoje demos preferência acentuada a salgadinhos e uísque? Sinhá não se liga apenas à sorte numerosa de Virgínia, mas às sortes tão variadas e divergentes de nós todos. Impossível figurar o número de variações a que o nome de Sinhá, o de Virgínia e os nomes próprios em geral (por que próprios? às vezes são de uma impropriedade crispante), ricos, gordos de acontecimentos viáveis, cotidianos, singulares, minúsculos, de meia altura, gigantescos, enigmáticos, problemáticos, podem estar ligados, no mover desta máquina de potencialidades que é o mundo. A rua Benjamin Constant, 139, que digo? o simples corredor que leva a um dos quartos desse número, a escadinha de três degraus que dá acesso a esse corredor oferecem apenas o esboço de uma epopeia urbano-psicológica em oitocentos volumes, e não estou exagerando, é cálculo modesto de mineiro.

Sinto que não posso ir tão longe. Não devo. Nem é minha intenção dar uma de Pirandello barato, *così è se vi pare...* Já se disse que de um lugar-comum ele tirou um trabalho de arte. Eu faço crônicas, por muito favor cinco, sobre o tema, e faltam-me condições de repórter, dramaturgo, pesquisador social, historiador, detetive e folclorista.

Dou por encerrada aqui minha visita à rua Benjamin Constant, 139, às suas

sombras e papéis. Deixo, a quem quiser e souber, o encargo de prosseguir nas investigações, deduções e bolações, ler as cartas (cartas, sempre cartas!) que continuam a chegar, contendo revelações surpreendentes sobre as duas supostas mulheres, ou homens, já nem sei mais o que são, atender aos telefonemas idem, apurar a verdadeira verdade ou as verdadezinhas subjacentes, e concluir — se é que alguma coisa se conclui, na infindável cadeia de acontecimentos e de não acontecimentos igualmente plausíveis.

Adeus, mistério postal de 1921.

*Colecionadora dos mais lindos guarda-chuvas se desfaz
de toda coleção.
Avenida X, tel...*

— Desculpe, a senhora é mineira?

— Não senhor. Catarinense. Por que pergunta?

— Porque os mineiros é que apreciam particularmente guarda-chuvas.

— Os catarinenses não podem também interessar-se por eles, como colecionadores?

— Claro que sim. Perguntei por perguntar. Como lhe veio o gosto da coleção?

— Ah, não sei. Por que é que uma pessoa gosta de sorvete de tamarindo, e passa a vida inteira só tomando sorvete de tamarindo?

— Perdão, mas esse é o antiolecionador por excelência.

— Colecionar guarda-chuvas também é uma forma de excluir todas as outras coleções possíveis.

— Como assim?

— Não vê que não combina? Guarda-chuva tem muita personalidade. Mesmo colocado entre outros objetos, não se mistura. É um sozinho.

— De fato, guarda-chuva é triste.

— Triste? Engano seu. Orgulhoso, talvez. Orgulho discreto, com base na utilidade e na beleza, coisas que nem sempre andam juntas.

— Mas a cor preta...

— Quem lhe disse que o guarda-chuva há de ser preto, e que o preto é necessariamente uma cor desolada? A alegria dos pretos, a musicalidade, o samba, o senhor acha isso triste? E tem guarda-chuva de toda cor, não é só guarda-sol que pode se enfeitar de cores. A gente é que não sabe colorir a vida, e cria o preconceito de que a determinadas coisas devem corresponder determinadas cores.

— É mesmo. Começo a ver o guarda-chuva sob outro prisma.

— Fico satisfeita de saber. Meu marido era como o senhor. Não ligava para guarda-chuva, dizia que é acessório incômodo, até ridículo. Acabou zelador da coleção, e chegou a descobrir exemplares raros, que enriqueceram o conjunto.

— Já sei que vai sentir falta de sua coleção.

— Muita. Nem calcula. São trinta anos de convivência com eles, ouviu? De certa maneira é como se fossem... O senhor vai rir de mim.

— Absolutamente.

— Como se fossem meus filhos. Isso mesmo. Filhos. Nós não tivemos nenhum. A menina que adotamos cresceu, casou e mudou para longe. Eu tinha o sentimento disponível, pouco a pouco fui derivando para os guarda-chuvas. A princípio gostava mais da sombrinha de mamãe. Natural, era lembrança de família. Depois, comecei a sentir qualquer coisa diferente nas peças que já colecionava. Por que colecionava, não sei. Achava engraçado, entende?

— Que havia de diferente?

— Havia o sentido, a natureza, a alma do guarda-chuva, se posso dizer assim. São tão diferentes de todos os objetos de uma casa. Os outros se deixam usar. Eles, de natural recolhidos, abrem-se em festa, já reparou? Reparou nada. Guarda-chuva aberto é uma explosão de alegria, que pouca gente percebe. E se for uma peça de arte, como esse da China, que eu tenho...

— Será dos antiquíssimos, daqueles usados só por imperadores e príncipes?

— Bom, o que posso lhe garantir é que ele é mais velho do que o Brasil. Esses assim, a gente venera, não se ousa abrir nem para visitas. Só em grandes dias, num ritual...

— Compreendo.

— Sempre sonhei ter um egípcio, um assírio, dos tempos mais remotos. Como não foi possível, consolo-me com estampas. Mas o senhor verá uma peça francesa do século XVI, quando a corte de lá começou a usá-lo.

— E vai vender tudo isso?

— Não vou vender, vou me desfazer. Não posso mais conservar a coleção. Chega um dia em que o colecionador tem de decidir sobre o futuro do que lhe é caro. Estou velha e viúva, sem herdeiros. Tentei conseguir do governo a criação do Museu do Guarda-Chuva; eu doaria tudo. Disseram-me que nem pensasse nisso. Doar a um dos museus existentes seria misturar meus guarda-chuvas com uma parafernália incompatível. Eles seriam subestimados, sofreriam. Então me desfaço, me desligo deles, passando-os a um colecionador que tenha no máximo quarenta anos. Que idade tem o senhor?

— Sessenta e cinco.

— Lamento, mas o senhor não vai ficar com os meus guarda-chuvas.

viúva loura

- “Viúva, vinte e um anos...”
- Tadinha. A vida é isso.
- “Loura...”
- Melhorou.
- “Fazendeira, rica...”
- Epa, muda completamente de figura.
- “Pertencente a tradicional família mineira...”
- Corta essa!
- “Recém-chegada do interior...”
- Então, não custa sondar a barra.
- “Procura companhia masculina...”
- Ainda bem que é masculina. Tou às ordens.
- “Que seja jovem...”
- Você acha que trinta e oito anos está na pauta?
- “Bem-intencionado...”
- Nunca fui outra coisa na vida.
- “De fino trato...”
- Não é por me gabar, mas...
- “Conhecedor dos pontos pitorescos do Rio...”
- Que é que ela entende por pontos pitorescos? Eu prefiro pontos estratégicos.
- “Para passeios e...”
- Etc., lógico.
- “Futuro compromisso matrimonial...”
- Corta! Corta!
- É mesmo.
- Aliás, eu não tenho mais trinta e oito. Tinha, semana passada.
- E rica... Rica de quê? Talvez de predicados, apenas.
- Poxa, até parece que você está querendo a viúva pro seu bico. Pera aí, mau-caráter.
- Eu? Vê lá se eu vou nessa onda de anúncio. Tou prevenindo pra você não se grilar. Viúva mineira, loura... Se é mineira, não deve ser loura. Se é loura, é artificial. Se é artificial...
- Deixa a viuvinha ser loura e mineira, deixa.
- Olhe, eu conheci uma loura que, além de outros negativos, era careca.
- Ora, peruca resolve.

— Sei não, mas tudo isso junto — mineira, viúva, loura, vinte e um anos, rica...

— Que é que tem?

— É exagero. Não precisava ter tantas qualidades.

— Foi uma graça de Deus.

— Você não merece tanto.

— Será outra graça de Deus.

— Deus não deve ser assim tão desperdiçado com suas graças.

— Lá vem você querendo dar instruções ao Altíssimo. Perde essa mania.

— Bom, mas você não sabe que mineiro esconde milho até do monjolo?

— Continua.

— “Cartas com sigilo absoluto...”

— Evidente.

— “Indicações pessoais...”

— Minha ficha é mais limpa do que caixa-d’água de edifício quando o síndico vai ao terraço.

— “E fotos...”

— Arrgh! Só tenho 3x4, muito fajuta. Mas tiro de calção, frente, perfil e fundos.

— “Para a portaria deste jornal, sob nº 019 834.”

— Pera aí. Tou anotando. 019?

— 834.

— Legal. 834 é o número do meu edifício, dezenove é pavão, que tem a perna dourada. Lê mais.

— Já li tudo, ué.

— Lê outra vez. Repete.

— Vai decorar?

— Vou gravar melhor na cuca, vou raciocinar em bloco, vou...

— Se habilitar, né?

— Correto.

— Calma, rapaz. Sabe lá que espécie de viúva é essa?

— Vou ver pra conferir.

— Pode nem ser viúva.

— E daí?

— Diz que tem vinte e um anos, mas quem garante que não é modéstia? Às vezes tem três vezes vinte e um.

— Então você admite que ela é mineira.

— E que cria galinha sem ração, na base da parapsicologia?

— Também sou mineiro, uai.

— E nunca me confessou! Eu jurava que você fosse capixaba.

— Fui. Questão de limites, minha terra passou pra banda de cá. Não espalha,

sim?

— Me tapeou esse tempo todo!

— Esquece.

— Vai ser dura a parada: mineira loura versus mineiro mascarado.

— Fica em família, né?

— A tradicional?

— As duas. Eu na minha, ela na dela.

— Agora sou eu que digo: tadinha.

— Por quê? Se ela botou anúncio, quer transar. Eu transo. No figurino.

— É verdade que tem muito carioca por aí, muito paulista, muito nortista, espiando maré. Talvez você chegue tarde.

— Duvido. Você sabe que nessas coisas sou meio Fittipaldi. Comigo é Fórmula

1.

— Mineiro contando prosa? Nunca vi isso.

— Bem, mineiro é capaz de contar prosa só pra esconder que é mineiro...

— Chega, amizade, você já ganhou a viuvinha com fazenda e tudo, pode crer!

festas

Modesto beneficiário do INPS, X. foi ao banco receber o benefício aumentado de fim de ano. Junto ao guichê, o desconhecido de cara aberta catucou-o:

— Dá-me o prazer de aceitar uma pequenina lembrança?

(Mais um chato querendo me impingir um brinde que não servirá para nada e me custará cinquenta cruzeiros.)

O homem estendeu-lhe um desses calendários de bolso, que reduzem o ano às proporções de um dia de folhinha de desfolhar.

(Em breve, a que se reduzirá o tempo?)

— Obrigado — e recebeu o presente.

— Quem agradece sou eu. Sinto verdadeira satisfação em oferecer calendários a determinados cavalheiros.

(Esse cara é gozado. Por que fica satisfeito com uma coisa dessas? Pensa que está me dando um lote de ações do Banco do Brasil?)

— A estampa é bonita — comentou, para dizer qualquer coisa.

— Não é? Eu que bolei. A janela aberta para o céu e para o mar. Janela de cobertura, vê-se logo. Repare que não se enxerga nem a praia nem a rua. Só o essencial, o infinito.

(Além do mais, com babados de literato.)

— Não preciso chamar a atenção do amigo para os símbolos. Sei que beliscou imediatamente a minha ideia.

(Não precisa chamar, mas está chamando, para o que ele chama de símbolos.)

— Perfeito. Vejo pelo anúncio que o senhor é técnico...

— Em restauração de persianas e venezianas, e também de gelosias, para servi-lo. Minha especialidade.

— Pois quando eu precisar lá em casa, sr. Teopompo, me lembrarei do senhor.

— Quero que se lembre sempre de mim. Pode parecer que estou botando banca, mas não é à toa que me chamo Teopompo.

(Matusquela.)

— Como assim?

— Enviado de Deus, sabe? Foi o professor Nascentes que me explicou. Claro que não me atribuo tamanha importância. Mas um nome assim influi na gente, é responsabilidade. Ele ditou minha profissão.

(É; diagnóstico perfeito.)

— Não sirvo para missionário, me faltam as luzes, aquele saber, mas

restaurando janelas abro um horizonte para os meus semelhantes, não lhe parece?

— E fecha também.

— Não diga isso. Quando a persiana desce, está abrindo para o espaço, como direi... interior. O mesmo que fechar os olhos. Fechar os olhos é abri-los para o miolo da gente. É cavar um túnel dentro de nós mesmos. De vez em quando, ou melhor, frequentemente, é ótimo fazer isto.

(Onde que ele quer chegar com esse papo furado?)

— Com licença. O caixa vai me pagar.

— Toda. Como eu dizia, os homens têm necessidade de usar uma janela, coisa que pouco se faz hoje em dia. Quem é que chega à janela do apartamento para ver, não digo a batida de carro na rua, mas as nuvens, o sol rompendo ou baixando, as gaivotas, os pombos, as cores, os reflexos? Quem vê mais a Lua? O senhor? Duvido. Não leve a mal, mas a gente, o senhor inclusive, só espia o que está a meio metro de distância, nem isso. Hoje tudo é televisão, é cassete, se vê e se ouve por tabela. Troço sem graça.

(E daí?)

— Bom, vou me despedir.

— Se permite, mais uma palavrinha. Cuide bem de suas janelas.

— Terei presente.

— No material e no moral. Pessoas de sua idade...

(Minha idade? Que diabo ele tem com isso?)

— Como?

— É quando se deve olhar mais em redor, reparar bem, para descobrir o que vale a pena, o coração de cada coisa. Janeiro está estourando aí, vamos abrir a janela para janeiro.

— Isso todo mundo abre, queira ou não queira.

— Falo de um modo particular de abrir. Com jeito, com mansidão. Não escancarar logo, entende? Aos golinhos, não deixando as réguas da persiana se embaralhar, os cordões embolar. Descobrir o ano novo como... posso dizer?

— Não sendo contra a segurança nacional, pode.

— Como se despe a mulher amada, ou ela se despe pra gente. Valorizando as coisas.

(Até que ele tem ensino.)

— Olhe devagar, saboreando a novidade das coisas que embaçaram com o ano velho e voltam a ficar lustrosas no ano novo. Não gaste com o olhar, hem? para que elas durem o ano inteiro. Se é bom, dura até mais. Mas doze meses é prazo regular de duração. Tempo de restaurar a janela.

(Pronto. Entra a mensagem.)

— Restaurar a janela é um meio de restaurar a vista e o visto. Não digo isto para vender o meu peixe. Pergunto por perguntar: há muito tempo que não

reforma suas persianas?

— Francamente, não me recordo.

— Então, meu caro, elas devem estar caindo de cansadas. Neste caso...

— Agora percebi.

— O quê?

— O senhor fica junto ao guichê dos aposentados porque acha que eles devem morar em apartamentos adquiridos há mais de trinta anos, portanto com persianas gastas. Fatalmente serão seus clientes.

— E haverá mal nisso? Não acha que eu faço bem aos aposentados? A reforma das persianas é um começo de reforma de vida. Vamos, comece bem o ano! Quem lhe fala é Teopompo Cardoso, semienviado de Deus!

X. aprendeu a lição mais simples de ano novo.

auto brasileiro de natal

Margem da estrada Cuiabá-Rio Branco. Para o caminhão; desce o diretor e instala o alto-falante.

DIRETOR. — Aqui, neste lugar, se realizará o espetáculo. Podia ser em outro qualquer. Os atores ainda não chegaram? (*Consulta o relógio.*) Puxa vida, sempre atrasados. Mas não tem problema. Esta é uma peça que se representa por si mesma. Não carece de texto, de produtor, de artistas nem de diretor. Eu mesmo, que modéstia à parte sou diretor diplomado, sindicalizado, premiado etc., estou aqui de xereta: adoro ver as coisas acontecendo.

CORO FEMININO (*longe*). —

É tarde, meus chuchuzinhos,

é tarde, Rita e João.

Se não forem para a cama,

desligo a televisão.

DIRETOR. — Ouviram? É sempre assim: querem impedir as crianças de assistir aos melhores programas. Como se fosse possível espetáculo sem criança. A criança é o próprio espetáculo. Mas não tem problema. Os garotos crescem por dentro, escondido dos adultos. Os garotos tomam conhecimento de tudo, eles participam, eles...

CORO MASCULINO (*metálico, menos distante*). — Índice BV médio, 45,2 pontos, batendo novo recorde. Ações da Paraíso Terrestre S.A. em ascensão-foguete, cotadas a 287 cruzeiros. Cinco apostadores da Loteria Esportiva, que marcaram o empate de 0 x 0 entre o Santa Teresinha de Manaus e o Inhançã de Jequiê, faturaram dois bilhões — eu disse dois bilhões — cada um. Hora de lucrar, lucrar: aplique bem os seus doze por cento do 157, indo ao...

(*O coro emudece, a um gesto de impaciência do diretor, que se dirige ao caminhão e tira de lá uma caveira de boi e uma máscara de burro, para colocá-las no leito da estrada.*)

DIRETOR. — Estas é que são as melhores figuras do elenco; não falam vírgula, e cumprem religiosamente com a obrigação. Vieram para ser testemunhas oculares silenciosas. (*Volta ao caminhão e retira dele uma lanterna,*

que pendura alto, no ar, entre a caveira e a máscara. A lanterna acende-se, com brilho intenso.)

Digam o que disserem, não há festa
mais simples, mais bacana do que esta.
A luz do céu entoa uma seresta
que chega ao mais profundo da floresta.

(Música de fundo. Surge à esquerda o índio Kadiuéu, assustado, trazendo espanador e chocalho.)

ÍNDIO. — Gô-noeno-hôdi está levando surra de laço no pantanal. Gô-noeno-hôdi, nosso criador, companheiro nosso. E não reage. Ele é fraco, ele é pobre como a gente. A gente achamos que não merecemos ter um criador mais forçudo do que ele.

(Inclina-se, move o espanador, sacode o chocalho diante da lanterna, em sinal de reverência, e sai pela direita, conservando expressão de receio, enquanto aparece do mesmo lado a Baiana, pura ondulação.)

BAIANA. — Eu vim dançar nas sete linhas dos sete planetas, com o meu colar de sete voltas, de contas de sete cores, de roxo e de amarelo, de azul e de rosa, de verde e de vermelho e de laranja, eu vim dançar. Saravá, meu filho!

(Samba diante do foco de luz e sai pela esquerda, sambando sempre. Aparecem no centro e avançam compassadamente o Fabricante de Roupas Super, o Fabricante de Calçado Maximus e o Produtor de Leite em Pó Marvellous, trazendo oferendas.)

1º FABRICANTE. — Ele não pode, ele não pode ficar vestido de nuvem.

2º FABRICANTE. — Absolutamente não pode ficar calçado de espinho.

PRODUTOR. — De jeito nenhum não pode ficar alimentado de febre.

1º FABRICANTE. — A roupa que eu vou dar a ele é toda de prata mais fina de São Domingos do Prata.

2º FABRICANTE. — O sapato que eu trouxe para ele é de ouro puro da Mina da Passagem.

PRODUTOR. — O leite que eu fabriquei pessoalmente para ele é especialíssimo, tirado da Vaquinha Encantada.

1º FABRICANTE. — Primeiro ele tem que vestir.

2º FABRICANTE. — Não senhor. Primeiro tem que calçar.

PRODUTOR. — Negativo. Antes de mais nada, tem que beber. (*Engalfinham-se.*)

DIRETOR. — Que é isso?! Calma no Brasil e na América Latina! Calma no globo terrestre e no espaço sideral já ocupado. O resto do cosmo deve estar tranquilo, ao que presumo. Não se pode festejar sem brigar? Amar sem guerrear?

(Ouve-se a cantoria que se aproxima, alegre.)

Mas que zoeira gostosa é essa? Que alegria é essa, que parece brotar do chão? Ah, logo vi, são as Pastorinhas que vêm dar o recado.

(Afastam-se os contendores, ainda agitando os braços, enquanto irrompem de todos os lados as Pastorinhas, formando três grupos.)

1º GRUPO. —

O dia ficou mais claro,
a noite mais transparente.
O caramujo na praia
virou joia de repente.

OS TRÊS GRUPOS. —

Virou joia de repente.

2º GRUPO. —

Baila, baila, baila, baila,
ô morena,
que o ribeirão lavou,
que o ribeirão levou
a tua pena.

OS TRÊS GRUPOS. —

Que o ribeirão levou

a tua pena.

3º GRUPO. —

Oi canta, meu sabiá! Oi canta, meu jasmineiro!

Oi canta, meu vestido novo! Oi canta, minha vida nova!

É hora de cantar, é hora, é hora, é hora!

Oi canta, meu povo!

OS TRÊS GRUPOS. —

Vim de Santa Catarina,
do Rio Grande do Norte,
vim de Goiás, vim de Minas,
de Sergipe, de Alagoas,
de São Paulo e Pernambuco,
de Roraima roraimundo,
de pra lá do pé do mundo,
de a pé, de a cavalo,
de avião e trem de ferro,
de carona e de bilhete,
vim nadando, vim remando,
vim voando,
vim cantando,
vou cantando o amor, a paz!

*(Bailam em volta da luz e retiram-se com a mesma
alacridade. Aparece o Anjo Triste, de uma asa só.)*

DIRETOR. — Qual é mesmo o teu papel? Eu esperava um anjo todo jubiloso, com uma trombeta radiosa.

ANJO. — Ele não pôde vir, está ocupado com um festival lá em cima. Então me mandou em seu lugar, sem me dar instruções.

DIRETOR. — Devias ter chegado antes de todos, para anunciar. Agora não é mais necessário. Mas podes ficar por aí alguns instantes.

ANJO. — Devia anunciar... tudo?

DIRETOR. — Tudo não. Claro que não se deve anunciar tudo, para que haja esperança. Apenas o começo, a alegria do começo, e o desejo de que o começo dure indefinidamente.

ANJO. — Coisas bem desagradáveis acontecerão com ele.

DIRETOR. — Eu sei.

ANJO. — Ninguém pode evitá-las, parece.

DIRETOR. — Há coisas que não podem ser evitadas.

ANJO. — Se fosse possível, bem que eu gostaria de contar a todos. Pelo menos ficariam alertados, sofreriam menos depois.

DIRETOR. — A questão é que, sem depois, nada precisava acontecer.

ANJO. — Se eu ficasse mais tempo aqui embaixo... e na hora marcada o substituísse, morresse por ele...

DIRETOR. — Isso não figura no texto, meu caro. Mas, com a devida licença, que pretensão a sua! Vamos, nem pense uma coisa dessas.

ANJO. — Então volto para lá de onde eu vim. Falhei no cumprimento de minha missão. Nem ao menos vi aquilo que o boi e o burro viram: a luz acender.

DIRETOR (*batendo-lhe no ombro*). — Os anjos falham, como os homens, querido.

(Desaparece o Anjo. Um pela direita, outro pela esquerda, entram os Hermeneutas, sobraçando livros, jornais, cartazes.)

1º HERMENEUTA. — A lição dos textos é claríssima. Ele vem para instaurar a paz entre os homens.

2º HERMENEUTA. — Entre os homens não. Só entre os homens de boa vontade. É claríssima a lição dos textos.

1º HERMENEUTA. — Ora, os outros se renderão à mansuetude de sua palavra.

2º HERMENEUTA. — Mansuetude? Ele pegará do chicote, expulsará os vendilhões, derrubará as mesas.

1º HERMENEUTA. — Vem pregar o amor.

2º HERMENEUTA. — Vem proclamar a justiça.

1º HERMENEUTA. — A justiça com misericórdia.

2º HERMENEUTA. — A justiça, pelo combate.

1º HERMENEUTA. — O seu reino — atenção para este ponto — não é deste mundo.

2º HERMENEUTA. — Isto é muito importante: o seu reino começa neste mundo.

1º HERMENEUTA. — Em que ficamos?

2º HERMENEUTA. — Ficamos na mesma. Em divergência.

(Mostram-se mutuamente seus livros, jornais e cartazes, e ameaçam brigar, mas o Diretor os afasta para fora, com delicadeza.)

DIRETOR. — Discutem há muitos anos, sem chegar a um acordo. O espetáculo não terminaria, se continuassem a falar. E querem ir além da peça. A peça é tão simples! Decerto já notaram que está faltando alguma coisa... Não, não falta. Procurem bem e haverão de encontrá-la. No texto não está escrito, mas talvez esteja em vocês mesmos. Aliás, tudo se passa mais dentro de nós do que nesta estrada. Há uma grande solidão, que se povoa desde que saibamos enchê-la e, como a estrada se enche sem que seja preciso chamar ninguém, tocar nenhum sino... Para que foi que eu trouxe este alto-falante, se não precisava?

(Voltam todos, lentamente, em silêncio, e postam-se em redor da lanterna, como no presépio. Música de fundo.)

Nota da edição

A primeira edição do livro *De notícias & não notícias faz-se a crônica: Histórias — diálogos — divagações*, com crônicas de Carlos Drummond de Andrade publicadas no Caderno B do *Jornal do Brasil*, foi impressa em 1974 pela Livraria José Olympio Editora, que o republicou em 1975, 1978 e 1979. A partir de 1987, data da quinta edição, o livro passou a ser publicado pela editora Record, que o reeditou em 1993, 2004, 2007 e 2010. Além dessas nove edições, seletas do livro foram publicadas algumas vezes nos volumes das obras do autor da editora Nova Aguilar.

Adotou-se como texto-base para este estabelecimento a quarta edição, de 1979, última em vida do autor, publicada pela editora José Olympio. Cotejamos também o texto com o da primeira edição, de 1974, e ambos são iguais.

EDUARDO COELHO

as cabriolas de
carlos drummond de andrade
Eduardo Coelho

O livro *De notícias & não notícias faz-se a crônica: Histórias — diálogos — divagações*, de Carlos Drummond de Andrade, foi publicado em 1974 pela Livraria José Olympio Editora, reunindo textos originalmente destinados ao Caderno B do *Jornal do Brasil*. De imediato, o título e o subtítulo deste volume sugerem ao leitor um repertório criativo no mínimo variado, sobretudo ao levar-se em consideração as diversas acepções das palavras “história” e “divagação”, bem como as numerosas possibilidades de um autor explorar as “notícias”, as “não notícias” e os “diálogos”. Trata-se de uma pluralidade técnica facilmente constatada nestas crônicas, que ainda corresponde à sua variedade de assuntos.

Não há, contudo, um apanhado desconexo de crônicas. Ao contrário, observa-se no humor uma das características que traz unidade ao seu conjunto. Entrevistado por sua filha para o jornal *O Globo*, Drummond declarou que buscava, por meio da crônica, “corrigir” o primeiro caderno, onde se encontrava “um estoque fabuloso de terremotos, assassinatos, intrigas, misérias, pobreza, desabamento de favelas, tudo isso”. Considerava então o ofício de cronista “o de uma espécie de palhaço, de *jongleur*, que dá cabriolas, dá saltos, faz molecagens, para distrair um pouco o leitor comum”¹. O humor é, sem dúvida alguma, um dos mecanismos mais vigorosos com que emenda a tragicidade das manchetes do primeiro caderno, além de oferecer, dessa maneira, um divertido espetáculo em torno de muitos temas. Comparativamente ao discurso da imprensa, revela ainda, muitas vezes, uma compreensão mais profunda acerca dos fatos retratados e do mundo.

Posteriormente afirmaria, em terceira pessoa, na crônica “Ciao”, quando se despediu do Caderno B do *Jornal do Brasil*, que “procurou extrair de cada coisa, não uma lição, mas um traço que comovesse ou distraísse o leitor”. Em seguida, discute o papel da crônica e do cronista:

Crônica tem esta vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata do editorialista, forçado a definir uma posição correta diante dos grandes problemas; não

exige de quem a fez o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma em que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte, religião e o mais que imaginar se possa. Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não se exige do cronista geral a informação ou o comentário precisos que cobramos dos outros. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial, e desperte em nós a inclinação para o jogo da fantasia, o absurdo e a vadição.²

Em *De notícias & não notícias faz-se a crônica*, são frequentes “o jogo da fantasia, o absurdo e a vadição”, que também concedem unidade a esta antologia. É justamente essa “inclinação” do autor que evidencia muito do humor das situações, elaboradas com frequência como texto ficcional ou como testemunho — embora os limites entre ficção e testemunho sejam regularmente dissolvidos. Em muitas crônicas, o testemunho se manifesta por intermédio da ficção ou vice-versa.

Há uma estratégia refinada nas crônicas drummondianas de elaborar situações ficcionais a partir de fatos históricos ou de sintomas graves da realidade daquela época, muitos dos quais permanecem latentes. Porém, o humor e o tom de conversa amistosa de suas crônicas, permeadas regularmente por fatos de linguagem do português falado no Brasil, atenuam o peso de notícias do primeiro caderno, sem, no entanto, abandonar uma dimensão crítica. É o caso de “Viadutos”, crônica na qual se estabelece um diálogo ficcional com um morador de rua:

— Endereço do colega?

— Viaduto São Sebastião, pilastra nº 4, lado esquerdo, na Presidente Vargas. Apareça por lá.

— Ótimo. Vou aparecer, mas agora não. Estou de mudança.

— Se não for indiscrição, pode-se saber para onde?

— Não sei ainda. Moro no viaduto de Japeri, aliás muito confortável, mas compreende, né? Um pouco longe. Procuro um na cidade.

— Já experimentou Botafogo?

— Fui eu que inaugurei. Era uma habitação deliciosa, aliás duas, com vista panorâmica, banho de mar em frente etc. Mas sabe o que aconteceu: estragaram aquilo, botaram jardins, espelhos d'água...

— É. Estão sempre atrapalhando.

— Espelho d'água, vá lá, serve para a toalete. Mas o jardim...

- Jardim não é bom para secar roupa?
- Em tese. Mas há sempre um guarda querendo defender as plantas, implicando com os moradores.
- Tem razão. Na vida, o essencial é paz.

O mesmo tipo de estrutura formada por diálogos, com humor e perspectiva crítica associados indissolivelmente, pode ser identificado em “O delicado” (acerca do desemprego e da competição no mercado de trabalho) e “Serás ministro” (sobre a dificuldade de ascensão social). Portanto, seu intento de divertir o leitor não resulta em alienação. Sem qualquer sensacionalismo característico dos meios de comunicação, ele pretende abordar questões caras ao mundo contemporâneo e oferecer ao leitor outra via de conscientização. Nesse sentido, é notável o papel de Carlos Drummond de Andrade como testemunha de fatos relevantes da história do Brasil e do mundo,³ o que ele próprio destacou na crônica “Ciao”:

Assistiu, sentado e escrevendo, ao desfile de onze presidentes da República, mais ou menos eleitos (sendo um, bisado [Getúlio Vargas]), sem contar as altas patentes militares que se atribuíram esse título. Viu de longe, mas de coração arfante, a 2ª Guerra Mundial, acompanhou a industrialização do Brasil, os movimentos populares, frustrados mas renascidos, os ismos de vanguarda que ambicionavam reformular para sempre o conceito universal de poesia; anotou as catástrofes, a Lua visitada, as mulheres lutando a braço para serem entendidas pelos homens...⁴

Testemunha do regime militar, iniciado em 1964, Drummond aborda a “Censura” — tratada com cê maiúsculo — como a questão central da crônica “Peça nova”, em que o narrador, um dramaturgo, faz a seguinte consideração: “Tem-se visto a Censura desaprovar o que aprovou, mandando retirar do cartaz aquilo que antes autorizara a ser mostrado. Dá o dito por não dito. Darei então o não dito por dito”. Por fim, diante de todos os obstáculos impostos pela “Censura”, conclui:

Prossigo pois no trabalho, com amor e pertinácia, animado do propósito de achar uma saída para o teatro nacional em face da Censura. Eis a fórmula: a peça que, por onde quer que se lhe pegue, não se deixa pegar. Pela supressão da linguagem e das conotações impróprias que toda palavra traz consigo, senão intrinsecamente, pelo jeito com que é pronunciada, pelo olhar que a sublinha, pelo gesto ou suspeita de gesto etc. Sentido? Deixa pra lá.

Em “Enciclopédia carioca”, na seção II/Verbete do guarda-chuva, analisa a

política internacional “da tolerância e passividade em face da agressão nazifacista” do primeiro-ministro da Grã-Bretanha à época, Neville Chamberlain, a partir da qual “se viu: uma segunda guerra mundial, dura de vencer. E foi mesmo vencida? Multidões facistas, na Itália e em outros pontos do globo, sugerem dúvida a esse respeito”. O ponto de vista desenvolvido pelo cronista é muito inusitado, pois atribui a responsabilidade desses fatos históricos às “varetas, demasiado flexíveis” do guarda-chuva do referido primeiro-ministro. Em casos dessa natureza, em que se formam relações imprevisíveis, como a “política de tolerância” e as “varetas, demasiado flexíveis” do guarda-chuva do primeiro-ministro, desponta não apenas a testemunha dos “ismos da vanguarda que ambicionavam reformular para sempre o conceito universal de poesia”, mas também o excepcional poeta de *A rosa do povo*, de 1945, entre outros. Nesse exemplo, Carlos Drummond de Andrade parece ter levado em consideração a ideia surrealista de que nada está demasiadamente distante que não possa ser posto em relação. Por meio de uma construção associativa inusitada, ele surpreende o leitor e o atrai para questões caras ao século XX, como o nazifacismo, sem abandonar seu compromisso com a diversão.

O poeta também envereda por uma série de crônicas sobre questões linguísticas, como em “Entre palavras”, “Excelências”, “Modos de xingar”, “Receita”, “O outro” e “O verbo matar”. Na primeira dessas crônicas, adota a técnica da enumeração caótica, muito presente em sua poesia e teorizada por Leo Spitzer — a quem inclusive faz referência — no livro *Chaotic Enumerations in Modern Poetry*. Cada parágrafo de “Entre palavras” apresenta uma listagem caótica de palavras, que não se associam pela via lógico-racional:

Você que me lê, preste atenção. Não deixe passar nenhuma palavra ou locução atual pelo seu ouvido sem registrá-la. Amanhã, pode precisar dela. E cuidado ao conversar com seu avô; talvez ele não entenda o que você diz.

O malote, o cassete, o spray, o fuscão, o copião, a Vemaguette, a chacrete, o linóleo, o nylon, o *nycron*, o ditafone, a informática, a dublagem, o sinteco, o telex... existiam em 1940?

A crônica forma-se através do registro de palavras recém-criadas ou incorporadas há pouco, naquela época, ao uso corrente. Mediante o arranjo caótico de vocábulos, a listagem cria uma série de choques semânticos, destacando, conseqüentemente, o som e o sentido de cada palavra, como a justaposição de “Vemaguette”, “chacrete” e “linóleo”. O estranhamento que causam as palavras reunidas pelo cronista ilumina, paradoxalmente, cada um dos vocábulos. É um procedimento extensamente desenvolvido por ele em sua poesia, conforme “Nosso tempo” e “Canto ao homem do povo Charlin Chaplin”, ambos de *A rosa do povo*:

*Ó conta, velha preta, ó jornalista, poeta, pequeno historiador urbano,
ó surdo-mudo, depositário de meus desfalecimentos, abre-te e conta,
moça presa na memória, velho aleijado, baratas dos arquivos, portas rangentes,
solidão e asco,
pessoas e coisas enigmáticas, contai;
capa de poeira dos pianos desmantelados, contai;
velhos selos do imperador, aparelhos de porcelana partidos, contai;
ossos na rua, fragmentos de jornal, colchetes no chão da costureira, luto no
braço, pombas, cães errantes, animais caçados, contai.*⁵

E:

*[...] Mas, ó mitos
que cultuamos, falsos: flores pardas,
anjos desleais, cofres redondos, arquejos
poéticos acadêmicos; convenções
do branco, azul e roxo; maquinismos,
telegramas em série, e fábricas e fábricas
e fábricas de lâmpadas, proibições, auroras.*⁶

Já na crônica “Excelências” discute a questão dos modismos linguísticos, substituídos de uma para outra geração. Trata-se de um registro semelhante ao da história da língua, que indica o caráter orgânico do uso do idioma, bem como a criatividade dos falantes ao cunhar novas palavras (“bacana”, “bacanérrimo” e “balacobaco”) ou subverter o sentido de expressões já consagradas (“legal” e “é o suco”).

No conjunto de crônicas em torno do uso do idioma, compreende-se melhor o significado das “divagações” do subtítulo deste livro, pois não há qualquer dimensão acadêmica em sua análise. O cronista se põe como observador e não intenta, em torno desse lugar que ocupa, engendrar qualquer discurso científico. Ao contrário, firma-se mais uma vez, agora nessas crônicas, o humor e a leveza de quem se ocupa prazerosamente das palavras e dos fenômenos linguísticos. As “divagações” aqui não se caracterizam por uma linha tortuosa de raciocínio, à moda romântica; revelam, porém, um desprendimento e uma mobilidade criativa que, no campo das letras, só o cronista parece ter, até mesmo por se tratar de um gênero sem receituário limitador.

A liberdade é tamanha que há crônicas nas quais tanto as inventividades do falante da língua quanto os fatos de linguagem — que se desviam das orientações da gramática normativa — são incorporados aos diálogos. É o caso de uma série de frases de “Aconteceu alguma coisa”: “Não saio daqui enquanto os caras não aparecerem”; “... alguém apalpou ela...”; “Um padre abriu caminho e entrou lá dentro [...] Padre mesmo, desses de batina, sacumé?”; “Tem muita falsificação pelaí”. Desse modo, o cronista não se põe somente como observador, mas como

agente de dispersão da inventividade linguística.

O cronista-observador é, no mesmo grau, um cronista-voyeur, sempre atento aos acontecimentos da cidade. É nesse papel que lhe cabia recolher fatos curiosos, líricos e/ou perturbadores. Em “Conversa alheia”, afirma, dissimuladamente: “Escutar conversa alheia não é o meu hobby, mas se as palavras entram pelos ouvidos da gente sem pedir licença, que remédio senão escutá-las?”. E que remédio — o leitor pode questionar — senão reproduzi-las criativamente?

Se não há intenção acadêmica nesse processo de registro e incorporação de criações e recriações linguísticas, bem como nos fatos de linguagem, a longo prazo suas crônicas ganham até mesmo uma função “museológica”, podendo servir a estudiosos do português falado no Brasil. Há um sabor inquestionável nas ocorrências do português falado recolhidas em uma série de textos deste livro. Parte do prazer da leitura relaciona-se ainda ao fato de que as transformações linguísticas evidenciam sintomas das mudanças de hábitos sociais ou mesmo da coexistência de comportamentos contrastantes diante de um mesmo fenômeno, de qualquer dimensão ou relevância. Sua função “museológica-documental” é ampla, e escrutina-se por sendas das mais distintas faunas.

De notícias & não notícias faz-se a crônica revela um elogio da diferença, um encantamento pela invenção e um contentamento acerca do surgimento ou da retomada de certas atividades que estavam à margem de algum tempo passado. Exemplo notável desse último caso é a crônica “Umbigo”, em que Drummond trata das meninas de bicicleta, para depois analisar a exposição de seus umbigos:

Com ou sem bicicleta, o umbigo feminino, particularmente o juvenil, é hoje uma festa da cidade. Os olhos pousam nele antes de tudo; não mais no rosto, ou nas pernas, e isso está certo e conforme às leis do ser humano, pois no umbigo se localiza o centro, o ponto fundamental da figura, na estética da natureza.

Como de costume nesse gênero da literatura, Carlos Drummond de Andrade contemplou questões da mais diversa importância: do nazifacismo ao umbigo das mulheres, dos grandes fatos históricos aos acontecimentos mais triviais; o que também é notável em sua poesia, igualmente sintomática da excepcional variedade de técnicas adotadas e assuntos desenvolvidos. Sua habilidade estilística era imensurável: capaz de engendrar enredos a partir de diálogos; associar elementos aparentemente incompatíveis entre si; fazer descrições sucintas, mas de alta eficiência; lançar atenção sobre fatos menosprezados. Talvez o grande segredo da literatura drummondiana esteja em uma afirmação da crônica “Cartas de estimação”: “Casos humanos sempre me interessaram profundamente”. É desse interesse que o cronista oferece o seu melhor, de modo divertido e, ao mesmo tempo, profundo.

-
- 1 Ver “Carlos Drummond de Andrade fala a Maria Julieta Drummond de Andrade”. *O Globo*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1984.
- 2 Carlos Drummond de Andrade, “Ciao”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 29 nov. 1984. Caderno B, pp. 8-9.
- 3 Acerca dessa questão, ver João Camillo Penna, *Drummond: testemunho da experiência humana*. Brasília: Abravideo, 2011. É possível fazer download do livro no site do Projeto Memória, mantido pela Fundação Banco do Brasil.
- 4 Carlos Drummond de Andrade, op. cit., p. 8.
- 5 Carlos Drummond de Andrade, *A rosa do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 25.
- 6 Ibid., p. 162.

Leituras recomendadas

ARRIGUCCI JR., Davi.

Enigma e comentário: Ensaios sobre literatura e experiência.

São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CANDIDO, Antonio.

Recortes.

Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

PENNA, João Camillo.

Drummond: testemunho da experiência humana.

Brasília: Abravídeo, 2011.

Cronologia

- 1902 Nasce Carlos Drummond de Andrade, em 31 de outubro, na cidade de Itabira do Mato Dentro (MG), nono filho de Carlos de Paula Andrade, fazendeiro, e Julieta Augusta Drummond de Andrade.
- 1910 Inicia o curso primário no Grupo Escolar Dr. Carvalho Brito.
- 1916 É matriculado como aluno interno no Colégio Arnaldo, em Belo Horizonte. Conhece Gustavo Capanema e Afonso Arinos de Melo Franco. Interrompe os estudos por motivo de saúde.
- 1917 De volta a Itabira, toma aulas particulares com o professor Emílio Magalhães.
- 1918 Aluno interno do Colégio Anchieta da Companhia de Jesus, em Nova Friburgo, colabora na *Aurora Colegial*. No único exemplar do jornalzinho *Maio...*, de Itabira, o irmão Altivo publica o seu poema em prosa “Onda”.
- 1919 É expulso do colégio em consequência de incidente com o professor de português. Motivo: “insubordinação mental”.
- 1920 Acompanha sua família em mudança para Belo Horizonte.
- 1921 Publica seus primeiros trabalhos no *Diário de Minas*. Frequenta a vida literária de Belo Horizonte. Amizade com Milton Campos, Aagar Renault, Emílio Moura, Alberto Campos, Mário Casassanta, João Alphonsus, Batista Santiago, Aníbal Machado, Pedro Nava, Gabriel Passos, Heitor de Sousa e João Pinheiro Filho, habitués da Livraria Alves e do Café Estrela.
- 1922 Seu conto “Joaquim do Telhado” vence o concurso da *Novela Mineira*. Trava contato com Álvaro Moreyra, diretor de *Para Todos...* e *Ilustração Brasileira*, no Rio de Janeiro, que publica seus trabalhos.

- 1923 Ingressa na Escola de Odontologia e Farmácia de Belo Horizonte.
- 1924 Conhece, no Grande Hotel de Belo Horizonte, Blaise Cendrars, Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, que regressam de excursão às cidades históricas de Minas Gerais.
- 1925 Casa-se com Dolores Dutra de Moraes. Participa — juntamente com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo — do lançamento de *A Revista*.
- 1926 Sem interesse pela profissão de farmacêutico, cujo curso concluíra no ano anterior, e não se adaptando à vida rural, passa a lecionar geografia e português em Itabira. Volta a Belo Horizonte e, por iniciativa de Alberto Campos, ocupa o posto de redator e depois redator-chefe do *Diário de Minas*. Villa-Lobos compõe uma seresta sobre o poema “Cantiga de viúvo” (que iria integrar *Alguma poesia*, seu livro de estreia).
- 1927 Nasce em 22 de março seu filho, Carlos Flávio, que morre meia hora depois de vir ao mundo.
- 1928 Nascimento de sua filha, Maria Julieta. Publica “No meio do caminho” na *Revista de Antropofagia*, de São Paulo, dando início à carreira escandalosa do poema. Torna-se auxiliar na redação da *Revista do Ensino*, da Secretaria de Educação.
- 1929 Deixa o *Diário de Minas* e passa a trabalhar no *Minas Gerais*, órgão oficial do estado, como auxiliar de redação e, pouco depois, redator.
- 1930 *Alguma poesia*, seu livro de estreia, sai com quinhentos exemplares sob o selo imaginário de Edições Pindorama, de Eduardo Frieiro. Assume o cargo de auxiliar de gabinete de Cristiano Machado, secretário do Interior. Passa a oficial de gabinete quando seu amigo Gustavo Capanema assume o cargo.
- 1931 Morre seu pai.
- 1933 Redator de *A Tribuna*. Acompanha Gustavo Capanema durante os três meses em que este foi interventor federal em Minas.

- 1934 Volta às redações: *Minas Gerais*, *Estado de Minas*, *Diário da Tarde*, simultaneamente. Publica *Brejo das Almas* (duzentos exemplares) pela cooperativa Os Amigos do Livro. Transfere-se para o Rio de Janeiro como chefe de gabinete de Gustavo Capanema, novo ministro da Educação e Saúde Pública.
- 1935 Responde pelo expediente da Diretoria-Geral de Educação e é membro da Comissão de Eficiência do Ministério da Educação.
- 1937 Colabora na *Revista Acadêmica*, de Murilo Miranda.
- 1940 Publica *Sentimento do mundo*, distribuindo entre amigos e escritores os 150 exemplares da tiragem.
- 1941 Mantém na revista *Euclides*, de Simões dos Reis, a seção “Conversa de Livraria”, assinada por “O Observador Literário”. Colabora no suplemento literário de *A Manhã*.
- 1942 Publica *Poesias*, na prestigiosa Editora José Olympio.
- 1943 Sua tradução de *Thérèse Desqueyroux*, de François Mauriac, vem a lume sob o título *Uma gota de veneno*.
- 1944 Publica *Confissões de Minas*.
- 1945 Publica *A rosa do povo* e *O gerente*. Colabora no suplemento literário do *Correio da Manhã* e na *Folha Carioca*. Deixa a chefia do gabinete de Capanema e, a convite de Luís Carlos Prestes, figura como codiretor do diário comunista *Tribuna Popular*. Afasta-se meses depois por discordar da orientação do jornal. Trabalha na Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN), onde mais tarde se tornará chefe da Seção de História, na Divisão de Estudos e Tombamento.
- 1946 Recebe o Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d'Oliveira.
- 1947 É publicada a sua tradução de *Les Liaisons dangereuses*, de Laclos.
- 1948 Publica *Poesia até agora*. Colabora em *Política e Letras*. Acompanha o enterro de sua mãe, em Itabira. Na mesma hora, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, é executado o “Poema de Itabira”, de Villa-Lobos, a partir do seu poema

“Viagem na família”.

- 1949 Volta a escrever no *Minas Gerais*. Sua filha, Maria Julieta, casa-se com o escritor e advogado argentino Manuel Graña Etcheverry e vai morar em Buenos Aires. Participa do movimento pela escolha de uma diretoria apolítica na Associação Brasileira de Escritores. Contudo, juntamente com outros companheiros, desliga-se da sociedade por causa de atritos com o grupo esquerdista.
- 1950 Viaja a Buenos Aires para acompanhar o nascimento do primeiro neto, Carlos Manuel.
- 1951 Publica *Claro enigma, Contos de aprendiz e A mesa*. O volume *Poemas* é publicado em Madri.
- 1952 Publica *Passeios na ilha e Viola de bolso*.
- 1953 Exonera-se do cargo de redator do *Minas Gerais* ao ser estabilizada sua situação de funcionário da DPHAN. Vai a Buenos Aires para o nascimento do seu neto Luis Mauricio. Na capital argentina aparece o volume *Dos poemas*.
- 1954 Publica *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*. É publicada sua tradução de *Les paysans*, de Balzac. A série de palestras “Quase memórias”, em diálogo com Lia Cavalcanti, é veiculada pela Rádio Ministério da Educação. Dá início à série de crônicas “Imagens”, no *Correio da Manhã*, mantida até 1969.
- 1955 Publica *Viola de bolso novamente encordoad*. O livreiro Carlos Ribeiro publica edição fora de comércio do *Soneto da buquinagem*.
- 1956 Publica *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*. Sai sua tradução de *Albertine disparue*, ou *La fugitive*, de Marcel Proust.
- 1957 Publica *Fala, amendoeira e Ciclo*.
- 1958 Uma pequena seleção de seus poemas é publicada na Argentina.
- 1959 Publica *Poemas*. Ganha os palcos a sua tradução de *Doña Rosita la Soltera*, de García Lorca, pela qual recebe o Prêmio Padre Ventura.

- 1960 É publicada a sua tradução de *Oiseaux-Mouches Ornithorynques du Brésil*, de Descourtiz. Colabora em *Mundo Ilustrado*. Nasce em Buenos Aires seu neto Pedro Augusto.
- 1961 Colabora no programa *Quadrante*, da Rádio Ministério da Educação. Morre seu irmão Altivo.
- 1962 Publica *Lição de coisas*, *Antologia poética* e *A bolsa & a vida*. Aparecem as traduções de *L'Oiseau bleu*, de Maeterlinck, e *Les Fourberies de Scapin*, de Molière, recebendo por esta novamente o Prêmio Padre Ventura. Aposenta-se como chefe de seção da DPHAN, após 35 anos de serviço público.
- 1963 Aparece a sua tradução de *Sult (Fome)*, de Knut Hamsun. Recebe, pelo livro *Lição de coisas*, os prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do PEN Clube do Brasil. Inicia o programa *Cadeira de Balanço*, na Rádio Ministério da Educação.
- 1964 Publicação da *Obra completa*, pela Aguilar. Início das visitas, aos sábados, à biblioteca de Plínio Doyle, evento mais tarde batizado de “Sabadoy le”.
- 1965 Publicação de *Antologia poética* (Portugal); *In the Middle of the Road* (Estados Unidos); *Poesie* (Alemanha). Com Manuel Bandeira, edita *Rio de Janeiro em prosa & verso*. Colabora em *Pulso*.
- 1966 Publicação de *Cadeira de balanço* e de *Natten och Rosen* (Suécia).
- 1967 Publica *Versiprosa, José & outros, Uma pedra no meio do caminho: biografia de um poema, Minas Gerais (Brasil, terra e alma), Mundo, vasto mundo* (Buenos Aires) e *Fyzika Strachu* (Praga).
- 1968 Publica *Boitempo & A falta que ama*.
- 1969 Passa a colaborar no *Jornal do Brasil*. Publica *Reunião* (dez livros de poesia).
- 1970 Publica *Caminhos de João Brandão*.
- 1971 Publica *Seleção em prosa e verso*. Sai em Cuba a edição de *Poemas*.

- 1972 Publica *O poder ultrajovem*. Suas sete décadas de vida são celebradas em suplementos pelos maiores jornais brasileiros.
- 1973 Publica *As impurezas do branco*, *Menino antigo*, *La bolsa y la vida* (Buenos Aires) e *Réunion* (Paris).
- 1974 Recebe o Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários.
- 1975 Publica *Amor, amores*. Recebe o Prêmio Nacional Walmap de Literatura. Recusa por motivo de consciência o Prêmio Brasília de Literatura, da Fundação Cultural do Distrito Federal.
- 1977 Publica *A visita*, *Discurso de primavera* e *Os dias lindos*. É publicada na Bulgária uma antologia intitulada *Sentimento do mundo*.
- 1978 A Editora José Olympio publica a segunda edição (corrigida e aumentada) de *Discurso de primavera e algumas sombras*. Publica *O marginal Clorindo Gato e 70 historinhas*, reunião de pequenas histórias selecionadas em seus livros de crônicas. *Amar-Amargo* e *El poder ultrajoven* saem na Argentina. A PolyGram lança dois LPs com 38 poemas lidos pelo autor.
- 1979 Publica *Poesia e prosa*, revista e atualizada, pela Editora Nova Aguilar. Sai também seu livro *Esquecer para lembrar*.
- 1980 Recebe os prêmios Estácio de Sá, de jornalismo, e Morgado Mateus (Portugal), de poesia. Publicação de *A paixão medida*, *En Rost at Folket* (Suécia), *The Minus Sign* (Estados Unidos), *Poemas* (Holanda) e *Fleur, Téléphone et jeune fille...* (França).
- 1981 Publica, em edição fora de comércio, *Contos plausíveis*. Com Ziraldo, lança *O pipoqueiro da esquina*. Sai a edição inglesa de *The Minus Sign*.
- 1982 Aniversário de oitenta anos. A Biblioteca Nacional e a Casa de Rui Barbosa promovem exposições comemorativas. Recebe o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Publica *A lição do amigo*. Sai no México a edição de *Poemas*.
- 1983 Declina do Troféu Juca Pato. Publica *Nova reunião*

e o infantil *O elefante*.

- 1984 Publica *Boca de luar e Corpo*. Encerra sua carreira de cronista regular após 64 anos dedicados ao jornalismo.
- 1985 Publica *Amar se aprende amando, O observador no escritório, História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte). Lançamento comercial de *Contos plausíveis*. Publicação de *Fran Oxen Tid* (Suécia).
- 1986 Publica *Tempo, vida, poesia*. Sofrendo de insuficiência cardíaca, passa catorze dias hospitalizado. Edição inglesa de *Travelling in the Family*.
- 1987 É homenageado com o samba-enredo “O reino das palavras”, pela Estação Primeira de Mangueira, que se sagra campeã do Carnaval. No dia 5 de agosto morre sua filha, Maria Julieta, vítima de câncer. Muito abalado, morre em 17 de agosto.

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA E PROJETO GRÁFICO

warrakloureiro
sobre fotografia de David Drew Zingg/
Acervo Instituto Moreira Salles.

FOTO DO AUTOR

Fotografia de Carlos Drummond de Andrade
da p. 1: DR/ Luisa Alphonsus, 1977.

ESTABELECIMENTO DE TEXTO

Ronald Polito

PREPARAÇÃO

Maria Fernanda Alvares

REVISÃO

Marina Nogueira

Carmen T. S. Costa

ISBN 978-85-8086-848-7

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 – São Paulo – SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br